REVISTA DA SEMANA





NESTE NÚMERO:

COSME E DAMIÃO – OS "DOIS-DOIS"

★

DEFENDE-SE O SR. EDGAR ESTRELLA

★

BEJA – DE MARIANA ALCOFORADO

★

UMA VISITA ÁS OBRAS DO ESTÁDIO

N.º 41 ★ 8/10/1949
CR$ 3,000 EM TODO O BRASIL

OS HÁBITOS ADQUIRIDOS NA INFÂNCIA...





Joaquim Mendes

PERDURAM POR TÔDA A VIDA

CONTA POPULAR

Depósito inicial 50,00
Limite 100.000,00
Juros .... 6% ao ano

BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A.

CAPITAL Cr$ 60.000.000,00

FILIAL: Av. Presidente Vargas, 509

AGÊNCIAS NO RIO: Bandeira, Castelo, Madureira e Ramos



UMA DATA ESQUECIDA

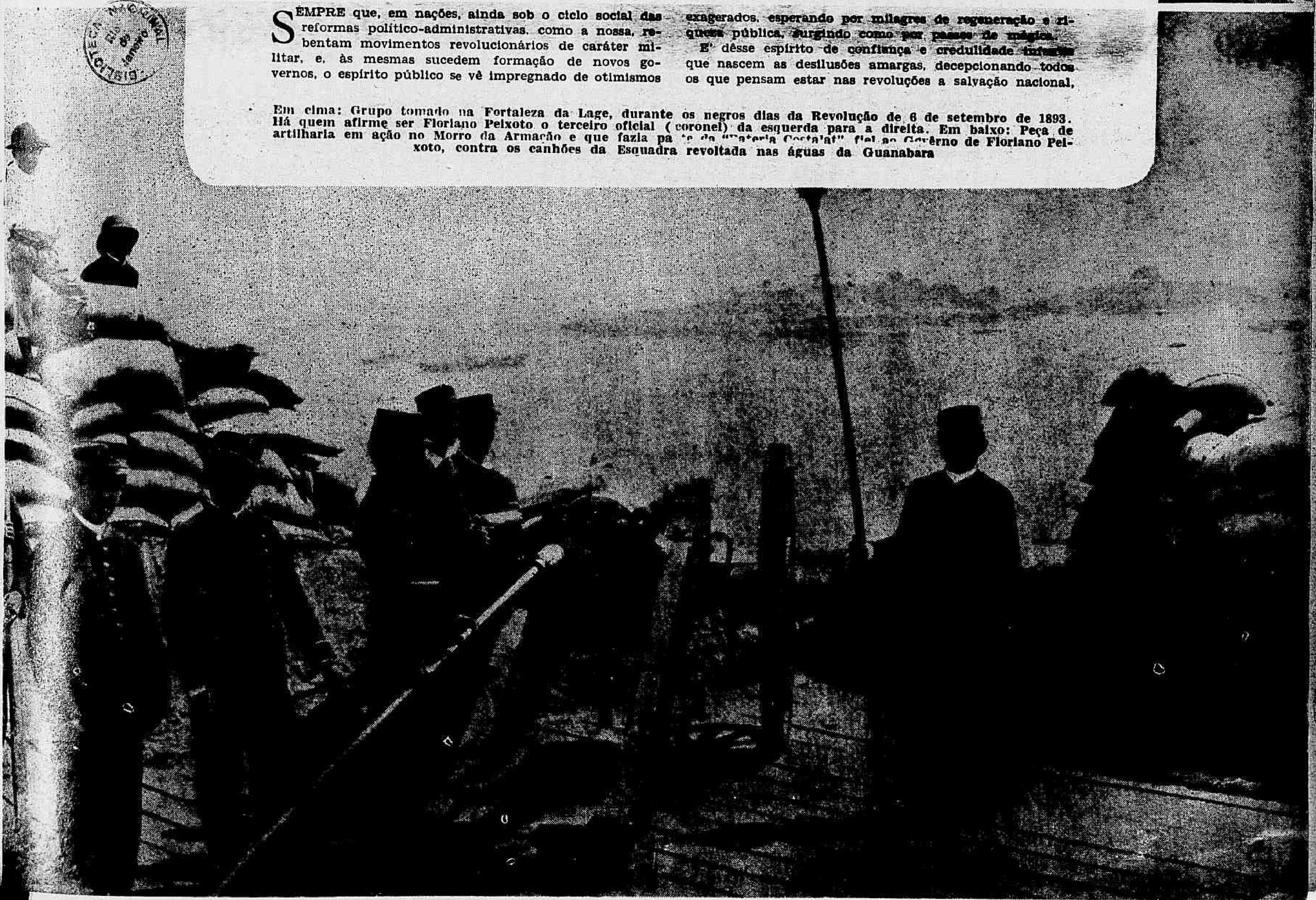
RENATO DE ALENCAR — Especial para a "REVISTA DA SEMANA"

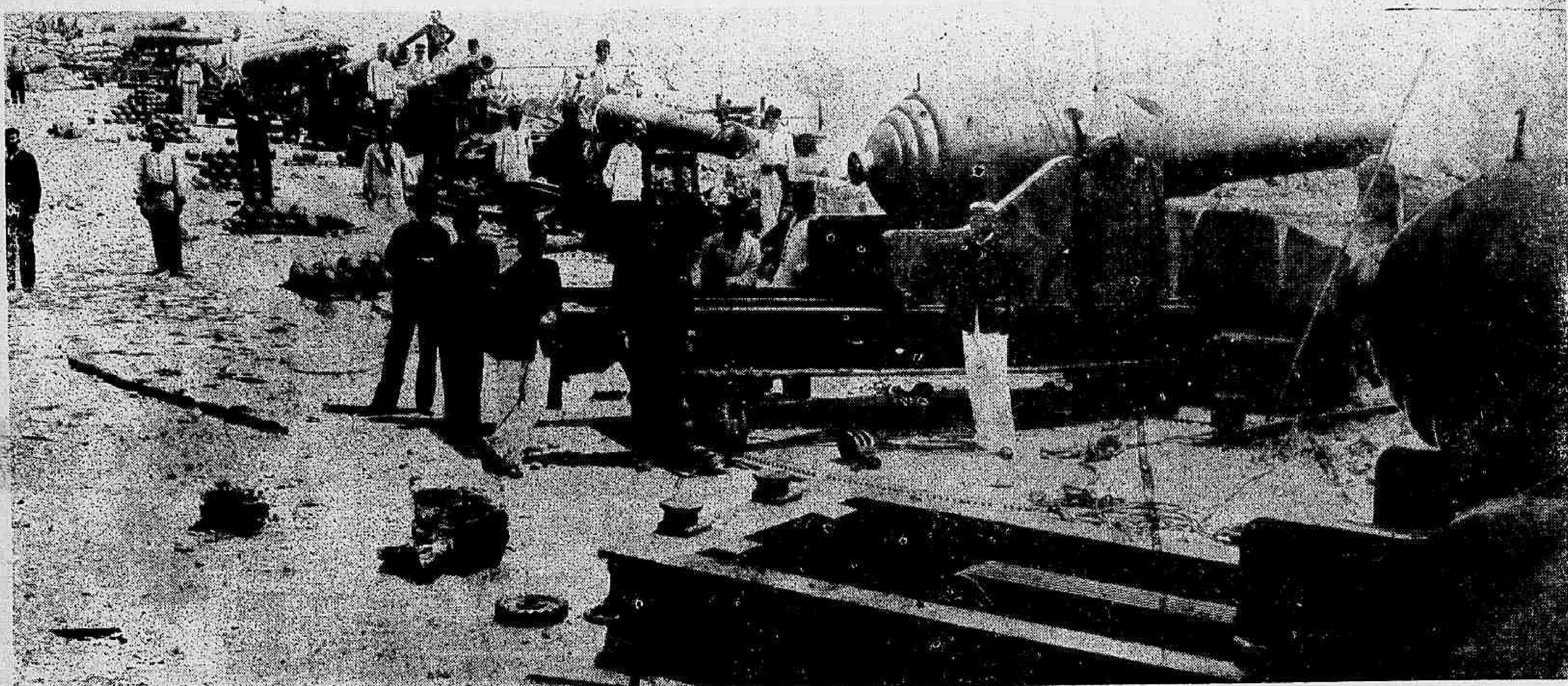
BIBLIOTECA NACIONAL

SEMPRE que, em nações, ainda sob o ciclo social das reformas político-administrativas, como a nossa, rebentam movimentos revolucionários de caráter militar, e, às mesmas sucedem formação de novos governos, o espírito público se vê impregnado de otimismos exagerados, esperando por milagres de regeneração e riqueza pública, surgindo como por passes de mágica.

E' dêsse espírito de confiança e credulidade infantis que nascem as desilusões amargas, decepcionando todos os que pensam estar nas revoluções a salvação nacional,

Em cima: Grupo tomado na Fortaleza da Lage, durante os negros dias da Revolução de 6 de setembro de 1893. Há quem afirme ser Floriano Peixoto o terceiro oficial (coronel) da esquerda para a direita. Em baixo: Peça de artilharia em ação no Morro da Armação e que fazia parte da "Bateria Costalat", fiel ao Govêrno de Floriano Peixoto, contra os canhões da Esquadra revoltada nas águas da Guanabara





IMPRESSIONANTE vista da Fortaleza de Villegaignon, com grande bateria de salvas. A luta contra o forte foi árdua, conforme se vê pelas ruínas em tôda a sua extensão

e não nos seus programas de reformas exequíveis, sem abalos profundos na economia pública e privada.

Quando foi derrubada a Monarquia, o povo brasileiro esperou que o Brasil se inundasse de felicidade e progresso, sobrando crédito e trabalho. Os programas de ressurgimento vieram à tona e lavrou por todos os Estados uma onda de otimismo, de independencismo e soberania anti-republicana, denunciadora de germes separatistas.

Para se ter uma idéia do que foi a ilusão da república em matéria de soberania das antigas províncias, basta que se rememore a estulta pretensão de vários governos estaduais, criando em sua forma político-administrativa, órgãos privativos da União Federal. Assim, no Ceará formou-se um ministério, havendo no mesmo um Ministro da Marinha; no Maranhão, um decreto estadual separou a Igreja do Estado, e no Amazonas se deu ao executivo o direito de decretar estado de sítio... (Cf. História Social do Brasil, Pedro Calmon, 3.º tomo).

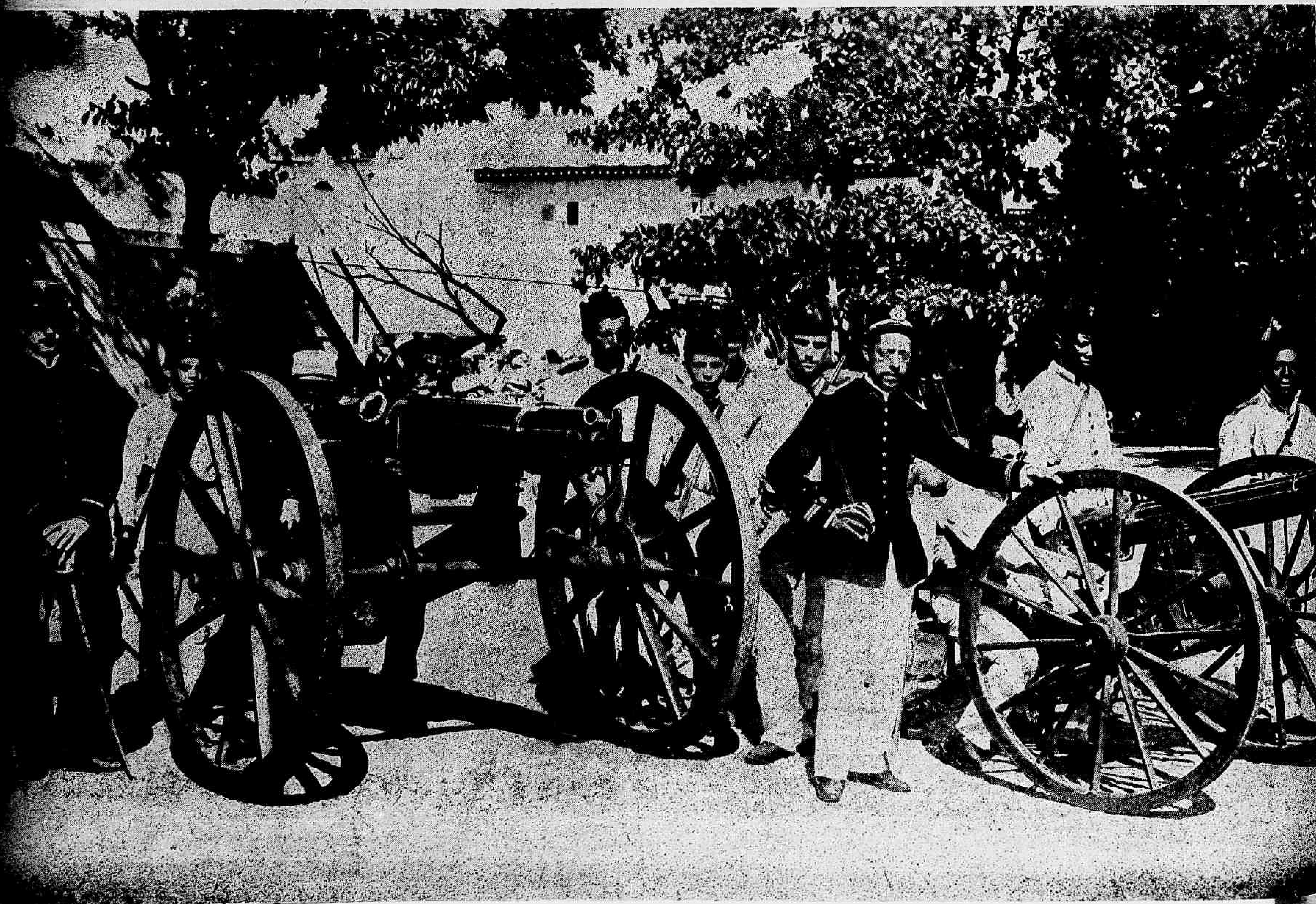
Nada mais natural em face da psicologia do nosso povo ainda incapaz de receber tais reformas. Fica tonto, alucinado e julga ser fácil conseguir milagres com simples mudanças políticas.

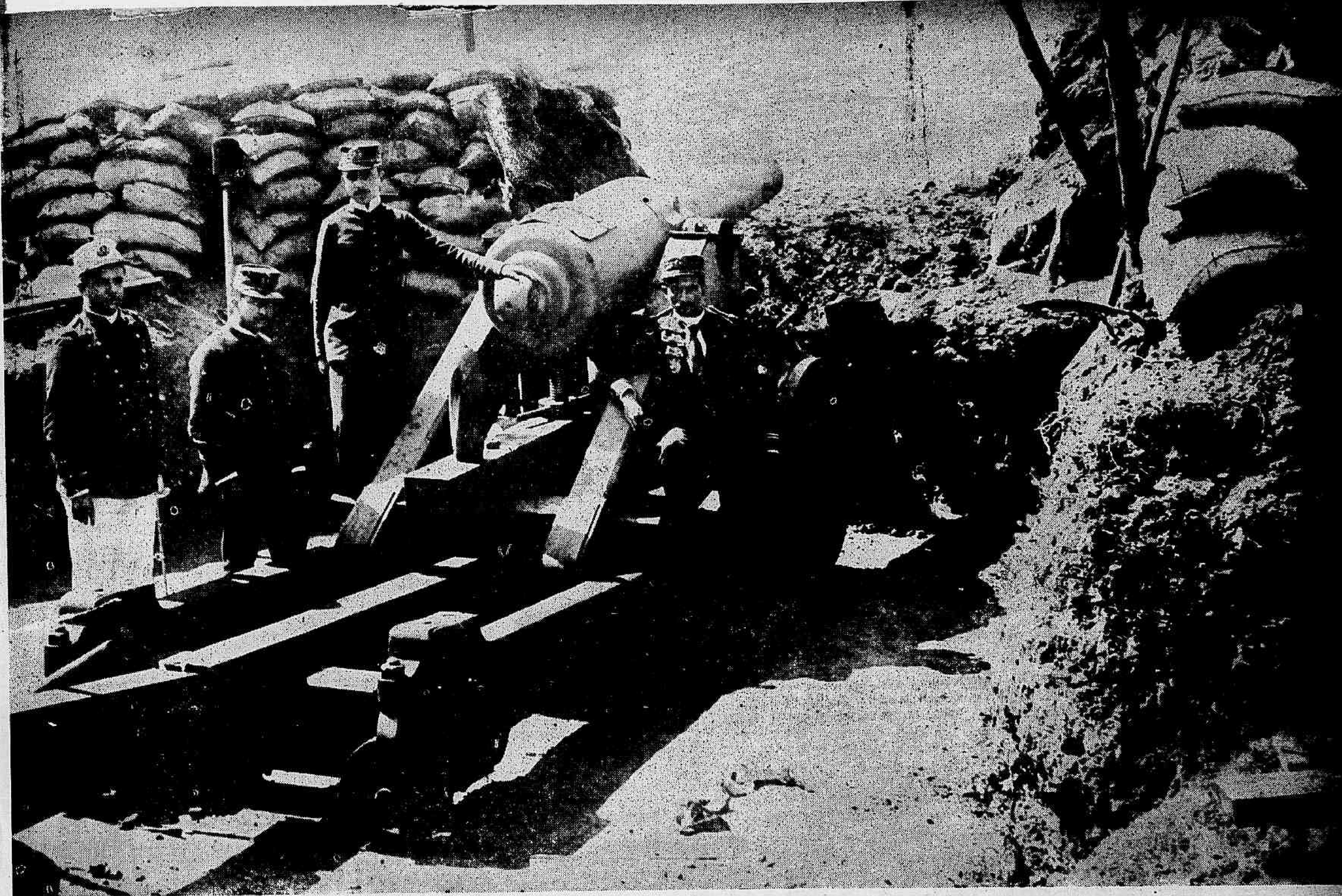
Passados os primeiros anos, volta a nação ao senso normal, e o raciocínio retoma o seu lugar ainda toldado pelos excessos de entusiasmos e exageros patrióticos.

Com a República sucedeu isto. Logo que o trono caiu, populares exaltados procuraram riscar da consciência nacional tudo o que lembrava o nome do Imperador Pedro II. Das grades do Campo de Santana arrancaram os símbolos da realeza; no Largo do Rocio, hoje Praça Tiradentes, o povo exaltado fêz tudo o que pôde para derrubar do seu pedestal, D. Pedro I; mudou-se o nome da Estrada de Ferro Pedro II, para Central do Brasil; nomes de estabelecimentos de ensino, também tiveram outros batismos, e assim por diante.

O mesmo fenômeno se verificou em 1930, quando da revolução que derrubou Washington Luís. No Paraná, os revolucionários laçaram a estátua de Munhoz da Rocha, numa praça de Paranaguá e a derrubaram; no alto da Boa Vista, no largo da Cascatinha, uns patrioteiros munidos de martelo e talhadeira, destruíram o nome de Washington Luís de um bronze que ainda se encontra num marco em homenagem à família Taunay. E o atentado ainda lá está.

A TROPA DO EXÉRCITO ocupando o Arsenal de Marinha, ali montou guarda em favor de Floriano e ofereceu resistência aos aliados de Custódio José de Melo





PODEROSA PEÇA colocada no Morro de São Bento por uma fôrça do Exército fiel ao Govêrno de Floriano Peixoto e de onde poderia alvejar os navios revoltados

Não era, pois, de estranhar que em 1889 o povo tudo fizesse para apagar da consciência nacional o nome dos membros da realeza. Mas, como sucede nas tempestades, também se verifica nos ciclones político- sociais. Passada a borrasca, tudo tende a voltar à paz justa, refletida e racional. Houve apenas uma espécie de histerismo coletivo, cada qual procurando exceder-se, impunemente, em suas manifestações de exaltado patriotismo que só faz destruir e não constrói nada.

Com o governo de Deodoro, houve impertinentes manifestações hostis à república e aos republicanos, chegando-se mesmo a desejar a restauração da Monarquia. O país continuava em ebulição em face das decepções. Deodoro deixa o poder e sobe Floriano.

A essa altura de nossa vida política e republicana, lavra por todo o país desassossêgo generalizado. Floriano começa a derrubar governos. Dezenove, ao todo. Êsse episódio se repete com a política de Hermes. O Brasil entrara numa fase de realizações de negócios e negociatas, de câmbio vil, de encilhamento, de febre de progresso e de delírios de poder. No sul, as duas correntes de federalistas e republicanos, Gaspar da Silveira Martins e Castilhos, acendem o facho da revolução.

Floriano, a "Esfinge", é um homem de ferro em suas atitudes. Não cede. Os inimigos são tratados como inimigos.

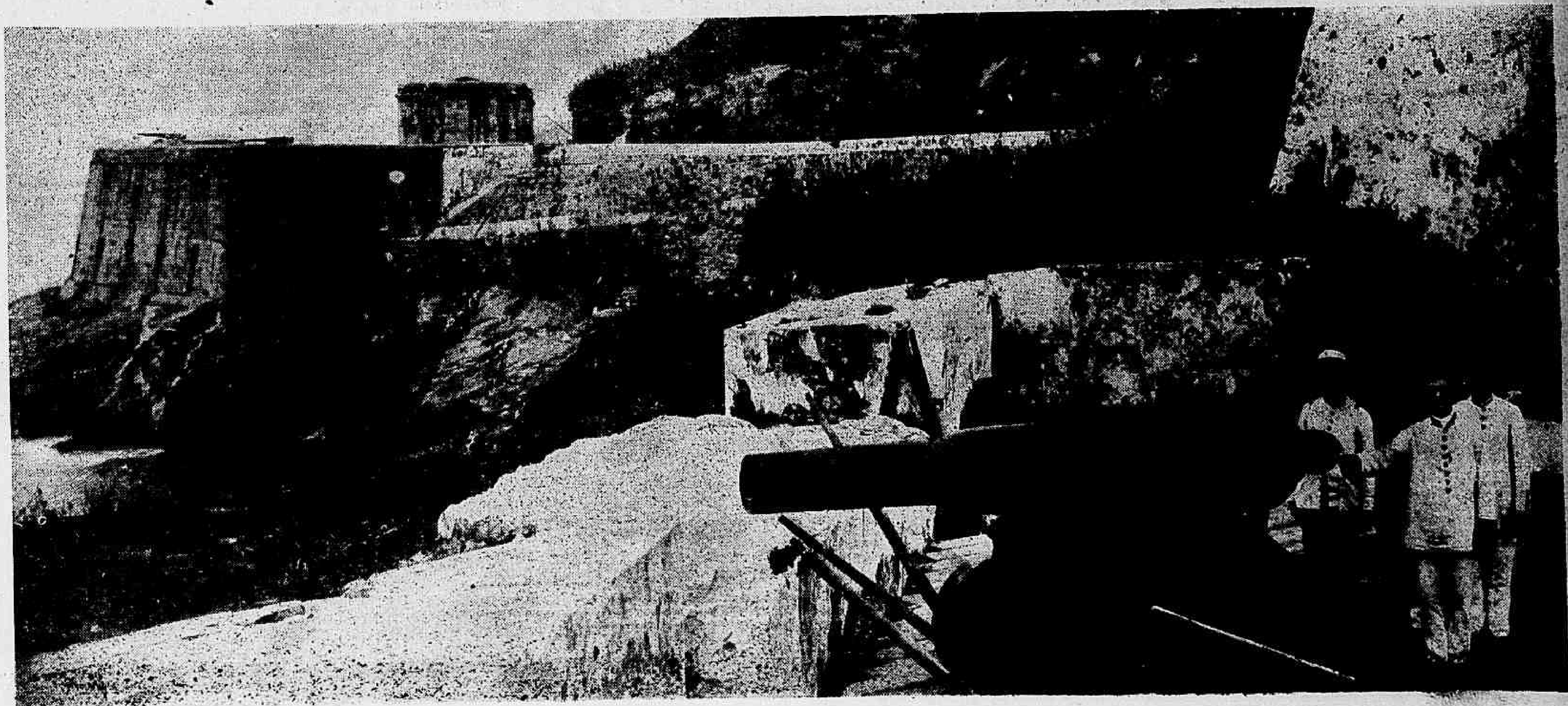
Oficiais de nossa Marinha de Guerra conspiram contra o govêrno de Floriano. Tudo estaria pronto para depô-lo a 7 de setembro de 1893, quando tôdas as fôrças formassem na parada em homenagem à data da Independência.

Custódio de Melo, almirante e inimigo de Floriano, um dos chefes do movimento, precipita a rebelião e, pela madrugada de 6 de setembro, o "Aquidabã" aponta seus canhões para a cidade, que desperta sitiada pelas bôcas de fogo da Marinha.

Floriano seria prêso, assumindo o govêrno o presidente do Senado, Prudente de Morais, seguindo-se a isso a eleição de Ruy Barbosa à Presidência da República. Mas, sabendo o almirante Custódio José de Melo que a polícia já estava a par da conspiração e que êle seria prêso a qualquer momento, antecipou a revolta e em companhia de vários oficiais e políticos oposicionistas,

(Cont. na pág. 52)

UM DOS ERROS mais graves dos conspiradores foi o de não conseguirem em tempo, a adesão dos fortes que já haviam no Rio. Baterias fiéis ao govêrno na Fortaleza de S. João



A PERSONAGEM DA SEMANA



Sr. Herbert Moses

NA vida das associações de classe, das sociedades civis, surgem, de quando em quando, crises de administração que transbordam de seu âmbito puramente interno para a vida exterior, e, por vêzes apaixonam o espírito público.

Dentre as associações profissionais do Brasil uma se tem destacado, não somente pelo número de seus filiados, como pela atuação que exerce na vida cultural do país, com uma área de prestígio moral que abrange tôda a extensão do território nacional: — a ABI, ou seja, a "Associação Brasileira de Imprensa".

Fundada há muitos anos, somente depois que o seu presidente, sr. Herbert Moses, obteve o amparo oficial de nossos administradores públicos, como sucedeu com o Prefeito Pedro Ernesto, com a doação de terreno na Esplanada do Castelo e com os auxílios da União para a edificação do seu atual edifício-sede, pôde a ABI dispor de instalações majestosas, prestando aos seus associados os mais relevantes serviços

Passou aquela sociedade de homens de imprensa a ser considerada a "Casa do Jornalista", conhecida hoje em todo o mundo, não somente pelos serviços que presta à classe, mas por ter-se tornado o seu edifício motivo de admiração a quantos visitam esta capital figurando sua fotografia em muitos catálogos de arquitetura como um dos mais belos e revolucionários.

O presidente da ABI, sr. Herbert Moses, tem sido reeleito continuadamente, apesar dos movimentados pleitos eleitorais a que concorre. Na semana que findou, porém, se viu alvo de críticas e censuras de alguns de seus colegas de imprensa, atingindo os ataques grandes proporções e movimentando a classe. Motivou a crise um decreto do Executivo Nacional que perdoa uma dívida da ABI ao Govêrno Federal, e estabelece certas condições consideradas lesivas aos interêsses da classe.

O sr. Herbert Moses, que convocou os jornalistas para irem ao Catete assistir à assinatura do documento e agradecer ao presidente Dutra essa atitude generosa, se julgou desprestigiado e apresentou seu pedido de renúncia.

No momento em que esta revista estiver nas bancas, já o comentado e discutido caso da ABI estará resolvido pois que, segundo os companheiros de diretoria do sr. Herbert Moses, decidiram examinar o assunto em Assembléia Geral, a fim de que fique o episódio devidamente estudado sem paixões partidaristas, tudo dentro do que estabelecem os Estatutos da associação.

A SEMANA EM Revista

O MANDA-CHUVA



Dizem da cidade paulista de Araraquara que o professor Frederico de Marco, descobridor de um processo de fazer chover através de ataques às nuvens com soluções químicas, e que acaba de inventar um novo processo que permite a formação de nuvens artificiais, terminou agora outros estudos científicos dirigidos para os espaços.

Êsse novo método se refere ao seu sistema de bombardear as nuvens contendo água, não transportando os aparelhamentos em avião, como já fizera anteriormente, mas atacando-as da própria terra, por meio de bombas-foguete de regular tamanho e potência voadora.

Dizem daquela cidade paulista que o cientista patrício pretende fazer experiências decisivas dentro de poucos dias.

Aí está uma invenção que precisa dar os necessários resultados, a fim de que tanto os cariocas, como os mineiros e os nordestinos não mais sofram as crueldades da sêca.

Em Belo Horizonte a Prefeitura acaba de determinar o racionamento do consumo dágua em todos os setores: nas indústrias, nas chácaras, nos lares, nos estabelecimentos de ensino, nos hospitais.

De quando em quando o Rio clama contra a falta dágua. Atualmente a "Light" redobra na sua campanha contra os desperdícios de energia elétrica e ameaça os consumidores com o racionamento se não houver economias em face da crise de água em suas usinas em Ribeirão das Lages.

Só mesmo se achando um jeito de provocar a formação de nuvens carregadas dágua e, se elas bancarem o amigo da onça ou o do "contra", mandar-se um foguetão-bomba para furar-lhes o bucho. Precisa-se, com urgência, de um Manda-Chuva!

PERVERSIDADE



Sempre que há alteração de nomes em nossos quadros governamentais, especialmente no que diz respeito à pasta da Educação, o novo titular elabora, com a coadjuvação de seus auxiliares mais imediatos, planos em favor da cultura e da instrução no país.

Tudo se procura fazer para difundir novas matérias de natureza científica, aumentando-se o número de cadeiras, ampliando-se o prazo de instrução intelectual, coagindo-se o estudante a frequentar as aulas, etc.

Mas, é claro, ainda ninguém cuidou de um dos pontos capitais de uma nação que está nos primeiros degraus de sua formação mental e espiritual: a educação.

Possuímos um Ministério da Educação; os Estados mantêm Secretarias de igual nome; entretanto só se trata da instrução, da cultura intelectual. De educação... nada!

E que vemos? A mocidade a praticar atos de péssima educação, ressalvadas pouquíssimas exceções, produto exclusivo de regimens recebidos nos lares onde impera a ordem, reina a compostura, se espelha o bom exemplo de pais que ainda se orientam pelos velhos princípios de respeito e dignidade.

Em nenhuma escola, seja a primária, a secundária ou a superior; a profissional, a comercial ou técnica, há cursos de Boas Maneiras, aulas de educação social, ministrando-se aos educandos os necessários deveres na sociedade. Daí o que vemos diariamente. O caso de um cidadão que foi ao Cinema Carioca desta capital e rasgou a navalha quatorze poltronas daquela casa de diversão, é o fruto de ausência de cursos de educação moral. Não basta cadeia. O remédio é mais pedagógico do que policial.

SUICÍDIOS



Se formos comparar estatísticas de cidades com o mesmo número de habitantes com que conta o Rio, chegaremos à assustadora conclusão de que estaremos no primeiro lugar em suicídios e assassínios.

Parece que, entre nós, apesar de educados desde pequeninos nos sãos preceitos do ensinamento cristão, ainda não decoramos êste pequeno mandamento das leis de Deus: "Não Matarás!".

Mata-se no Rio e seus arredores civilizados com a maior facilidade. Raramente são os casos decididos na Justiça, de acôrdo com a lei. Os contendores recorrem ao próprio direito de punir, sistema primitivo, imperante antes de a humanidade organizar-se em sociedade civilizada.

Por outro lado estão cheios os jornais de casos de suicídio. Jovens e velhos procuram resolver suas dificuldades, seus casos íntimos, com o recurso condenável do suicídio.

Agora mesmo registram os jornais o episódio daquele professor que acabou com os restos de vida abrindo os bicos de gás e envenenando o sangue, meio muito vulgar de aniquilar a vida.

O homem era aposentado. Um misantropo, sempre arredio de outras pessoas, entregue às suas meditações.

Ao aparecer morto, todo mundo procurou uma linha que esclarecesse o seu fim trágico, os motivos que determinaram sua atitude desesperada.

Nada foi encontrado. O professor decidiu morrer e pronto. Para que deixar satisfações aos que continuam vivos por mais alguns anos? Tudo passa sôbre a terra, como diz José de Alencar num dos seus romances. E o velho mestre também passou.

Causou estranhesa, entretanto, achar-se no rôlo da máquina de escrever uma fôlha de papel indicando que êle ia escrever sôbre "O papel da minhoca na agricultura".

COLONIZADORES



Segundo estão a divulgar os nossos jornais, cresce dia a dia o número dos pretendentes à ilha da Trindade, pico de origem talvez vulcânica, que abrolha a centenas de milhas das costas do litoral do Espírito Santo, outrora motivo de discórdia entre o nosso país e a Inglaterra.

A ilha da Trindade, conforme atestam pessoas que já estiveram, é deserta de homens, mas já agora povoada de idéias. Muita gente se propõe ir morar naqueles rochedos, mais, talvez, pelo espírito de aventura a Robinson Crusoe do que, em verdade, para tornar-se útil ao país.

Há, de acôrdo com a tradição, grande tesouro em peças de ouro e moedas antigas ali escondido, proveniente de incursões de piratas das épocas de lutas entre a Inglaterra, Espanha, Holanda e Portugal. Não há quem não deseje ficar senhor e dono de tanta riqueza fabulosamente aumentada pela crendice popular.

Tudo isso ferve na imaginação dos aventureiros. Mas se há tanta gente desejosa de ir cultivar agricultura e pesca na ilha da Trindade, porque não dedicar o mesmo ardor patriótico em locais litorâneos tão ricos em peixes como aquêles abrolhos? Por que não se fixam êsses patriotas no interior de Goiás ou Mato Grosso e lavram o solo muito mais fértil do que entre os escolhos da Trindade deserta e sem nenhuma via de comunicação com o litoral brasileiro?

Para que se instale na ilha perdida no Atlântico uma indústria de pesca com produção comercialmente explorável, seria necessário que se organizasse uma emprêsa com vultosos capitais e que pudesse dispor de meios próprios de comunicação.

REVISTA DA SEMANA

ANO LXVIII ★ N.º 41 — 8 DE OUTUBRO DE 1949

Redator-Chefe: CELESTINO SILVEIRA — Chefe de Publicidade: J. M. COSTA JUNIOR — Paginação de VICTOR TAPAJOZ

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718
TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores
Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro
Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO — Diretor-Secretário: R. PEIXOTO DE ALENCAR
Telefones — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

AGORA, AFIEM A MEMÓRIA

1 QUAL DESTAS LÍNGUAS A MAIS RICA:
Inglêsa?
Portuguêsa?
Alemã?

2 EM QUE ANO FOI FUNDADO O CLUBE DA MARINHA, HOJE CLUBE NAVAL:
1871?
1880?
1822?

3 DE QUE ANO DATA A INAUGURAÇÃO DA ESTATUA DE CABRAL, NA GLÓRIA?
1912?
1900?
1889?

4 QUAL FOI O PRIMEIRO PRESIDENTE DO BRASIL QUE VISITOU A ARGENTINA:
Getúlio Vargas?
Afonso Pena?
Campos Sales?

5 NA SUA ORIGEM O ANO ROMANO COMEÇAVA PELO MÊS DE:
Janeiro?
Março?
Abril?

6 QUAL O BANDEIRANTE QUE RECEBEU O APELIDO DE ANHANGUERA:
Fernão Dias Pais Leme?
Manuel Correia?
Bartolomeu Bueno da Silva?

7 A HEROÍNA INDÍGENA CLARA CAMARÃO LUTOU CONTRA:
Os portuguêses?
Os revolucionários de 1817?
Os holandeses de Maurício de Nassau?

8 SEGUNDO A HISTÓRIA, EM QUAL DÊSTES PAÍSES SURGIU O PAPEL-MOEDA:
Egito?
Inglaterra?
China?

9 ALÉM DE ROMA, QUAL FOI A CIDADE QUE SE TORNOU SEDE DO PAPA:
Constantinopla?
Avinhão?
Lisboa?

10 QUAL FOI O DEPUTADO QUE, EM 11 DE JUNHO DE 1901, APRESENTOU UM PROJETO DE LEI QUE MANDAVA TRASLADAR DO URUGUAI PARA O RIO OS RESTOS MORTAIS DO ALMIRANTE BARROSO:
Silva Jardim?
Augusto Severo?
Quintino Bocaiuva?

11 QUE NOME TINHA O NAVIO-ESCOLA BRASILEIRO QUE NAUFRAGOU EM VIAGEM NO MAR VERMELHO, NO ANO DE 1893:
República?
Almirante Barroso?
Tamandaré?

12 QUEM, PELA PRIMEIRA VEZ NO BRASIL, LIBERTOU ESCRAVOS:
A Câmara Municipal de Fortaleza?
A Ordem dos Beneditinos do Rio?
O Clube dos Democráticos do Distrito Federal?

13 QUAL A FORTALEZA DO RIO INAUGURADA EM MEMÓRIA DA BATALHA DE TUIUTI:
Lage?
Imbuí?
Copacabana?

14 QUAL A RECEITA ORÇADA PARA O DISTRITO FEDERAL EM 1901:
20.590.085$000?
30.000.000$000?
15.880.345$000?

15 QUAL FOI O PRESIDENTE DA REPÚBLICA ACUSADO DE CONTRABANDISTA PELO "CORREIO DA MANHÃ", O QUE CAUSOU SENSAÇÃO NO RIO:
Rodrigues Alves?
Campos Sales?
Prudente de Morais?

16 QUE OUTROS NOMES JÁ TEVE A RUA DO OUVIDOR:
Moreira César?
Artur Oscar?
Rua do Cano?

17 EM QUE ÉPOCA HOUVE NO RIO A PRIMEIRA REVOLTA POPULAR CONTRA COMPANHIAS DE BONDES, COM QUEBRA-QUEBRA E INCÊNDIOS:
15 de junho de 1901?
10 de março de 1905?
30 de abril de 1907?

18 COMO SE CHAMOU O MÉDICO QUE, EM 1901, FOI PRÊSO, PROCESSADO E CONDENADO A 15 DIAS DE PRISÃO POR PRATICAR OPERAÇÃO ESTERILIZANTE EM SENHORAS NO RIO:
Rossas Tôrres?
Abel Parente?
Júlio Roxo?

19 QUEM ERA SACHET, CUJO NOME SUBSTITUIU O DA ANTIGA TRAVESSA DO OUVIDOR:
Um revolucionário?
Um político?
Um mecânico?

20 DE QUE SE ORIGINOU A ATUAL BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO:
Da Real Biblioteca da Ajuda?
Da Biblioteca de D. José, rei de Portugal?
Da Livraria de D. João VI?

Respostas na página 58.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, lingua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre - Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre - Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre - Livre**

* * *

Lembre-se sempre :
Ventre - Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre - Livre

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA ÀS APTIDÕES LITERARIAS DOS SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no **máximo, oito fôlhas.**

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a decelaração, no envelope: **Conto para a "REVISTA DA SEMANA".**

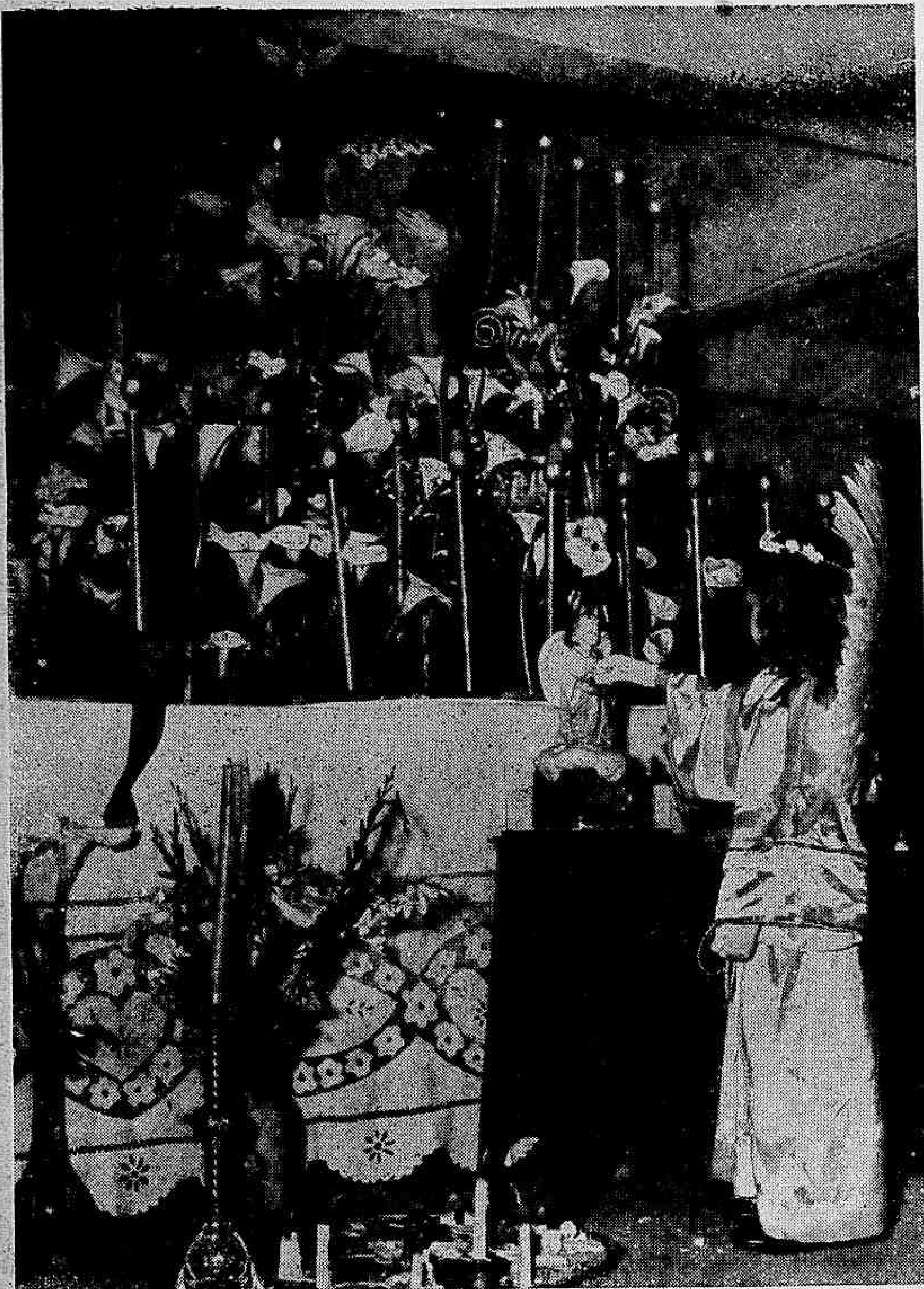
6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

GRANDE DESCOBERTA PARA OS CALVOS

TÔNICO CAPILAR "AMARALINA" — (Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia). De base vegetal dá certeza absoluta que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a milhares de casos em todo o Brasil. Com um vidro detém a queda dos cabelos, elimina totalmente a caspa e com a continuação fará voltar a sua saudosa cabeleira. Encontra-se em Drogarias, Perfumarias, Farmácias, etc. a Cr$ 35,00, o vidro

Aceitamos pedidos pelo Reembôlso Postal. Preço: Cr$ 45,00, livre de porte. M. M. BURLE & CIA. LTDA. — Avenida Rio Branco, 137 — 6.º andar — Sala 616 — RIO DE JANEIRO

A Agua Sanitaria CLARINHA
Dá valiosos brindes na chapinha



No altar dos "Dois, Dois", como são conhecidos os santos-meninos, êste "anjo" deposita seu óbolo, com certeza cumprindo uma promessa



O vigário da Igreja de São Geraldo, no momento em que os féis de São Cosme e São Damião ofereciam incenso para o turíbulo dos Santos

COSME E DAMIÃO - OS DOIS, DOIS

DURANTE cêrca de três séculos depois da morte de Cristo, os povos que haviam seguido os ensinamentos do Salvador do mundo pela pregação de seus apóstolos, especialmente S. Paulo, sofreram os mais atrozes horrores por parte dos Imperadores romanos. Dentre os mais ferozes perseguidores dos cristãos destacava-se Deocleciano.

Foi justamente no seu reinado que foram prêsos os irmãos Cosme e Damião. Eram êles médicos e de origem árabe. Corria o ano de 287 e os cristãos eram lançados às feras no Coliseu de Roma, queimados vivos, supliciados de tôda forma.

Roma exercia por todo o oriente o seu domínio absoluto, e não suportava a doutrina de Cristo.

Cosme e Damião desde muito cedo aceitaram a palavra dos apóstolos. Tinham os dois irmãos um feitio moral perfeitamente cristão. Eram dados à caridade e não exerciam a profissão médica, com o intuito de ganhar dinheiro.

Tinham prazer em fazer o bem, tratar dos enfermos, auxiliar a pobreza, espalhar a caridade sem perguntar a origem dos atendidos.

Foi na Síria que êles exerceram a maior parte da sua missão de médicos caridosos. Era tal o desinterêsse que demonstravam pelas coisas materiais da vida que lhes puseram o apelido de "anargires", ou seja: inimigos do dinheiro.

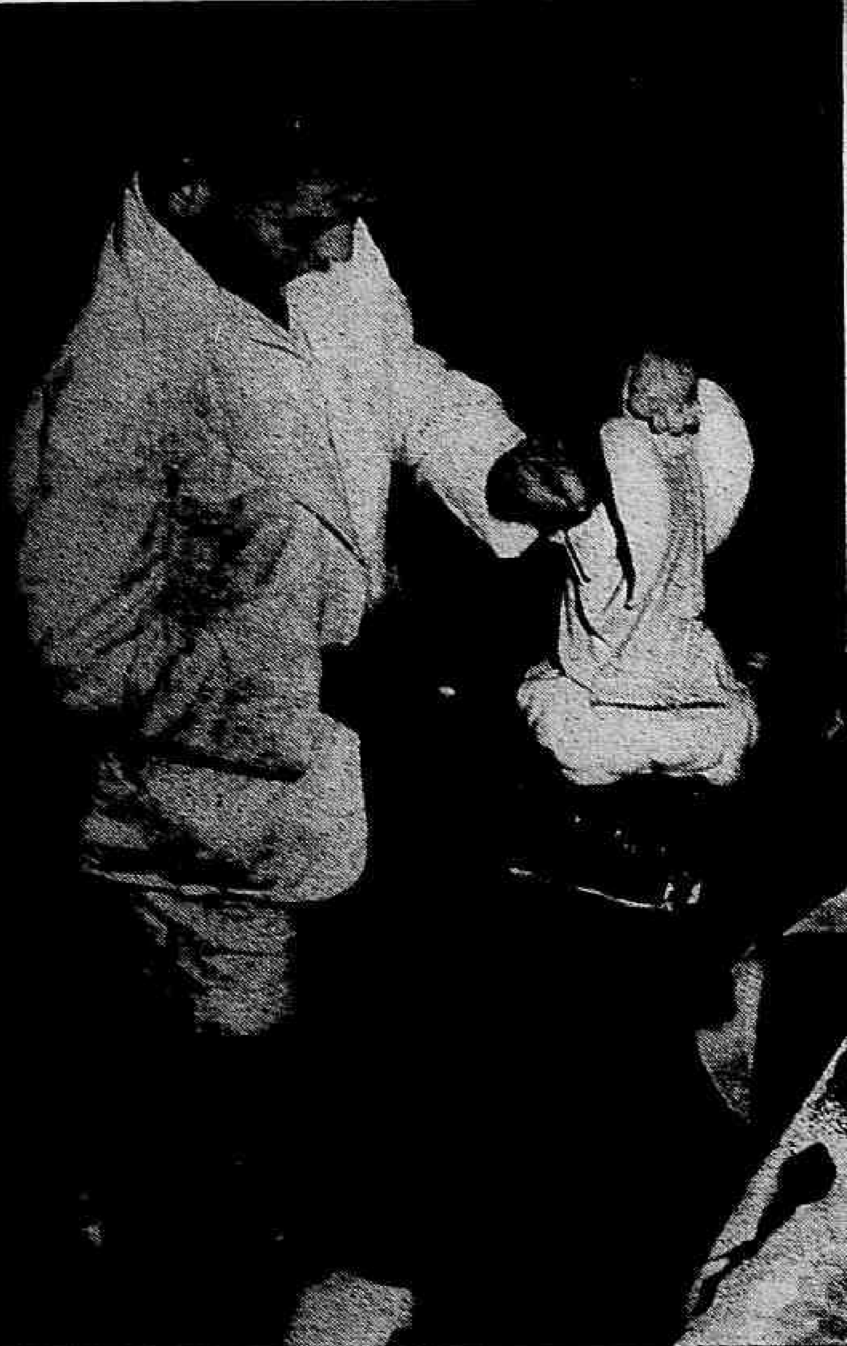
Claro que com tal procedimento e arrastando com êles as multidões de agradecidos, o Império Romano não poderia permitir que continuassem a fazer o bem.



Não sòmente os adultos e velhos são devotos de Cosme e Damião, cristãos supliciados no tempo do feroz perseguidor do cristianismo, Deocleciano. As crianças se distinguem como os seus mais fervorosos adeptos e rendem suas homenagens. A procissão ao chegar à capela de São Geraldo



IMAGEM DOS DOIS [illegible] tes do cristianismo [illegible] de Diocleciano. Cosme e Dami[illegible] são os padroeiros [illegible] [illegible]







A esquerda: Um menino paga uma promessa aos santos, depositando suas moedas. **Aocentro:** Na procissão de Cosme e Damião, todos querem levar o andor. **A direita:** Espiritismo ou algum engano cometido pelo fotógrafo? Notem a sombra de um homem, mãos e véus esquisitamente colocados

Não faltaram denunciantes que os apontassem como cristãos. Todo o oriente estava sob o domínio de Roma, que mantinha ali um seu mandatário agressivo e malvado: o proconsul Lysias.

Denunciados como perversores da ordem legal e inimigos do Estado Romano, perigosos às instituições, Cosme e Damião foram encarcerados e condenados à morte.

Já eram homens e médicos quando isto se deu.

Todo o povo perdia os seus benfeitores. Os enfermos, os seus médicos gratuitos. Cosme e Damião, depois de terríveis sofrimentos nas mãos de seus carrascos e algozes, foram degolados na Cilícia e suas cabeças mostradas ao povo da cidade de Egeu.

Mas estava escrito que a era dos prepotentes teria que acabar um dia.

Sucederam-se os anos e, quando Constantino abraçou o cristianismo, foram os nomes dos dois santos e mártires venerados como patronos dos médicos.

Seus corpos seguiram para Roma ficando sob a guarda do Papa S. Felix, em cujo pontificado se verificou êste episódio, colocando-se os dois numa igreja que tomou o nome deles.

O dia de sua festa é 27 de setembro. Por todo o mundo cristão se comemoram os dois Santos. No Rio, especialmente, Cosme e Damião empolgam os devotos. Em tôdas as igrejas em que há altares com os irmãos e mártires, há festejos, procissões, pagamentos de promessas, velas acesas em sua honra.

Este ano o nosso povo acorreu em massa aos altares dos "Dois, Dois", como são chamados popularmente.

E' curioso notar que não são os católicos os únicos que revereciam Cosme e Damião. Nos meios espiritistas essa devoção não é menor.

Quem se der ao trabalho de dar umas voltas pelos subúrbios, especialmente pelo Município de Caxias e seus arredores, ficará admirado da enorme quantidade de sessões em honra aos dois "meninos".

A venda de bombons e doces é enorme. Ninguém se serve de um bolinho que não separe um para êles, depositando a oferenda aos seus pés.

Rara é a casa neste Rio de Janeiro que não tem Cosme e Damião, seja em litografia, devidamente encaixilhada e envidraçada, seja em imagem entre flores.

Cosme e Damião, segundo a história, são os padroeiros dos cirurgiões, dos médicos. Mas, no Brasil, êles se converteram em protetores das crianças, pois, em geral, crêem os seus adeptos que êles eram crianças quando morreram.

A crença é um sentimento que vem da fé. No sincretismo religioso de nossas populações, Cosme e Damião nunca foram homens e sim meninos. Para que mudar essa crença?

Nas sessões espíritas êles "baixam" e fazem diabruras próprias de meninos sem nenhuma noção de códigos para gente grande.

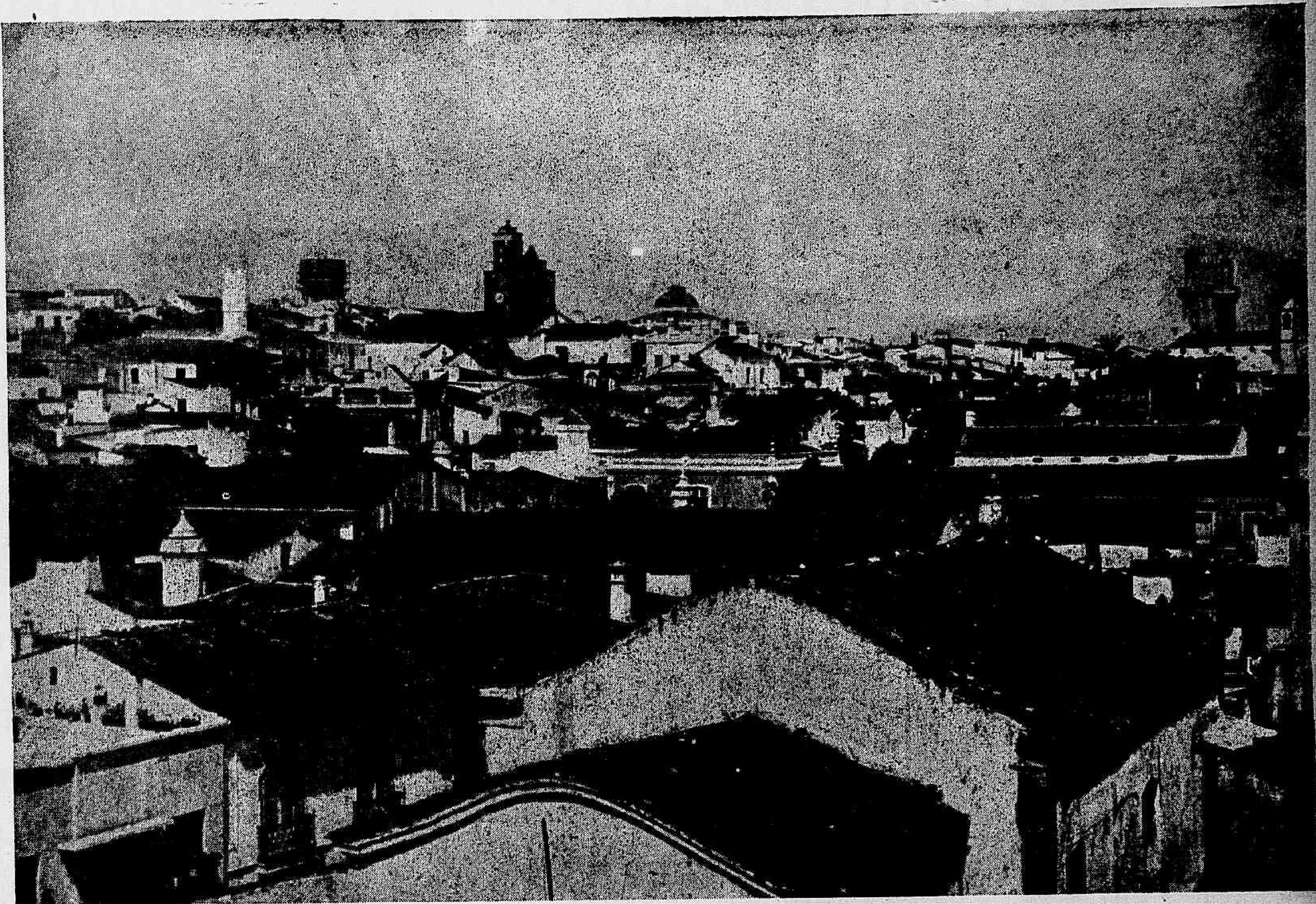
Comem os seus bolinhos, bebem guaraná, saboreiam bombons, podem lambusar-se, e tudo isso é motivo de graça entre os circunstantes.

Os "meninos" são assim mesmo, não têm cerimônias próprias de gente grande e

(Cont. na pág. 52)

Em baixo: No seu altar, os dois Santos que viveram para fazer o bem e foram supliciados em 287 de nossa era, por ordem do Imperador Deocleciano, são adorados pelas crianças, que vêem em Cosme e Damião um exemplo de bondade e dedicação pelo bem de tôda humanidade

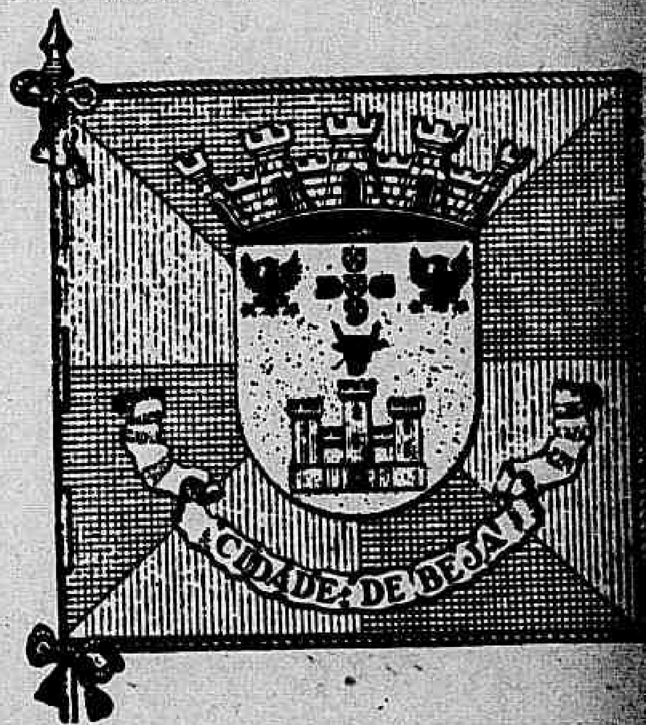




No alto de um morro de vasta e fecunda campina alentejana, situada no centro regional da província do Baixo Alentejo, de que é a capital altaneira, airosa e resplandecente no seu casario côr de neve, ergue-se a cidade de Beja, da qual nos dá a gravura, uma vista parcial. Tem o centro citadino assente na elevação máxima de um plaino, descendo a urbe em tôdas as direções em anfiteatro, circunstância que lhe dá um aspecto atraente e belo. Terra de antigas e nobres tradições, Beja é imortal nas ciências, letras e artes

BEJA -- DE MARIANA ALCOFORADO

IMPRESSÕES DE UMA VISITA À CIDADE DE BEJA, NO BAIXO ALENTEJO, PORTUGAL, ONDE FORAM ESCRITAS AS FAMOSAS CARTAS DE MARIANA ALCOFORADO

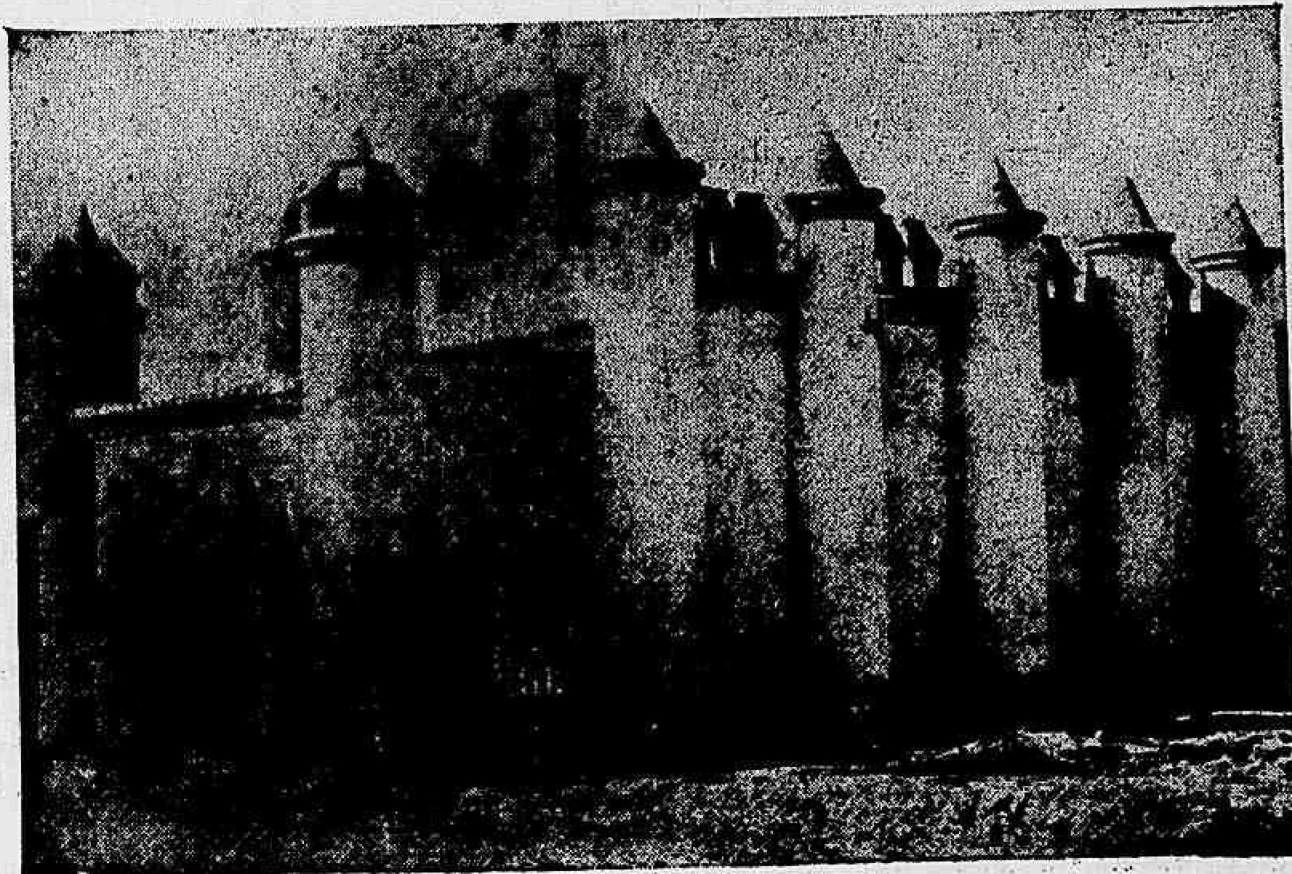


QUEM se dirigir à cidade de Beja, por via férrea ou ordinária, recebe ainda, antes de penetrar na urbe, uma bela impressão que se grava na retina, inesquecivelmente. A cidade, descendo em anfiteatro, do centro para a planície, dá a impressão de majestosa rainha, recostada no seu trôno, cujo manto alvinitente se desdobra circundante, matizado dos mais variados coloridos das modernas edificações e jardins, onde se engastam as preciosas gemas arquitetônicas dos monumentos.

Se a viagem terminar de noite, o efeito sugestivo da aproximação de Beja não perde o brilho e majestade, porque as inúmeras cintilações da sua iluminação elétrica, como grinaldas a enfeitarem um enorme arraial, agrada a vista do visitante, dando-lhe a impressão que vai entrar na mitológica oficina de vulcano.

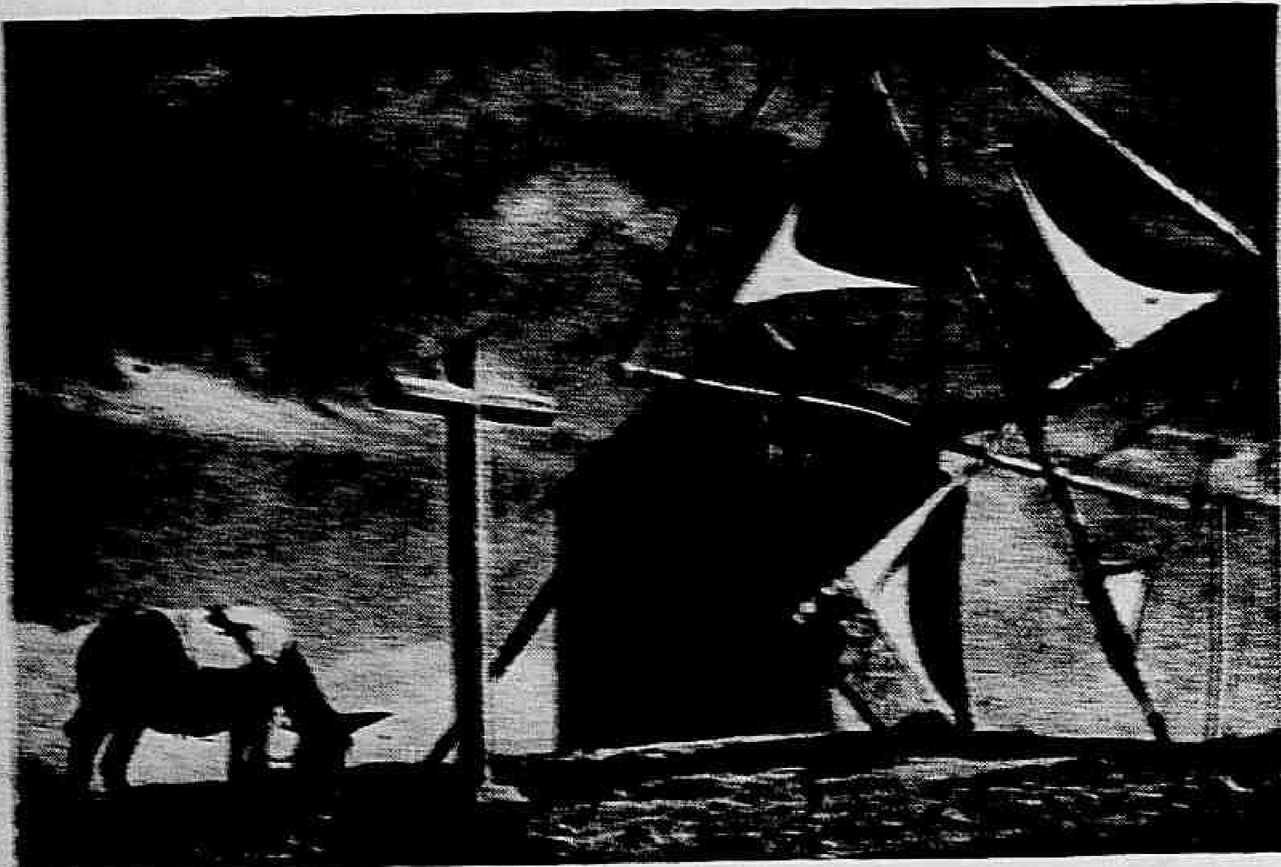
★

Dominando as vastas planícies do Baixo Alentejo, a antiga Pax Julia dos Romanos, o importante povoado mourisco, a ainda notável cidade da Renascença, mal pode hoje adivinhar-se e evocar-se, de-





Igreja de S. André, um dos monumentos históricos da "formosa rainha das planuras".Testemunhos pré-históricos, documentos arqueológicos e sobretudo etnográficos, de tôda terra dos museus, dos castelos, dos conventos e do bem traçado jardim Gago Coutinho-há muito em Beja, terra de antigas e nôbres tradições. As Portas de Moura, que se vêem Sacadura Cabral, dos mirantes naturais e dos caramanchões com tufos de trepadeirasno cliché, são ponto de referência de Beja, "a triste feia de antanho", como foi apelidada



Moinhos do Alentejo, que nos acompanham grande parte do itinerário percorrido até atingir a cidade de Beja. Eles emprestam um ar de poesia, embora melancólica, àquelas imensas planícies e fazem lembrar, a cada passo, o vigor moral e físico do alentejano



Tipos de segadoras, num intervalo do seu labor, matam a sêde. Apesar do sol forte de verão, o vento é insuportável; protegem-se contra os elementos e têm algo de mouro que as tradições fazem manter com fidelidade. Cântaro e cuia, objetos quase pré-históricos

pois das destruições do tempo e dos homens. O século XIX foi fatídico para ela. O Arco, chamado de Évora, os restos de um aqueduto subterrâneo alguns traços de arquitetura, embebidos nas muralhas, ocultos quase nos templos como em Santo Amaro, e guardados no Museu, foi o que se salvou dos vários cataclismos, dêsse antigo Convento Jurídico dos romanos.

Nada de construtivo subsistiu do domínio dos mouros; do gótico, da Renascença, do Barroco, é que ainda resta alguma coisa, ressaltando das obras seiscentistas.

Percorrendo a cidade, um e outro pormenor fala-nos ainda dos tempos áureos de Beja, quando seus duques a enchiam de dádivas e a engrandeciam, mormente o Infante D. Fernando e a duquesa D. Brites. Portas de ogiva, um arco manuelino, uma fachada nobre seiscentista na rua do Esquivel, uma notável rótula balanceada na travessa do Olmo e os prospectos dos seus templos e conventos, são os elementos atrativos da fisionomia da velhíssima povoação que foi sede de um dos bispados góticos, sem falar no seu Castelo, que se reconstruiu sôbre restos romanos, várias vêzes reconstruído e destruído, na sua afadigada vida histórica. Na porta ogival de acesso, na imponência da alta tôrre erguida por D. Dinis, ao mesmo tempo robusta e airosa, com suas janelas geminadas, ogivais também, sua tribuna envolvente, sôbre cachorros e seus merlões chanfrados e desafiantes, tudo se observa de belo e artístico. Sobem-se os 183 degraus, correm-se as suas três salas abobadadas, a primeira com trompas de ângulo alveoladas, à maneira mourisca, e ao chegar ao terraço que a cobre, depara-se no instante um dos grandes panoramas alentejanos, dominando-se a cidade e a vasta campina, onde se evocam as cavalgadas do Lidador. Olha-se a Porta de Évora, ruína veneranda dos tempos de Pax Júlia...

▼

Outros templos da cidade merecem uma visita. Santa Maria, reconstrução dos sé-



Duas graciosas mondadeiras, mulheres típicas, que se encontram aos grupos no Alentejo, permanecem nessa posição de manhã à noite, separando o joio do trigo. Sua roupa é clássica: luvas de camurça, meias até o joelho, a saia arregaçada entre-pernas, chapéus de largas abas para se protegerem do sol e do vento, tudo empresta a essas mulheres rústicas, um toque de beleza incomparável. Trabalham cantando — e os cantos alentejanos ganham foros internacionais. Defesa da gente do campo, [illegible] visitam Lisboa e Pôrto

culos XV, de que resta o nartex e a ábside, é do tipo do gótico de S. Brás de Évora. Tem três naves de colunas toscanas, boa talha barroca nos altares, a misericórdia tem uma fachada rústica e original. Interiormente lembra uma mesquita. Primitivamente destinara-se para albergue, pelo Infante D. Luiz, seu fundador. São Tiago, cof suas três naves, colunas dóricas e abóbada de aresta, vale ser vista; Santo Amaro (antiga paróquia), denunciando um velho monumento românico, com suas três naves atarracadas, e arcos redondos em quatro tramos, capitéis rudes, e dois curiosos edículos ogivais, lembra o tipo basilical.

★

Beja, na primeira vintena dêste século, era bem a "triste feia", como então foi apelidada. Impávida, triste e serena, representava cabalmente o aspecto bisonho e indolente dos seus naturais. Mas a onda avassaladora do progresso bafejou o seu estático e nevado casario com o hálito da civilização, fazendo estremecer o entorpecido bairrismo. Abrindo os olhos às realidades do século presente, sacudiu nervosamente o letargo em que jazeu durante longo tempo e desejou subir, a passos largos, a íngreme ladeira que conduz à vanguarda do progresso. O anseio de beleza, vitalidade e engrandecimento tornou-se o pensamento assistente do seu povo, fortalecendo e auxiliando atividades e esforços nesse sentido.

Não pense o visitante encontrar em Beja, apenas as reminiscências dos amôres contemplativos ou da correspondência imortal de Soror Mariana Alcoforado — porque de par com os museus, as naves, os monumentos, as tôrres, tudo quanto fala com eloquência do Passado, vai encontar uma cidade tumultuosa, viva, exuberante onde a coletividade se entrega com afã a um dinâmico labor. Há cafés tipo "americano" clubes de futebol, cinemas e até mesmo um tradicional teatro anualmente visitado pelos melhores elencos de Lisboa e Pôrto, há boa imprensa, rádio — e tudo que menos pode imaginar o turista, ávido, apenas, de evocações. Mas se o visitante sofre uma pequena decepção, com tantos e tão pronunciados indícios de progresso, o nativo orgulha-se do seu torrão. Êle dá ao turista, as visões dos dias históricos, mostra-lhe no traço arquitetônico o aspecto objetivo, palpável, das páginas mais gloriosas da sua existência — mas, acima de tudo, mostra-se uma cidade asseada, com saneamento do melhor, com fornecimento próprio de energia elétrica, tendo seus bairros populares de construções moderníssimas, jardins artisticamente arborizados, enfim.

— Guerra declarada às ruínas e construções incompletas, guerra sem tréguas, sobretudo, ao mau gôsto! — eis o lema do alentejano, em Beja.

★

Um conselho, turista amigo: Quando visitares o Baixo Alentejo, não deixa de fazer ato de presença em Beja, histórica, artística e monumental. Mas, desilude-te, desde agora, se porventura esperas encontrar, naquelas planícies imensas, só e sempre evocações do Passado. Lá estão o Presente — e ainda mais expressivo, o Futuro.

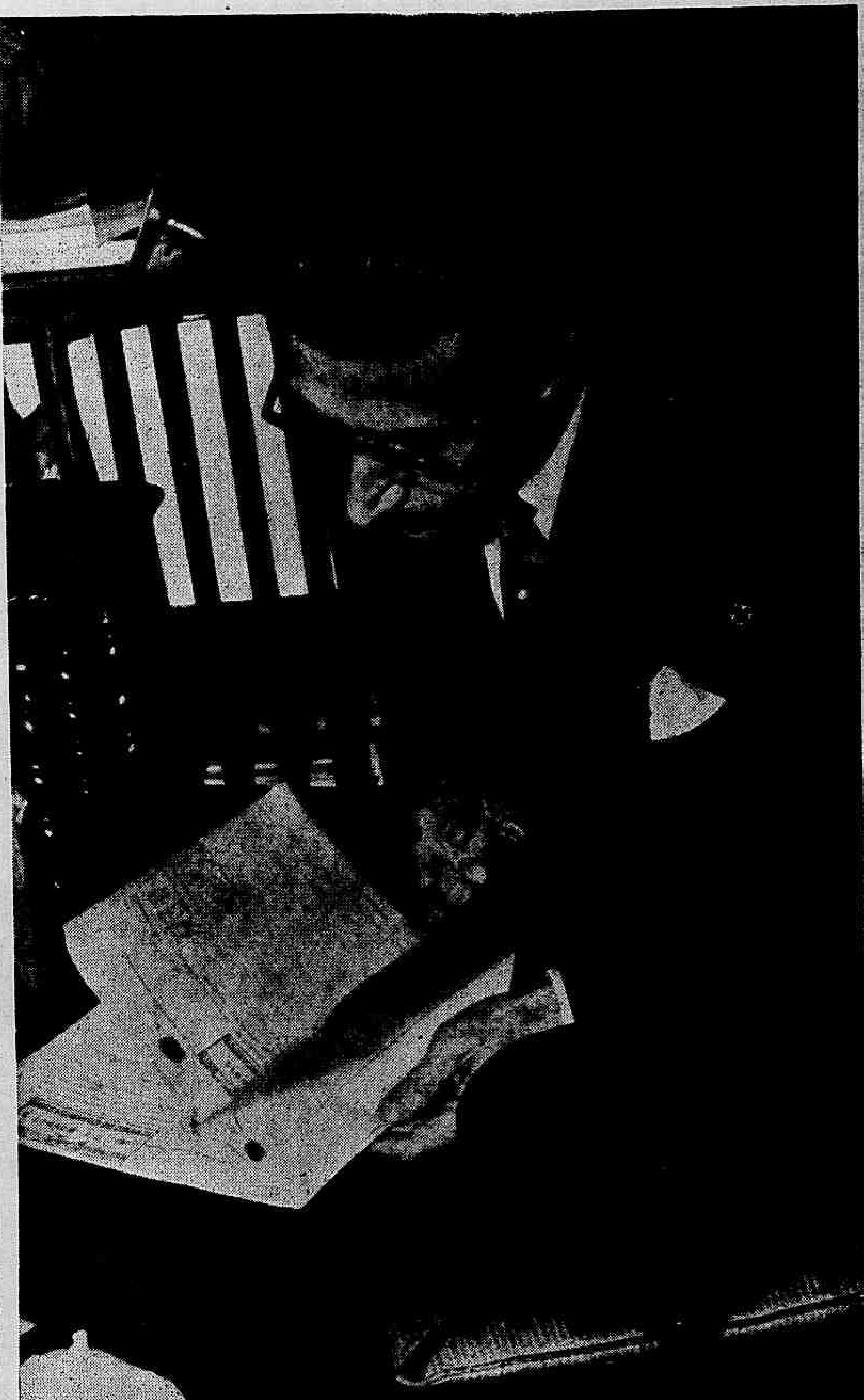


Camponês do Alentejo, cavando a terra de seus maiores, com a enxada que vai revolvendo o solo. Homens, aparentemente idosos, mourejam no trabalho árduo, como nos mostra a gravura ao lado

— "A situação é aflitiva! Faltam material e guardas, as ruas da cidade são estreitas, o número de veículos cresce assustadoramente, o estacionamento é feito no meio da rua, a indisciplina é geral. No fim das contas, a culpa recai sempre no Serviço do Trânsito!"







NO GABINETE DO DIRETOR — O trabalho na repartição é extenuante. Processos e mais processos para examinar. Audiência pública para atender pessoalmente as várias partes, pois todos querem chegar até a presença do dr. Estrêla. No hora de pagar a multa ou de ter a carteira cassada, todos se lembram que são chefes de família, que têm mulher e filhos para sustentar e prometem mundos e fundos para serem perdoados. Depois de vários casos, nada como um café bem forte para continuar o expediente

ASSIM É IMPOSSÍVEL!...

DEFENDE-SE O SR. EDGARD ESTRÊLA

O PROBLEMA DO TRÂNSITO ★ A SITUAÇÃO ATUAL É AFLITIVA ★ AS CAUSAS ★ FALHAS ★ MEDIDAS QUE PODEM SER TOMADAS ★ IMPOSSIBILIDADE TÉCNICA E FUNCIONAL DO SERVIÇO DE TRÂNSITO

Reportagem de SABINO CANALINI ★ Fotos de ARNALDO VIEIRA

A imprensa não é sòmente um órgão de ataque por excelência; a ela não compete ùnicamente alertar o povo e avisá-lo de tudo o que se faz ou se deixa de fazer para o seu benefício ou prejuízo. A imprensa é também, dentro dos moldes da vida democrática, uma tribuna livre, sempre à busca de justiça, aberta para qualquer defesa, qualquer exposição de opiniões e para todo esclarecimento que o povo se julgue no direito de pedir, seja a respeito da administração da "coisa pública", como de tudo o que se refere ao bem estar da comunidade. Por isso, como nos últimos tempos um dos assuntos em foco é o problema do trânsito, e já que, em nosso número anterior, foi abordado o congestionamento das ruas da cidade, resolveu a REVISTA DA SEMANA dar a palavra ao homem mais visado, mais criticado pela imprensa, sempre que se fala, em tráfego: o sr. Edgard Estrêla, diretor do Serviço de Trânsito.

Ninguém melhor do que êle para falar à população carioca sôbre um dos problemas que mais a aflige no lufa-lufa diário pela vida. Durante uma semana a nossa reportagem compareceu diàriamente à sede do Serviço de Trânsito, na Praça Tiradentes 67, para entrevistar o seu diretor. Impossível, e não porque houvesse má vontade ou prevenção contra a reportagem; verificamos pessoalmente que a única razão era a absoluta falta de tempo para todo o trabalho a ser executado por um só homem. Finalmente, num sábado à noite, após haver examinado uma turma de rapazes para futuros motoristas do exército, o sr. Edgard Estrêla admitiu-nos no seu gabinete. Explicada a razão da nossa visita, êle disse de saída:

— As perspectivas do trânsito para o futuro próximo são mais do que sombrias, são angustiantes!

E foi examinando o assunto, desfiando honesta e corajosamente todos os males da situação atual, reconhecendo a gravidade do momento, e advertindo a população para que, com a fôrça do seu direito, consiga os meios necessários à solução do problema, se não quiser assistir a situação ainda mais aflitiva. Isso porque, apenas com o que êle dispõe, é absolutamente impossível fazer mais do que está fazendo.

E a palavra dêsse funcionário técnico, que há 18 anos dirige o Serviço de Trânsito, continuou esclarecendo:

— Eu conheço os pontos fracos do trânsito carioca, cuja responsabilidade é diariàmente atribuída a mim. Conheço, porque fiscalizo como qualquer guarda, de apito na bôca, a cidade tôda. Sei que a condução em certas horas, é escassa; no entanto, paradoxalmente, as ruas vivem atravancadas de veículos. Sei que



SEMANA DO TRÂNSITO — Nos cruzamentos de mais movimento, como o da Avenida Rio Branco com a Rua do Ouvidor, cuida-se de chamar a atenção especialmente dos pedestres. Faixas, guardas, placas e alto-falantes, quase na localidade para orientar as pessoas que se locomovem a pé. Inclusive uma velha lei de multa para os pedestres, foi desenterrada e posta em vigor. Mas quem ensinará os motoristas a respeitar a vida dos seus semelhantes? Quem os ensinará a dirigir com mais moderação e cautela?

se filas serpenteiam extensíssimas em todos os setores da cidade. No entanto, existem 80.000 veículos matriculados no Distrito Federal. A superlotação é crescente. O serviço de bondes foi aumentado em mais de 100 carros depois da guerra, e êles andam como verdadeiros cachos humanos. Sem falar nos ônibus, apesar dêles correrem a cidade em todos os sentidos. Os "gostosões" são de aquisição recente, e até o fim do ano, mais 125 entrarão em serviço. Mas "cadê" espaço? Os engarrafamentos sucedem-se a três por dois, alterando tôda a vida da metrópole. As ruas vivem entupidas de veículos estacionados, e isso se verifica em avenidas largas como as do Castelo, Avenida Presidente Vargas, por exemplo, e a Rio Branco na hora do "rush". Há abusos constantes por parte dos taxis, dos particulares, dos lotações, dos ônibus, das companhias concessionárias de todos, enfim. As buzinas vivem atormentando nossos ouvidos. Cometem-se faltas de tôda espécie, repetindo-se elas com facilidade espantosa. Há muita inconsciência, muita imperícia e muita irresponsabilidade, agravadas mais ainda pela conduta leviana dos que deveriam dar o exemplo. É' o caso dos "chapas brancas". Campeã da indisciplina e dentro dessa, leva a palma a [illegible]. A sinalização é escassa e, em alguns casos, defeituosa; muitas vêzes os guardas de Trânsito primam pela ausência e o Serviço é deficiente. Como se vê, estou ao par de tudo e não me nego a reconhecer a gravidade da situação. Mas, assim como fui sincero na exposição das falhas que, com ou sem razão me atribuem, serei também claro na explicação dêsse fenômeno que é o Trânsito do Rio de Janeiro.

E prosseguindo:

— Entre as causas, figura em primeiro lugar a topografia da cidade. Serpenteia ela entre os morros e o mar, em faixas estreitas, dificultando o percurso normal das ruas e, o que é pior, com passagens obrigatórias em verdadeiras gargantas e cortes que, na maioria, são usados para ambas as mãos, de modo que basta um simples carro enguiçado para perturbar tudo. Em segundo lugar vêm as ruas estreitas e sinuosas, tal como eram há 200 anos, no Rio colonial e pachorrento dos muares, dos cavalos e dos carros de bois. Quem abriu aquelas ruas, de maneira alguma pensaria que seriam percorridas pelos "gostosões". Depois, a população carioca está aumentando de maneira assombrosa, não possui educação de trânsito, e assim, antes de compreender e cooperar, só sabe atrapalhar e depois criticar. Em seguida vem o bonde, o veículo tradicional da massa, pois é barato. Êsse tipo de viatura não está mais de acôrdo com a vida rápida de hoje, numa cidade de ruas estreitas como é o Rio. Mas, pode-se acabar com êle? Evidentemente que não. Como viajaria

RIO DE JANEIRO, CIDADE LABIRINTO — Maravilhosa pela natureza, cheia de contrastes, que se presta admiràvelmente para as reproduções de cinema, nos [illegible] e nos cartões postais, mas ingrata para o árduo trabalho do pessoal da Inspetoria Geral de Trânsito, que a considera um pesadêlo

A TE N Ç A O ! — Sinal vermelho para os motoristas. Os pedestres podem atravessar sem susto. — Senhorita de azul, por favor, procure a sua direita! Está vendo? Se persistir pela esquerda, continuará esbarrando. Cavalheiro de roupa marron, não é necessário correr tanto. Cuidado com a pressa!"



o pobre, então? Depois vêm as obras que a Prefeitura realiza em vários pontos da capital. Obras de vulto, necessaríssimas, efetuadas sempre de acôrdo com os pontos de vista emitidos por êste Serviço, em prol do bem da sociedade, pois constam de alargamentos de ruas, asfaltamentos de outras, desmonte de morros e de quarteirões velhos, aberturas de novas vias, aterros, etc. Obras imprescindíveis, mas que, no momento, contribuem para dificultar o trânsito. Não podem nem devem ser abandonadas, portanto, o jeito é ter paciência. Para os acidentes, as causas são a imperícia, o descuido, a irresponsabilidade e, principalmente, a indisciplina, seja dos motoristas como dos pedestres. O que falta é a consciência do relevante papel que representa a normalidade do trânsito para a capital do país. Deixei para o fim aquilo que eu acho ser a principal causa de tôdas as falhas do Serviço de Trânsito. Consta êste, no quadro dos guardas, com os mesmos efetivos de 1922, isto é, 600 guardas. Do material nem é bom falar, a começar por esta sede, onde tudo é velho, gasto de uso, até o material rodante. Não há uma motocicleta nova, nem um rádiotelefone, confôrto aqui não existe, tudo é antiquado de várias dezenas de anos. Dos 600 guardas de que disponho, devem ser subtraídos 1/7 em gôzo de descanso semanal, mais os que estiverem em férias, os que estiverem em licença por acidentes, doença, morte de parentes ou qualquer outro motivo. Além disso, devem ser divididos em quatro turmas de seis horas cada, pois o serviço é ininterrupto de zero a zero horas. O que sobra é o efetivo que tenho para fiscalizar todo o Distrito Federal, de Santa Cruz ao Leblon. Nem serventes temos. Os que você viu, são guardas de serviço externo, que despiram a farda, para vestir o macacão e se revezar no serviço interno aqui da repartição. Não há quem faça o levantamento topográfico de uma simples rua, faltam material e técnicos. Eu faço pessoalmente o exame diário dos motoristas e dou audiência para atender as partes aqui no gabinete, por falta de auxiliares. Todos os guardas são uns abnegados, sempre remediando, sempre fazendo trabalho fora das próprias funções. E' tudo exaustivo e ineficiente. O Serviço de Trânsito da Capital da República está ainda na infância de sua vida, e infância abandonada. Aqui tudo é primitivo e rudimentar. E' por isso que o nosso trabalho não aparece e somos os bodes expiatórios de qualquer anormalidade que surja. Repito, o problema do trânsito foi se agravando num crescendo contínuo até chegar ao estado de saturação atual. E veja bem, estamos em regime de licença prévia para importação de novos veículos. Imagine se fôsse livre! Mais algum tempo outros veículos, mais pessoas e a questão não terá solução.

DISCIPLINA — O povo carioca é um pouco comodista, e, de vez em quando, precisa de um regime quase militar. A faixa é o lugar de segurança estabelecido para atravessar sem perigo. Por que zigue-zaguear entre os veículos em movimento e não respeitar o sinal? Todo o cuidado empregado só poderá redundar em seu próprio benefício. O tempo é precioso, mas a vida é muito mais. Por mais atarefada que esteja a pessoa, é sempre melhor perder 30 segundos numa espera paciente do que lastimar depois da pressa





VERDE PARA OS PEDESTRES! — Pode passar! — E o inspetor de trânsito, abrindo os braços, cerra o cruzamento à passagem dos veículos, permanecendo no meio da Avenida para garantir a segurança dos que vão atravessá-la

PASSAM OS VEÍCULOS — Quase sempre em marcha acelerada, grandes e pequenos, desfilam incessantemente pelo asfalto, rente ao meio-fio, acompanhando a rapidez da vida. Os pedestres só têm a fazer o seguinte: juntar-se no lado direito da faixa e esperar pelo sinal

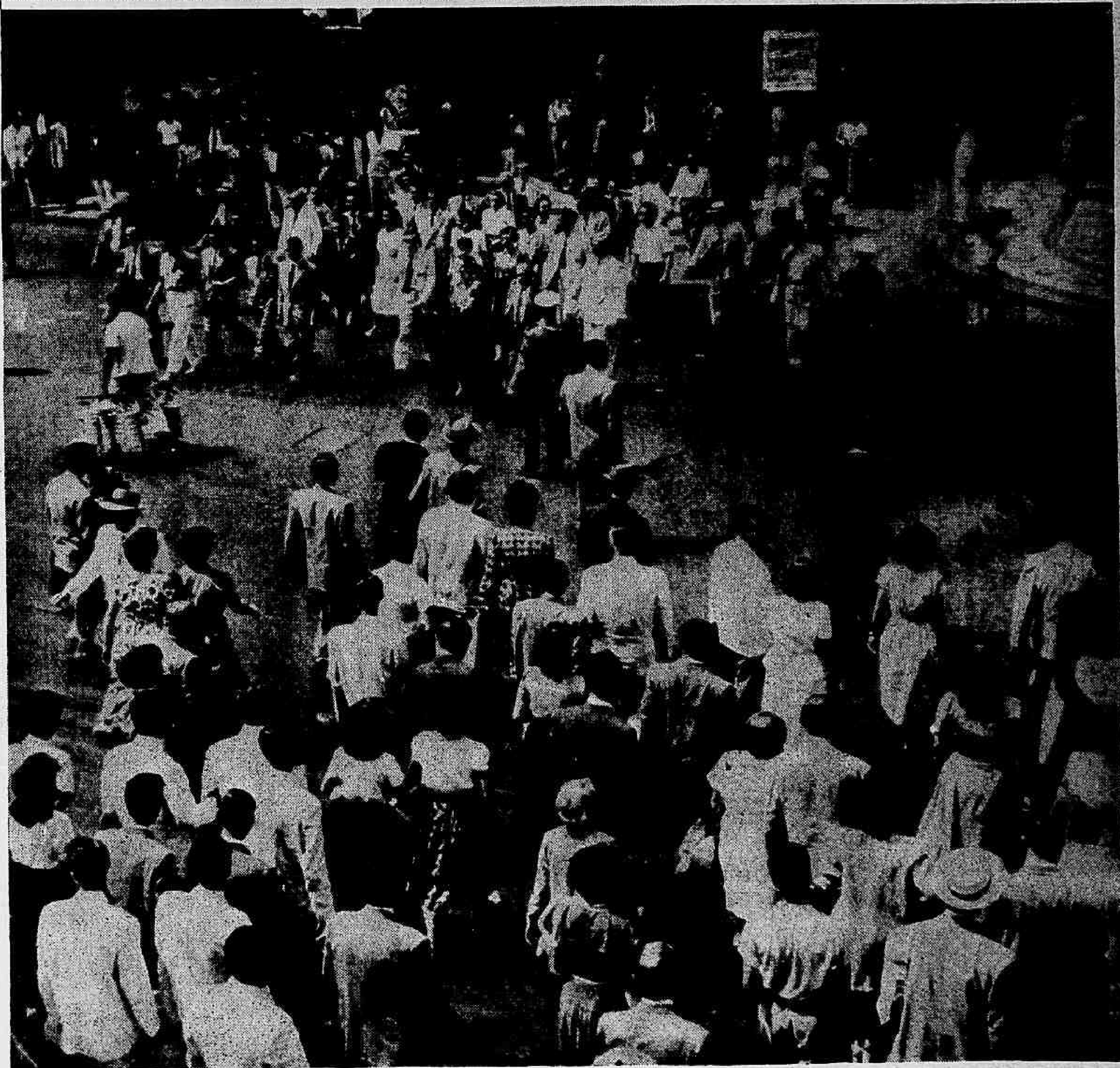


Depois de uma pausa:

— Para grandes males grandes remédios, e êstes seriam: o metro, túneis duplos, novas avenidas pela derrubada dos quarteirões coloniais, desmonte do morro de S. Antônio, grandes parques de estacionamento ou garages subterrâneas, obrigatoriedade destas em todos os grandes edifícios do centro (de outra forma imagine o que não acontecerá quando tôda a Avenida Presidente Vargas estiver edificada) e principalmente maior número de guardas, uns dois mil, material moderno e suficiente, instalações para esta repartição pelo menos atualizadas e um serviço de rádio-telefonia como o existente para a Rádio-Patrulha. Pois bem, destas medidas, algumas são de efeito imediato, outras preventivas e de execução demorada. Devemos antes tratar de normalizar o tráfego de superfície, para depois atacar os trabalhos de perfuração das galerias do metro, de outra forma a cidade ficaria intransitável. Os túneis estão sendo abertos; o desmonte dos morros, de quarteirões velhos e a abertura de novas avenidas duplas de ligação, eis trabalhos que a Prefeitura executa conforme pode, aos poucos, para não deixar a cidade obstruída e para não criar o problema da moradia para milhares de pessoas. As medidas de efeito imediato são: o alargamento das ruas, o sistema de "mão única" (que tão bons resultados está dando seja para a zona sul, como para a zona norte, embora não devidamente compreendido pela parte comodista da população carioca), o aperfeiçoamento da sinalização, e reestruturação completa e a modernizção dêste Serviço.

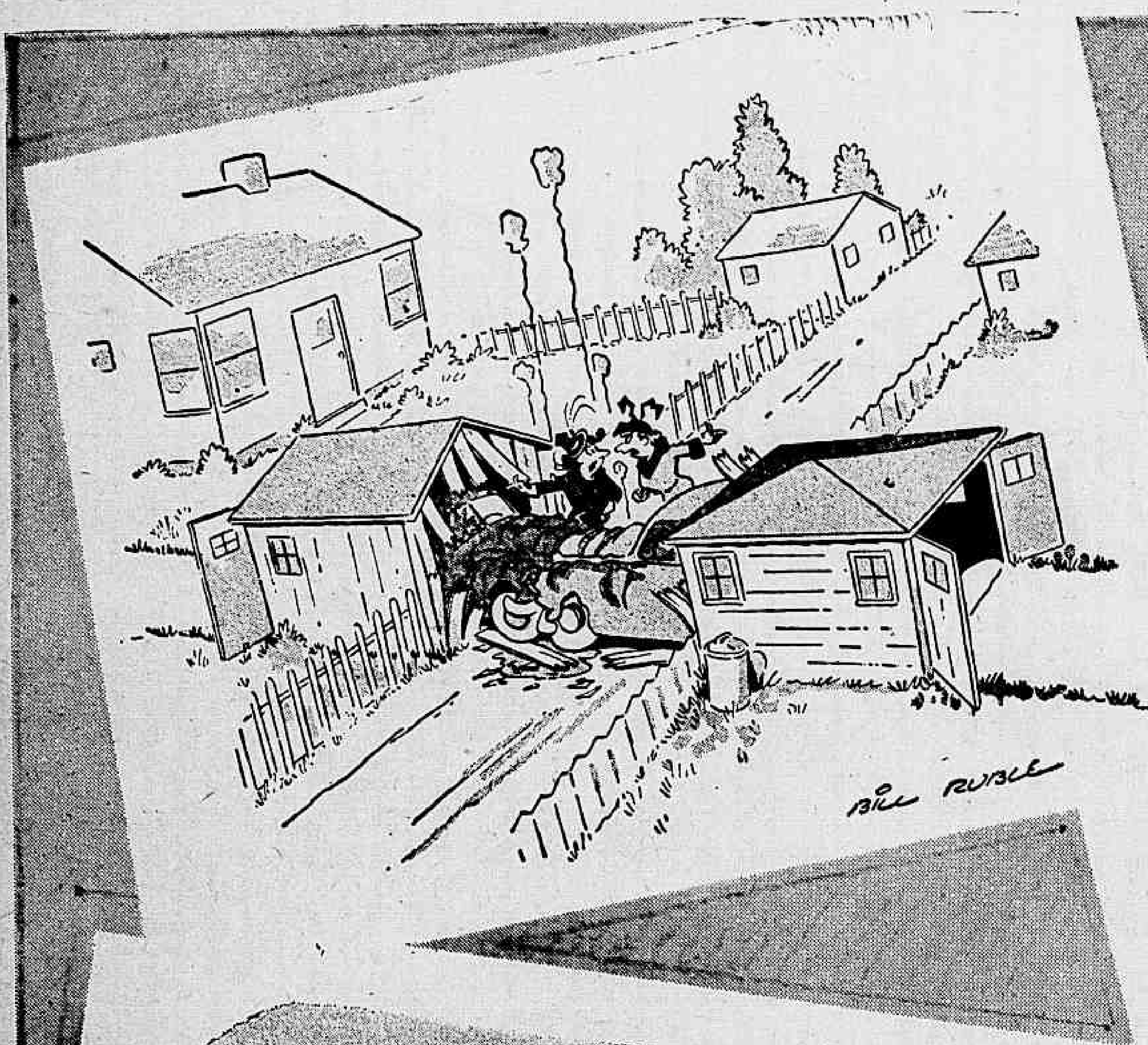
Alem da atual Semana do Trânsito, será instituída também uma Campanha permanente de Educação do Transito, para que todos, homens e mulheres, jovens e velhos, pedestres e motoristas, apreendam a se comportar na rua, conheçam seus direitos e seus deveres, cooperem para o bem-estar da coletividade, abandonem os sentimentos de egocentrismo e respeitem a condição humana das outras pessoas. Para começar digo que em tôdas as ruas de mão única serão instaladas placas indicativas dos números dos vários quarteirões, a exemplo do que foi feito nas ruas Voluntários da Pátria e S. Clemente. Pretendo também colocar postes de sinalização em frente a cada colégio, contando para isso com o auxílio dos próprios educandários. Êsses sinais serão manejados por turmas de pequenos monitores-alunos dêsses institutos, que terão autoridade, que eu mesmo darei, para multar, registrar infrações e dirigir o trânsito nas horas de necessidade, para maior segurança dos colegas. Espero com isso incentivar o espírito de disciplina e compreensão de tudo o que diz respeito ao trânsito, nas crianças, os nossos homens de amanhã. Quero que desde cedo êles apreendam a ver no Serviço de Trânsito um dos mais importantes para o bom andamento da vida agitada de uma metrópole.

Encerrada assim a entrevista, só resta perguntar: Que diz a isto o Congresso? Quando virão os meios para normalizar uma situação que já se torna aviltante para o povo da Capital da República?



PASSAM OS PEDESTRES — O inspetor no meio da rua apitou; os veículos freiam e param. Duas colunas compactas de pessoas, ambas pela direita, avançam para o centro da rua, cruzam-se, sem entrechocar-se, e continuam em direção à outra calçada, a meta suspirada

BOM HUMOR





— Esta é um pouco mais cara, mas quando a senhora levantar a tampa ouvirá uma valsinha de Strauss...



— Está vendo, Sílvia? Já temos o bastante para pagar a multa...







— Como vamos passar duas semanas na praia se você quisesse fazer o favor de guarda, isto...



Segue

BAR DO CREPÚSCULO

EM uma ilha imaginária, onde os habitantes vivem no seu próprio mundo sem pensar que existam outros planetas, surgem de inesperado dois estrangeiros que se dizem enviados do céu. Caídos lá de cima, tendo como transporte aéreo um cometa, êles chegam exatamente quando a ilha atravessa um drama forte, que é o da revolta dos trabalhadores do campo. Todos acreditam na palavra dos mensageiros: sendo o nosso planeta o mais infeliz, não tem mais razão de existir, podendo mesmo marcar-se o tempo exato para sua completa desaparição, que se dará dentro de três dias. Sem demora é convocado o ministério para uma conferência tipo "mesa-redonda". E chega-se a uma conclusão geral: se a ilha vai desaparecer, de que adianta guardar mais o dinheiro? De que valem as tristes economias de cada um, quando aquêles sêres humanos irão viver em outro planeta onde tudo se adquire sem o vil-metal? — Êsse o ponto de referência da comédia de Arthur Koestler, traduzida por Odilon Azevedo, no original "Twilight Bar", que Dulcina e Odilon estrearam agora, provocando os mais desencontrados comentários e as apreciações mais contraditórias.

1 A conferência dos ministros. Da esquerda para a direita: ministro da Ag. Lamartine Babo; dos Negócios Estrangeiros, Ângelo Labanca; Geral Graça Mello da Justiça, Ferreira Maia; da Saúde e Comércio, Magalhães Graça; da Guerra, Jorge Diniz; da Instrução, Jaime Barcelos. — O que resolve o ministério reunido? O maior desconcêrto — entregar todos os poderes à Oposição. Porém, a oposição é que saiu perdendo... E exclamam em altos brados: — "Querem a lavoura? Pois fiquem com ela! Querem os trabalhadores? Fiquem também com êles"... As coisas mais absurdas passam a ser feitas naquele dia [illegible]. Os velhos ministros não trepidam em sentar-se no chão, dançam, cantam a "Marselhesa" e dão largas aos sentimentos mais íntimos, que por tôda a vida êles procuraram disfarçar. Cada qual mostra-se tal como sempre desejou ser, como era efetivamente, sem máscaras, sem disfarces, ao sabor de estar com os dias irremediàvelmente contados. Seria ótimo se a vida pudesse ser sempre assim. Lástima não se vinda essa liberdade do corpo e do ânimo mais cedo, quando os pobres velhos estivessem ainda beneficiados por alguma descoberta que os fizesse vislumbrar a mocidade perdida...

2 Nesse transporte súbito de liberdade, os velhos ministros resolvem também soltar o "líder" de todos os movimentos revolucionários naquele dia. É o "sanguinário" (Nuno Cortes), que foi sempre a favor dos trabalhadores, a devolver a liberdade, com grande surprêsa para êle mesmo. Que se terá passado de inesperado? Aquêles homens rígidos, ferrenhos, os mesmos que até então o consideravam elemento indesejável e perigoso, apresentam-se em [illegible] das grades, permitindo-lhe a troca do uniforme de presidiário pelas roupas comuns. Mas de que adianta nunca encontrará aquela outra criatura?

3 E em dado momento anuncia-se a presença do chefe da Oposição, Brandão Filho. Êle foi sempre repelido daquele ambiente, porque os homens do govêrno sentiam o perigo à sua frente quando a Oposição comparecia. O chefe aparece tímido, esperando a clássica investida, o ataque de todos os lados — mas surpreende-se também com a reviravolta. [illegible] Os ministros o recebem felizes, como um irmão de sentimento, [illegible] o laço branco da paz e da fraternidade. Assim mesmo o coitado receia avançar um passo: "Os senhores não estarão [illegible] à minha humilde pessoa?"



4 E' quando comparece à reunião o famoso repórter Vagalume (Odilon), que pela primeira vez tem facultado o ingresso no recinto, mesmo tratando-se de uma conferência secreta e de alto sentido político. Êle quer adquirir maior soma de dados para suas reportagens. Sua palavra é ouvida com todo o acatamento embora, a rigor, ninguém lhe esteja dando grande importância. Mas o repórter fala e sente-se venturoso tendo o universo apoiado na palma da mão. Vinga-se de quando não o deixavam colhêr o seu material, fazendo uma preleção por conta própria e dando conselhos aos casmurrões homens públicos. A "mesa redonda" continua girando, o repórter falando e os ministros procurando [illegible] o espírito cansado... Vagalume está longe de prever o desastre que o espera daí a instantes. Até mesmo o interêsse amoroso desapareceu naquela ilha — mas quando o rapaz vem a conhecer Omega (Dulcina), a "enviada do céu", sente que em seu peito irrompeu forte paixão pela estranha criatura. Como poderá um homem vulgar, daquela ilha infeliz, enamorar-se de mulher sobrenatural? E será que ela vai retribuir-lhe o afeto desesperado? Além de tudo, a ilha vai desaparecer, ninguém mais duvida a êsse respeito...



5 Mas, enfim, a ilha desaparecerá dentro de três dias. E todos resolvem despedir-se do planeta dos martírios, brincando como crianças, no "carroussel" daquele parque de diversões. O coronel (Jaime Barcelos), candidato à mão de Luci (Suzana Negri), desconfia que ela esteja por sua vez apaixonada de Alpha, o "enviado do céu". Pouco importa! Aquela vida vai acabar e o amor não terá mais razão de ser! Toca a brincar nos cavalinhos de pau, deixando que se escoem as últimas horas de vida! Ninguém mais tem dinheiro para gastar. De lado, o repórter Vagalume parece desconfiar de tanta loucura inesperada...



6 Até a senhora Gonzalez (Conchita de Morais), que sempre foi austera e prepotente, aderiu ao espírito de infantilidade "recuperada" a que se entregam os demais. Ela deseja ansiosa "o fim do mundo", renunciando ao seu espírito de ganância, de egoísmo, que tanto mal fazia aos semelhantes. Agora é uma simpática e sorridente matrona, dizendo coisas amáveis a Vagalume, sem mais se importar que Luci case ou deixe de casar com o velho coronel. No outro planeta não haverá maldades nem casamentos forçados. Às favas o orgulho, o dinheiro, as vaidades! E' preciso bem desperdiçar as últimas horas de vida...





7 E o inevitável acontece: o amor pode mais, e Omega enamora-se também de Vagalume. O repórter parece interessado em realizar uma brilhante reportagem nas regiões desconhecidas para onde o querem levar... Entretanto, se é verdade que o amor não existe no outro planeta, como se explica a paixão de Omega por Vagalume? Simplesmente porque, antes de viajar para a ilha, ela se recusou a engolir o tablete capaz de imunizá-la contra os males súbitos do amor neste mundo de sofrimentos... E com isso está capacitada a retribuir as declarações do jornalista, sentindo-se com potencial bastante para viver a seu lado o mais belo romance que duas criaturas já conheceram! Nada vale nada, o dinheiro desapareceu totalmente da circulação — mas o amor prevalece...

8 Já não acontece o mesmo com Luci, que se entusiasmou a valer com as belas fantasias de Alpha (Luis Tito). A jovem, em pura perda, suplica-lhe uma esmola de afeto; mas o bonito rapaz foi imunizado contra os apegos terrestres. Tivesse imitado o gesto de Omega, rejeitando o tablete preventivo, e estaria habilitado a amar, ao menos por segundos, a jovem desvairada. Não a imitando, vê-se impedido de retribuir aquela manifestação de amor. Enquanto Luci, a seus pés, num transporte romântico, pede-lhe um beijo — êle, indiferente e frio, glacial e de olhos perdidos no infinito, permanece irredutível. Nem os aperitivos fortes do Bar do Crepúsculo lhe perturbam a razão. E assim vai a farsa de Arthur Koestler até a cena final, cheia de ironia e malícia

QUERO MORRER CONTIGO

O quarto já estava quase às escuras, as sombras se adensando pelos cantos, um recorte de céu aparecendo pela abertura da janela escancarada, e o pesado silêncio cobrindo as coisas, triste e angustiante, aqui e acolá interrompido apenas pelo cacarejar das galinhas que subiam para o poleiro, ou o rosnar do velho cachorro que se espojava preguiçosamente nas cinzas da cozinha.

Nestor acomodou-se melhor na rêde, tocou o calcanhar no chão e começou a embalar-se devagarinho, as mãos cruzadas sob a cabeça, os olhos abertos e enxutos, os lábios ressequidos, e a alma dolorosamente acabrunhada.

Da cozinha, pouco adiante, vinha o cheiro característico de café torrado; depois, o ruído de uma caneca que se metia no pote, e, em seguida, alguém que ia até o jirau do alpendre, despejava a água na bacia e lavava as mãos. Mais uns instantes, e foram uns passos que se aproximavam, arrastados e cansados, passos de gente sofredora. A pessoa parou junto ao batente da porta, espiou para dentro do quarto e perguntou:

— Meu filho, como é, tu não queres mesmo jantar?

Nestor respondeu, a voz quase um resmungo:

— Não quero nada, minha mãe. Eu não já lhe disse...

Dona Sinhá não se conformou com a recusa; demorou um pouquinho e insistiu:

— Mas, meu filho, tu não podes ficar o dia todo assim... Ora já se viu!

Amoleceu a voz:

— Come, meu filhinho, sou eu que te peço, anda! Se tu não quiseres ir lá fora, eu trago aqui mêsmo pro quarto. Anda, meu filho. Eu fiz com tanto gôsto, temperei o frango como tu gostas, botei cebola e vinagre, refoguei o tempêro, fiz tudo direitinho... Anda, meu filho, come, sou eu que estou pedindo!

Apesar de tão insistentes rogos, o rapaz nada respondeu. Continuou deitado, a rêde prá-lá-e-prá-cá, prá-lá-e-prá-cá. A velha esperou um instante, e voltou à carga:

— Como é, eu posso trazer?

Foi uma pergunta tímida, misto de súplica e aflição. Nestor sentou-se bruscamente na rêde, interrompeu por um momento os cruéis pensamentos que lhe dilaceravam a alma, e gritou impaciente, uma voz rouca e desconhecida:

— Ô, minha mãe, eu não quero nada, eu não quero nada! Bolas!... Eu não já disse! Por favor, me deixe em paz! Ora que coisa!... Eu não quero nada!

Dona Sinhá não se molestou ante a intempestiva reação do filho; humilhou-se ainda mais, e falou baixinho, como a querer justificar-se:

— Não é por nada, meu filho... A questão é que hoje tu ainda não comeste nadinha... Nem um cafézinho, nem nada...

Alteou a voz, experimentando outra investida:

— Será que tu não aceitas ao menos um cafézinho? Está tão gostoso... Eu deixei esquentando lá na beira do fogo.

O rapaz não respondeu. Ela tomou o calado como assentimento e foi solícita buscar a tigela de café. Em pouco, voltava, trazendo também um pedaço de beiju para completar:

— Está aqui, tu podes tomar logo, enquanto está tudo quentinho...

Nestor soergueu-se, desta vez pacientemente, e pôs-se a tomar o café aos goles, enquanto a velha mantinha suspensa numa das mãos a lamparina que trouxera para alumiar o quarto.

A pobre mãe se deixou ficar ali calada, e passaria assim horas e horas, a contemplar aquêle filho querido, ainda tão moço mas já tão infeliz, sentindo por êle tôda a compaixão, tôda a ternura de que seria capaz u'a mãe, em idêntica situação. Por mais que ela se esforçasse, não evitou que lágrimas rebeldes começassem a escorrer-lhe silenciosamente pelas faces. Esteve a ponto de chegar-se mais para junto daquele pobre filho, sentar-se numa beirinha da rêde, embalar devagarinho, acariciar-lhe ternamente a cabeça, e cantar baixinho uma daquelas nênias com que se acostumara a adormecê-lo quando criança:

"Cho, cho, pavão
De cima do telhado
Deixa meu filhinho dormir
Seu soninho sossegado..."

Ela enxugou as lágrimas com a manga do vestido, e mais que depressa procurou ocultar os seus sofrimentos. Não queria, absolutamente, que o filho tivesse aumentados os seus atrozes padecimentos, por surpreendê-la assim naquele estado, os olhos banhados de lágrimas, o rosto contraído num ritus doloroso. Na verdade, aquêle filho era tudo para ela. Mesmo nos momentos em que êle se revelava rude e intempestivo, ela o amava mais, pois sabia que a rusticidade daqueles gestos, a aspereza de suas palavras não provinham do coração, que êste era bom e terno, mas, sim, de uma alma torturada, do infortúnio que o encarcerava naquela humilde casinha, roubando-o tão moço ao convívio dos homens, e mais que tudo, tomando-lhe a jovem que o seu coração jovem elegera para noiva, paixão nascida entre crianças, que crescera com a idade e se fizera adulta, para ser agora miseravelmente esbulhada pelo destino...

Sim, naquela noite, talvez àquela mesma hora, a algumas centenas de passos dali, já no centro da cidadezinha, Conceição estava se casando com outro homem.

Pobre filho! Dona Sinhá bem que compreendia a razão, de, naquele dia, ser maior o sofrimento do rapaz, o seu insopitável desespêro. Sabia, por outro lado, que, se se aproximasse dele com o fito de consolá-lo, demonstrando assim compartilhar inteiramente de mais aquela dor que o afligia, sabia que, nem bem houvesse ensaiado o primeiro gesto de carinho, e o filho franziria a sobrancelha, faria um ar de enfado e responderia mal humorado:

— Ô, minha mãe, por favor... Me deixe em paz! Eu nem estou me lembrando mais dessa tal moça...

Depois, concluindo pela insubsistência de sua negativa, punha de lado as últimas reservas do que êle julgava amor próprio, tôda a sua rigidez se desfaleceria, e êle cairia então nos braços da mãe querida, se desmanchando em lágrimas, se despedaçando em soluços:

— Ah, minha mãe! Minha mãezinha, eu sou um desgraçado! Eu sou um desgraçado!...

Dona Sinhá expulsou incontinenti tais pensamentos, pois, do contrário, seria ela a primeira a se jogar por terra, chorando e gritando em desespêro:

— Meu filho! Filhinho de minha alma! Nós somos dois desgraçados! Dois desgraçados!... Que mal fizemos a Deus para merecer tamanhos sofrimentos!... Meu pobre filho!

(Cont. na pág. 46)

CONTO DE **RIBAMAR GALIZA**
ILUSTRAÇÃO DE **JERONYMO RIBEIRO**





VENDEDOR AMBULANTE NO
TEMPO DOS ESCRAVOS

O ELEMENTO NEGRO EM "CASTRO ALVES"

A abolição da escravatura no Brasil, ponto de referência para um empreendimento cinematográfico de largo alcance ★ O problema idiomático, tal como o resolveram Joraci Camargo e Leitão de Barros ★ Brasil colonial e os grandes paladinos da campanha abolicionista

Por JOÃO ALVARENGA

(Ilustrações do filme "Vendaval Maravilhoso" (Castro Alves)

O filme sôbre a vida e os amôres do poeta dos escravos tem princípio com a assinatura do decreto abolindo essa masela social no Brasil: a cena transcorre no Paço Imperial, naquele mesmo edifício da Praça Quinze em que hoje se instalam os Correios e Telégrafos, encaminhando-se a Princesa Isabel para a sala principal e apondo sua assinatura ao decreto. José do Patrocínio dobra o joelho, testemunhando sua gratidão à ilustre Regente, enquanto Joaquim Nabuco, rumando para uma das janelas do edifício, dirige-se ao povo, a quem profere a frase histórica:

— Brasileiros, não há mais escravos em nossa pátria!

E só depois vai surgir, na tela, a figura imortal de Castro Alves. Êle nasce no interior baiano; seu nascimento é pontilhado por uma estrêla faiscante — e a estrêla tem um símbolo — acaba de nascer o Deus Menino, o que há de levantar bem alto seu glorioso verbo em prol dos humildes e dos escravos.

Não se pense, entretanto, que o filme realizado por iniciativa de David Serrador, seja apenas uma história patética, louvando-se no imortal 13 de maio. A rigor, essa película serve como mensagem da inteligência e da bravura do homem brasileiro, mas conta ao público a vida boêmia e apaixonante do cantor de "Espumas Flutuantes". Muitos problemas tiveram de ser vencidos para levar avante êsse empreendimento, um dêles, e dos maiores, o que se refere à questão do idioma. Filme feito para correr mundo, teve a dirigi-lo um cineasta português de excepcional classe — Leitão de Barros. Foi êle também, de colaboração com Joraci Camargo, o autor do argumento e dos diálogos. À margem do problema idiomático, o realizador de "Camões" teve ocasião de escrever o seguinte:

— E' certo que o cinema é um espetáculo eminentemente popular — e nas camadas populares, a diferencial idiomática resulta mais profunda. Mas, precisamente, temos que utilizar o cinema como ferramenta de cultura e de elevação do gôsto e da arte de expressão — pela palavra, pela música, pelo bailado ou pela mímica. Não devemos gravar no celulóide a "gíria" por simples transigência de bilheteria. Todos os efeitos cômicos ou dramáticos podem ser expressos, com propriedade, com elevação ou até com pitoresco, sem transpor os limites de uma orgânica verbal precisa. A gíria é o "sarro" do idioma. Algumas vêzes contém partículas de gênio —



Baianas com seus trajes típicos que os séculos não puderam alterar, turbantes alvos à cabeça, vendem flores para as festas de Yemanjá, e acarajés para os que têm fome. Os famosos acarajés que só mais tarde um sambinha malandro deveria consagrar... De noite elas vão aos terreiros tributar homenagem aos santos Nagôs e rezar no adro do Senhor do Bomfim. Todos os anos também lavam a nave sagrada e acompanham a procissão do velho ritual. Elas também vendem flôres, usam colares e pulseiras de todos os tipos, não esquecendo, para matar o tédio, um legítimo "baiano" pendurado nos lábios



O negro moço e cheio de vida, com fortes dentes e fôrça de touro, não éra gente, éra uma "peça" que dava muito bom dinheiro, nos tempos da escravidão. Uma cena comum nos "Valongos" do Rio e da Bahia, que o filme inspirado na vida e nos amôres de Castro Alves reproduz com absoluta fidelidade e muito sabôr próprio





Com o "processus" de aculturação do negro no Brasil, foi também envolvido o elemento indígena. Aqui vêmos uma cêna de "caboclinhos" ou Maracatú, muito comum ainda hoje no Carnaval no nordeste e especialmente reproduzido para o filme que Leitão de Barros dirigiu. Flautins, com seus silvos estridentes, também comparecem

e é então que os pesquisadores do ouro da língua as recolhem para o cofre que é o dicionário. Mas, quanta areia inútil para que refulja, uma vez por outra, o lampêjo do novo diamante da língua!

Mais adiante: g

— O que não podemos é obrigar mais o brasileiro a falar ou a compreender a fala lisboeta, cheia de ilisões e deturpações de pronúncia. O cinema falado em português claro, articulado e simples, é compreensível ao ouvido brasileiro, como em Lisboa ninguém deixa de entender o português do Brasil quando falado por quem o fale bem.

Isso quer dizer que Joraci Camargo e Leitão de Barros devem ter preparado os diálogos de seu filme, com o necessário cuidado, de modo a serem tão compreensíveis no Brasil quanto em Portugal, sem diferenças de prosódia. Nem podia ser de outro jeito, pôsto que a Academia Brasileira de Letras, por intermédio de um de seus mais ilustres membros, também poeta — Olegário Mariano — pôs sua chancela aprovatória tanto ao "script" como à parte dialogada.

★

Meses antes de serem iniciadas essas filmagens, Leitão de Barros percorreu o "itinerário de Castro Alves", quer dizer, São Paulo, Bahia e Pernambuco, entrando em contacto com o "clima" em que se desenrolariam os episódios mais decisivos. Posteriormente, êle e sua "equipe" técnica, voltaram a fazer o mesmo percurso, desta vez fixando no celulóide as cenas respectivas. E tudo ali foi incluído. As torturas porque passavam os negros fugidos de seus senhores, amarrados ao tronco, entregues à fome e à sêde; os leilões dos escravos que eram uma simples "peça" e não sêres humanos, vendidos ao bater do martelo a quem mais desse; a reprodução dos episódios tão comuns ao tempo, nos "Valongos" do Rio, da Bahia e do Recife; o candomblé trazido da costa d'África para os terreiros nacionais, com seus instrumentos típicos batucando noites intermináveis; a pegada dos desertôres das senzalas, perseguidos pelos implacáveis capitães-do-mato; as correntes e as gargalheiras ao pescoço dos infelizes negros prontos para suportar todos os martírios a começar pelas trinta ou [illegible] ao lombo esquálido com o azorrague torturante; as cantorias, [illegible] atabaques, louvando os orixás que se misturavam com [illegible] religião do homem branco — tudo foi reconstituído para êsse filme, tal como se recuando na ação do tempo, nos encontrássemos novamente para trás de 1888.

As populações da Bahia e de Pernambuco foram surpreendidas com o improviso dessas reminiscências — e os jornais do Recife encheram colunas fartamente ilus-

O tronco, instrumento de suplício para os negros fugidos, muitas vêzes se transformava em armas de redenção pela morte dos escravos que alí sofriam fome e sêde. Éram deixados entregues á sua sorte, até quando uma fôrça suprema incumbia-se de lhes dar o merecido repouso. Tudo isso foi reconstituido na Bahia e no Recife





Para os senhores de escravos, o negro das senzalas não tinha alma como qualquer cristão. Se fugia, logo que era pegado pelos capitães do mato, vinha acorrentado, trazendo gargalheiros ao pescoço. Quase sempre, a martirisá-lo, o "cabo de oito" fazia vibrar-lhe nas costas o azorrague, obrigando-o a marchar, mesmo quando já exausto pela caminhada. Isso, o que se pode vêr na gravura superior, enquanto na inferior, o filme mostra um negro escravo sofrendo em praça pública o castigo do pelourinho. A ... repatar, o rigor da indumentaria, particularmente dos policiais daquela época





Nos seus dias de festa, os escravos tinham permissão dos senhores para realisar suas danças, cantorias e músicas ao som dos atabaques, louvando os orixás que se misturavam com os santos da religião dos brancos. Algumas dessas cênas podem vêr-se ainda hoje, com ligeiras modificações de roupagem, nos famosos candomblés baianos

tradas com reportagens muito curiosas sôbre o Maracatú, com os infalíveis "cabocinhos" à maneira da época, desfilando pelas ruas da cidade nordestina, diante do ôlho clínico das "câmeras" cinematográficas.

★

Muito do Rio imperial, no terceiro quartel do século dezenove, contemporâneo de Castro Alves, Joaquim Nabuco, Machado de Assis, Rui Barbosa, José Mariano e outros vultos da campanha da abolição, foi reconstituído para o mesmo fim. A rua do Ouvidor, quando ali se instalava a redação da "Cidade do Rio", de José do Patrocínio, ainda percorrida por viaturas a tração animal, foi reproduzida num de seus trechos mais históricos, dentro de "croquis" feitos por autoridades no assunto.

A contribuição do elemento negro para essa obra da tela foi mais do que preciosa: foi mesmo notável. Enquanto as filmagens iam se desdobrando de Estado em Estado, hoje aqui no Rio — e poucos sabem que no bairro de São Gonçalo, do outro lado da Bahia, houve importantes "tomadas" — amanhã nas praças e ruas mais tradicionais da cidade de Salvador, depois nos arredores do Recife ou frente ao Teatro Santa Isabel — os negros iam sendo convocados por bom preço. Muitas centenas dessas criaturas humildes, de ambos os sexos e de tôdas as idades, vão aparecer no filme.

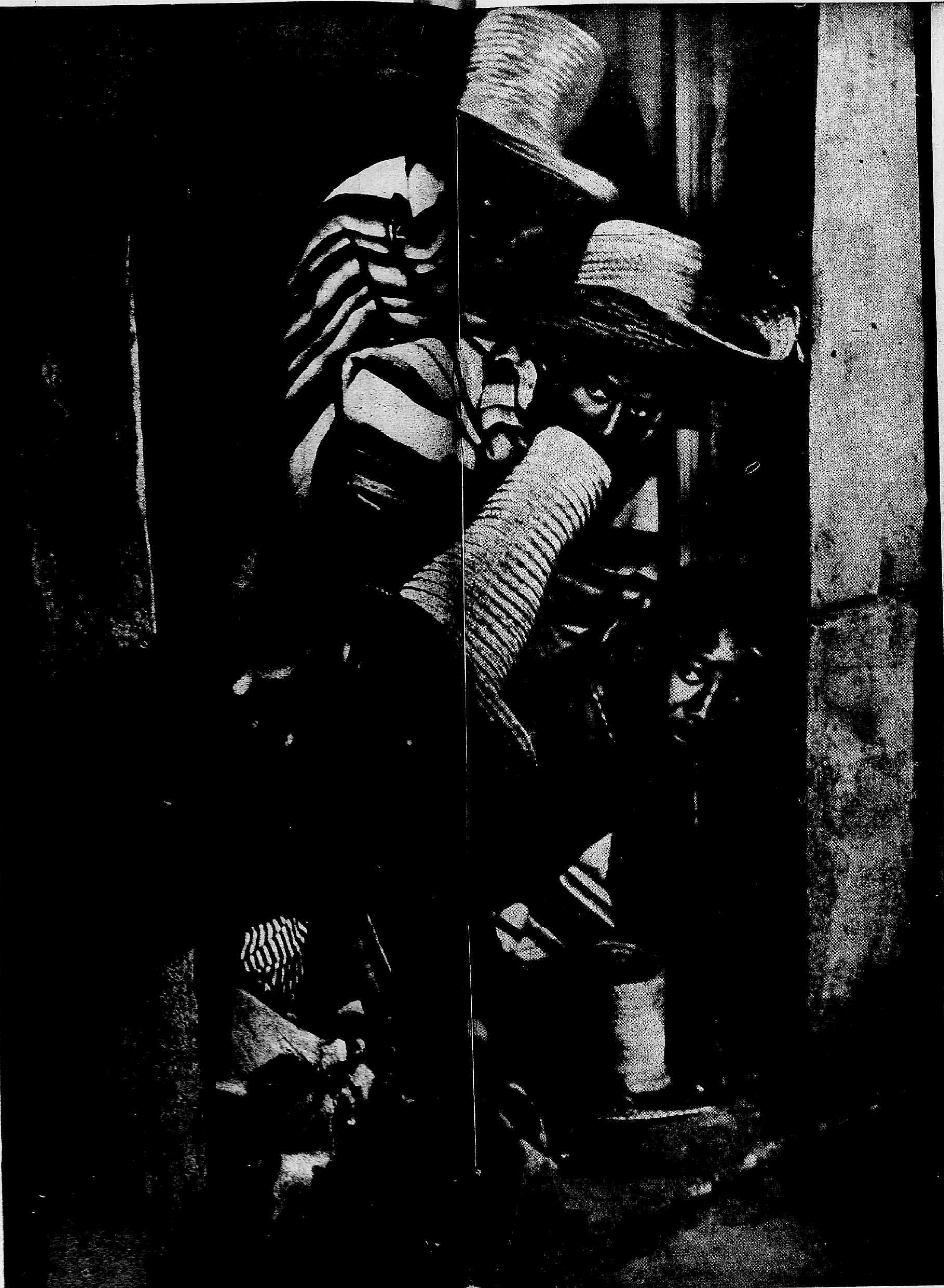
— O negro é material humano de excelente aproveitamento — declarou Leitão de Barros, uma vez concluídos os seus trabalhos. Enquanto o branco se cansa com facilidade e, não raro, mostra-se impertinente, o negro mostra resistência maior, está sempre disposto a repetir a sua parte, se por ventura não saiu de inteiro agrado — e conhece o espírito de cooperação. Só tenho que agradecer a êsses preciosos colaboradores que tive a meu lado, por todo o tempo em que se estenderam os meus trabalhos.

★

A Cachoeira de Paulo Afonso, o Ginásio Baiano, a Universidade de Recife, a Faculdade de Direito de São Paulo, o Teatro Santa Isabel, na capital pernambucana, ruas e ladeiras características dêsses Estados, e ainda "interiores" faustosos, reproduzindo lugares históricos associados à existência gloriosa de Castro Alves, aparecem no filme, cujo custo deve ter ultrapassado a respeitável cifra de seis milhões de cruzeiros.

O grande caso sentimental do poeta, seus amôres com a atriz portuguêsa Eugênia Câmara, serve de "back-ground" ao cenário romântico. Teria sido Castro Alves, realmente, um incorrigível e boêmio conquistador — ou apenas um indomável apaixonado de Eugênia Câmara? Muitas mulheres passaram pela sua vida; essa, porém, a contratada de Furtado Coêlho, foi quem dele arrancou o máximo de impetuosidade amorosa.

Resta saber se o ideal de libertação dos escravos não seria ainda mais forte do que sua paixão pelas mulheres em geral e, particularmente, por Eugênia Câmara. Mesmo nos lances mais dramáticos de sua vida sentimental, Castro Alves não descurava da grande campanha; e quando sua presença era reclamada à frente do movimento redentor, êle ali estava, firme, encabeçando a tarefa. Tudo mais ficava para trás, inclusive — o amor.



Ao centro, uma cêna do filme que parece destinado a marcar época na história cinematográfica do nosso idioma, quando os negros escravos arriscam, furtivamente, uma olhadela para o que se passa com seus conterrâneos. Expressões de espanto, de pavor mal dissimulado, porque êles sabem que tudo de mal pode acontecer com os seus iguais

★

Quando Isabel, a Redentora, após sua assinatura ao decreto da abolição, já o poeta era morto. Morto fìsicamente, pois nunca êle estivera mais vivo do que nessa manhã inolvidável, tal como faz sublinhar o filme em apreço.

E enquanto a cidade vibra de alegria e entusiasmo, ao grito libertador da Princesa, enquanto a rua do Ouvidor se enche de populares, ávidos de festejar a suprema data e os negros, felizes, corriam pela cidade de mãos dadas, dando vivas aos seus generosos amigos — o vulto de Castro Alves perpassava por tudo e por todos, adquirindo contornos de imortalidade.

★

Ao elemento negro vai ficar devendo, certamente, êsse filme histórico, uma grande parcela de sua consagração. Os negros a quem o poeta dedicou quase o melhor de sua vida, uma vida tormentosa, um autêntico vendaval maravilhoso, um tufão de sofrimento e glória — os negros que dele receberam essa dádiva, um século mais tarde dão-lhe como retribuição, o ato de sua presença no filme, disposto a perpetuar ainda mais e melhor a memória. Castro Alves ajudou a libertar os escravos com seu estro imortal, se porventura não ficaram êles devendo a êsse estro a origem da sua libertação. Agora, são os negros das gerações seguintes, libertos e equiparados aos brancos, que dão o tributo da sua presença para um realce maior daquela evocação de arte.

Pela primeira vez o cinema vai ao encontro de uma figura lendária brasileira e, com o seu poder incalculável de divulgação, servindo às massas como espetáculo eminentemente popular que sempre foi — vai levar ao mundo inteiro o exemplo glorioso do vate baiano. Tudo quanto foi assistido ao natural, nas senzalas, nos arraiais de monte, nas fazendas de café e cacáu, nos campos férteis da terra brasileira, será agora revivido, mas como ficção e fantasia. Fantasia e ficção que hão de mostrar até ao estrangeiro, a fôrça dos versos de um jovem adolescente, de peito enfêrmo mas de alma vigorosa e indomável: Castro Alves.

E' o "candomblé", a dança mística de impressionante ritualismo liturgico, trazido da costa africana para os terreiros da Bahia e daí se espalhando por muitos Estados do Brasil, tomando, depois, nomes diversos. Um legítimo "candomblé" foi reconstituído, com seus instrumentos apropriados, batucando noites a fio, para essas filmagens



OS ENTENDIDOS



Jeca está ansioso por saber o nome do candidato que **vai** escolher para a futura presidência.



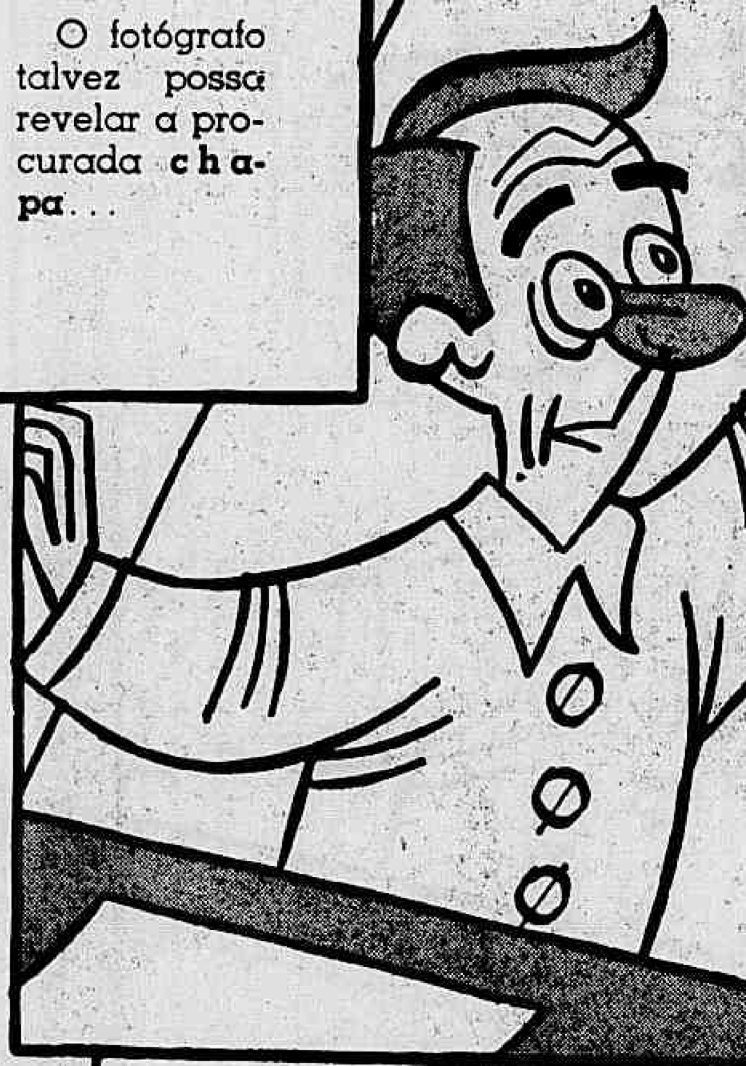






O farmacêutico talvez queira segredar a **fórmula**...

O fotógrafo talvez possa revelar a procurada **chapa**...







O tintureiro talvez saiba qual o nome que vai sair do bolso do colete...





O **turfman** talvez arrisque um palpite sôbre a próxima **barbada**...

ESTÁDIO MUNICIPAL

SONHO DE ONTEM — REALIDADE DE HOJE



A SEMENTE — ESTA É A PEDRA FUNDAMENTAL. NUM PAIS EM QUE TODOS OS DIAS SÃO LANÇADAS PEDRAS FUNDAMENTAIS SEM QUE SE ATAQUEM AS OBRAS, O ESTÁDIO MUNICIPAL CRESCEU PARA ORGULHO DE TODOS OS BRASILEIROS. A SEMENTE FOI LANÇADA EM TERRENO FERTIL PORQUE DELA BROTOU O MAIOR ESTÁDIO DO MUNDO. O MARCO CONSTRUIDO SÔBRE O LOCAL ONDE FOI COLOCADA A PEDRA FUNDAMENTAL, É O EMBLEMA UNIVERSAL DOS ESPORTES, DESDE AS REMOTAS ERAS

REPORTAGEM DE **LUIZ MENDES**

A repercussão dessa afirmativa foi das maiores atingindo a tôdas as camadas da coletividade brasileira. E as opiniões começaram a surgir. Umas, em prol da construção do estádio, enquanto outras absolutamente contrárias. Mas a "enquête" do jornalista prosseguia:

— Que venha o estádio! — clamavam alguns.

— Que venham hospitais! — gritavam outros, liderados pelo então vereador Carlos Lacerda.

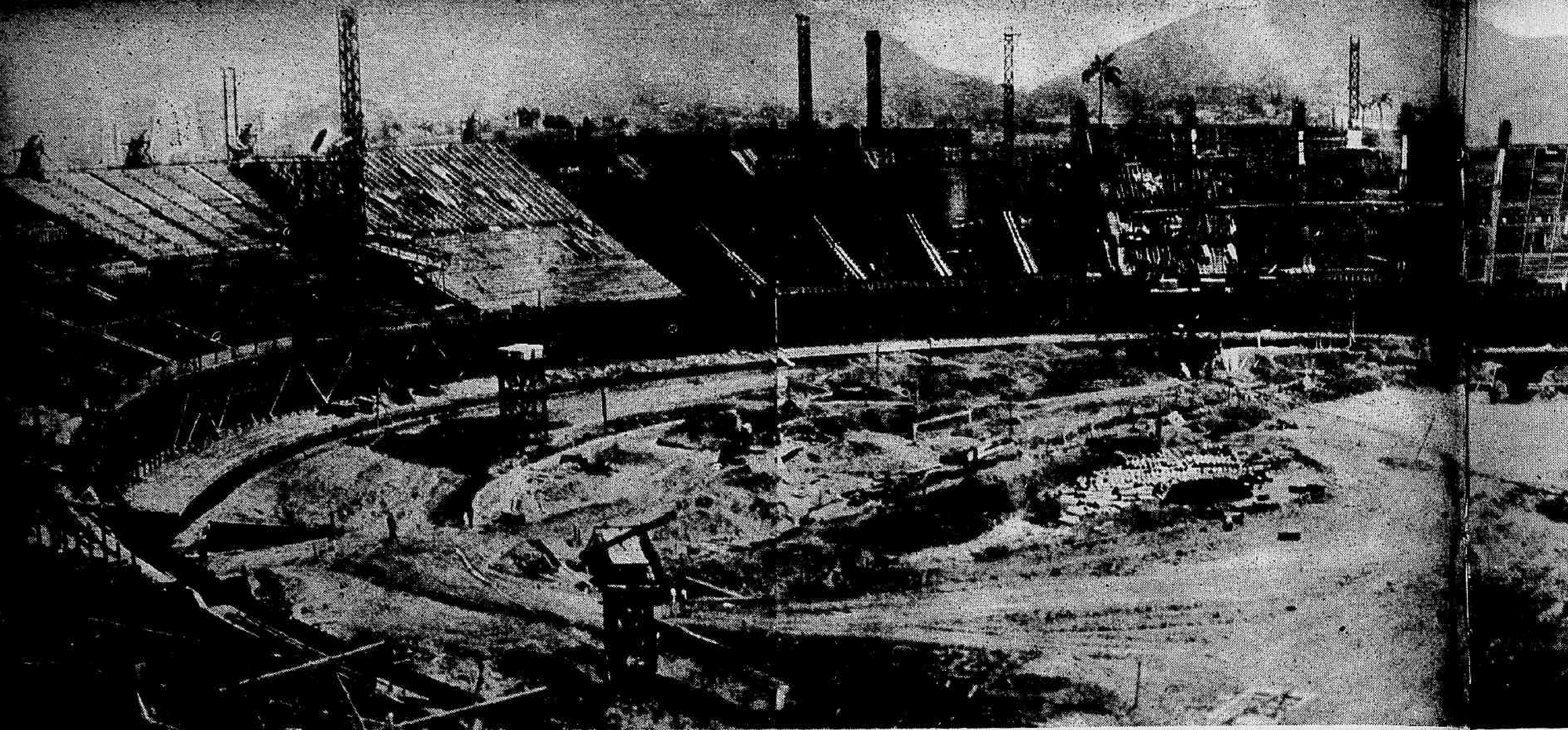
E o vereador penetrou na Câmara Municipal com disposição de liquidar o estádio. O estádio que era apenas uma idéia, apenas uma promessa, nessa ocasião:

Foi o jornalista Geraldo Romualdo da Silva quem lançou a pergunta:

— E o estádio para a Copa do Mundo?

Ao que o prefeito Ângelo Mendes de Morais respondeu:

— Eu prometo o estádio. Êle ficará pronto antes de maio de 1950.



Eis o aspécto das obras do Estádio Municipal que a Prefeitura está levantando nos terrenos do antigo Derby Clube, sob a orientação do coronel Herculano Soares e com a ajuda técnica do engenheiro Schmidt, o mesmo que levantou na Europa o estádio olímpico de Berlim. Assegura-se que já em março do ano vindouro o campo estará apto para a realização dos treinos do selecionado brasileiro e das finais do campeonato nacional

— Estádio para quê? — indagava Carlos Lacerda em seus veementes discursos. — Se o nosso povo precisa cuidar da saúde, nesse deserto de homens e hospitais, para que estádio?

E mais adiante, com vivacidade, a frase mil vêzes repetida:

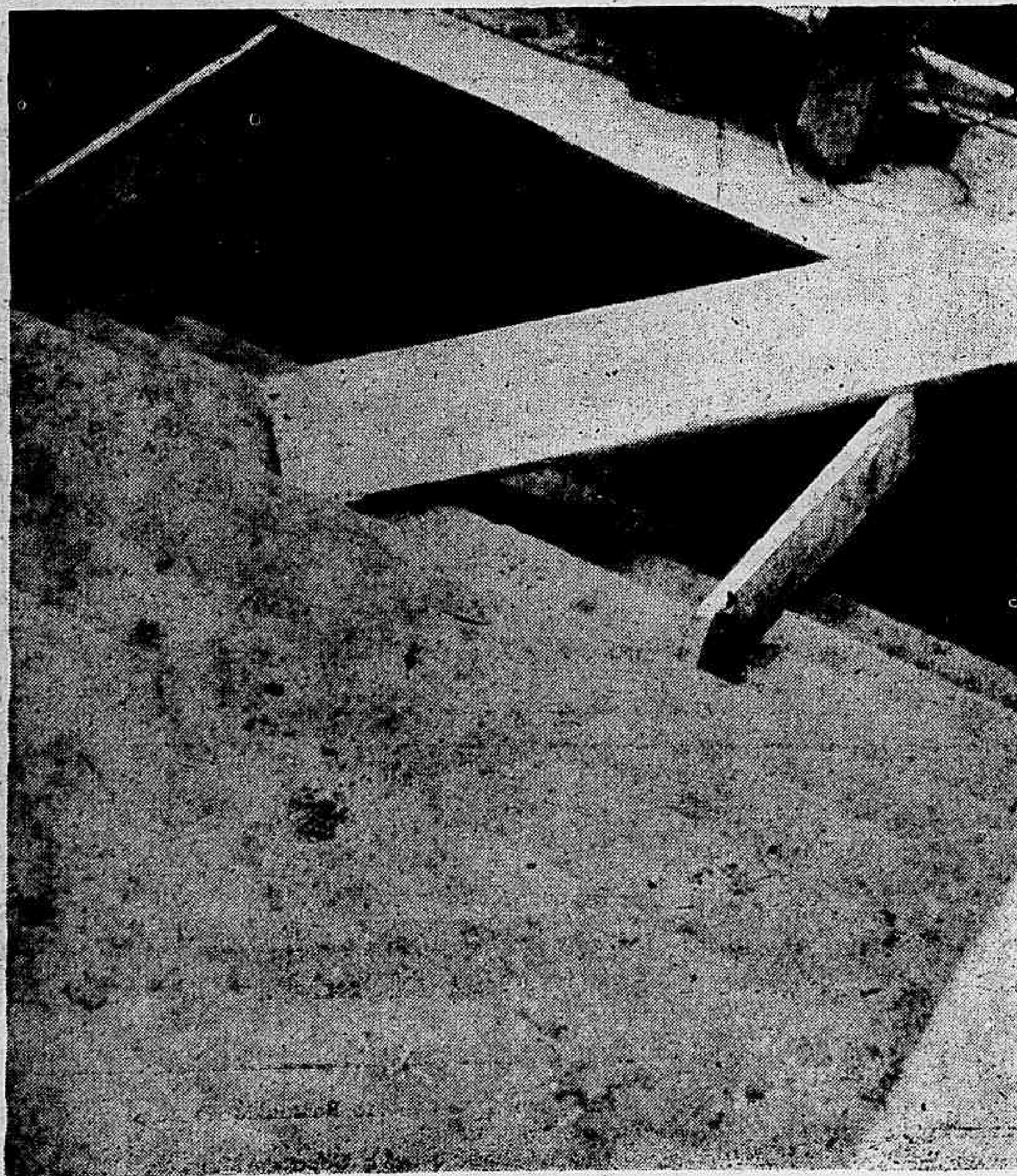
— O Brasil é um imenso hospital!

Os debates apaixonaram a opinião pública. Os esportes brasileiros, depois da luta do Congresso de Paris, em 38, quando a sua primeira grande batalha, a sua primeira grande peleja empolgou todo o mundo, se defrontavam agora com uma nova luta, uma batalha talvez ainda maior.

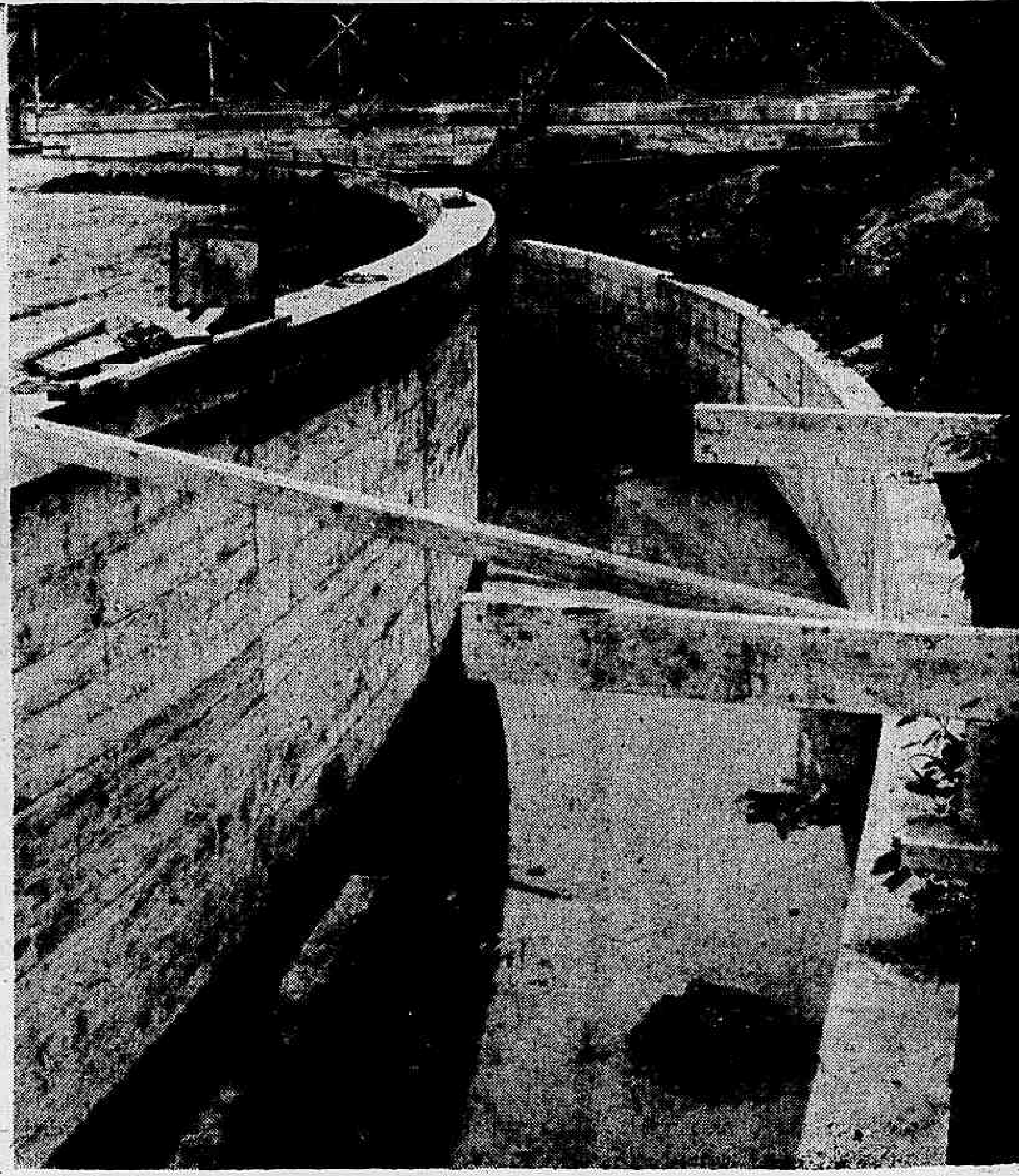
Mas convém, nesta altura, contar qual foi a batalha do Congresso de Paris, para que se possa incluir mais tarde essa evocação na verdadeira história do Campeonato Mundial de 1950. Os sacrifícios da Confederação Brasileira de Desportos, para levar uma representação brasileira ao certame de França em 1938, foram inumeráveis. Nosso país foi o único da América que enfrentou todos os sacrifícios, tôdas as dificuldades que o simples fato de se concorrer à "Coup du Monde" acarretava. Mas a Europa ouviu falar do Brasil, êsse ilustre desconhecido. O Brasil, cujo nome soara aos seus ouvidos, somente em 1907, quando Rui Barbosa empolgou o mundo na Conferência de Haya.

Pois a participação do futebol brasileiro no Campeonato Mundial de 38 projetou sôbre a nossa pátria, ainda que de forma antagônica, as mesmas luzes de 1907, porque numa como noutra ocasião se falou muito dessa terra dadivosa.

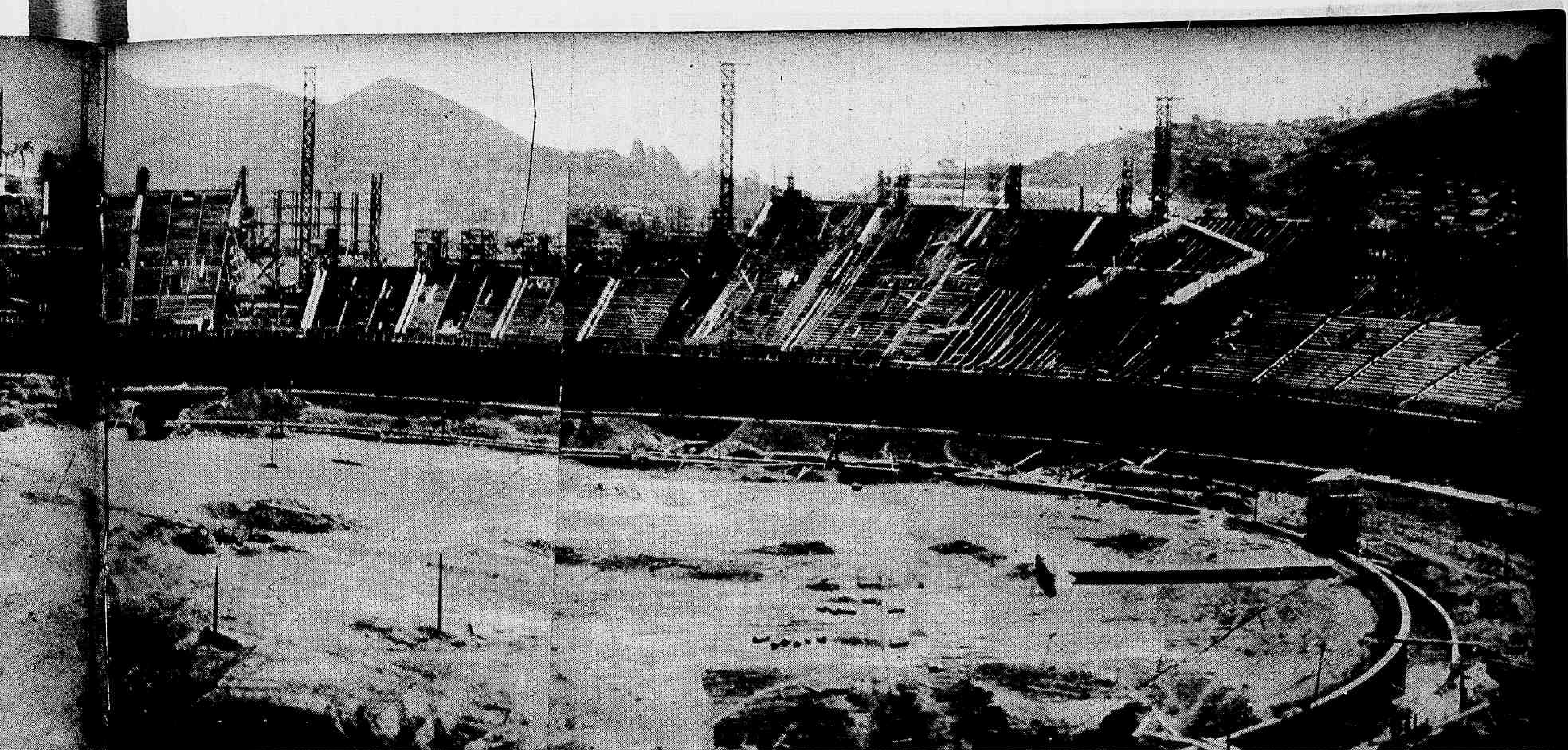
Compreendendo que um certame igual, realizado no Brasil, seria ainda maior publicidade para nossa terra, o sr. Luis Aranha, então presidente da C.B.D., levantou no Congresso de Paris uma reivindicação nacional: a realização do próximo campeonato mundial de futebol.



Por aqui passará a fama. Sim, por aqui desfilarão os mais famosos craques de dezesseis países, competindo na "Coup du Monde". Êsses são os degráus do tunel que dá acesso dos vestiários para o campo e vice-versa. Os campeões do mundo passarão também por êsses degráus. Serão êles brasileiros — ou de que país? Grande incognita!



A invasão do campo foi sempre uma das maiores preocupações das autoridades esportivas e... policiais também. Os "allambrados", se em parte resolveram o assunto, foram muitas vêzes vencidos pelos espectadores mais ardorosos. No estádio de Jamor, em Lisboa, inventaram uma vala com água em redor do campo. A idéia ampliou-se aqui



O gramado propriamente dita já se encontra devidamente preparado, a fim de estar bastante endurecido na data da inauguração, próprio para a prática do futebol. E tudo faz crer que as obras terminem neste prazo

Acontece que a Alemanha, a então respeitável Alemanha, que já em 1936 organizara as Olimpíadas como se fosse uma guerra, a Alemanha, repetimos, com todo seu prestígio de grande potência internacional quis também organizar o futuro certame. Estabeleceu-se a luta. E foi o presidente Rivadavia Corrêa Meyer, atual mandatário da C.B.D., quem fêz essa comparação:

— Repetiu-se a desigual porfia de Golias contra David. Mas, para nossa felicidade, também o resultado foi o mesmo que a História nos conta, sôbre a luta entre o pigmeu e o gigante. O Brasil foi escolhido para sede do futuro certame mundial do "association". A primeira batalha estava vencida.

★

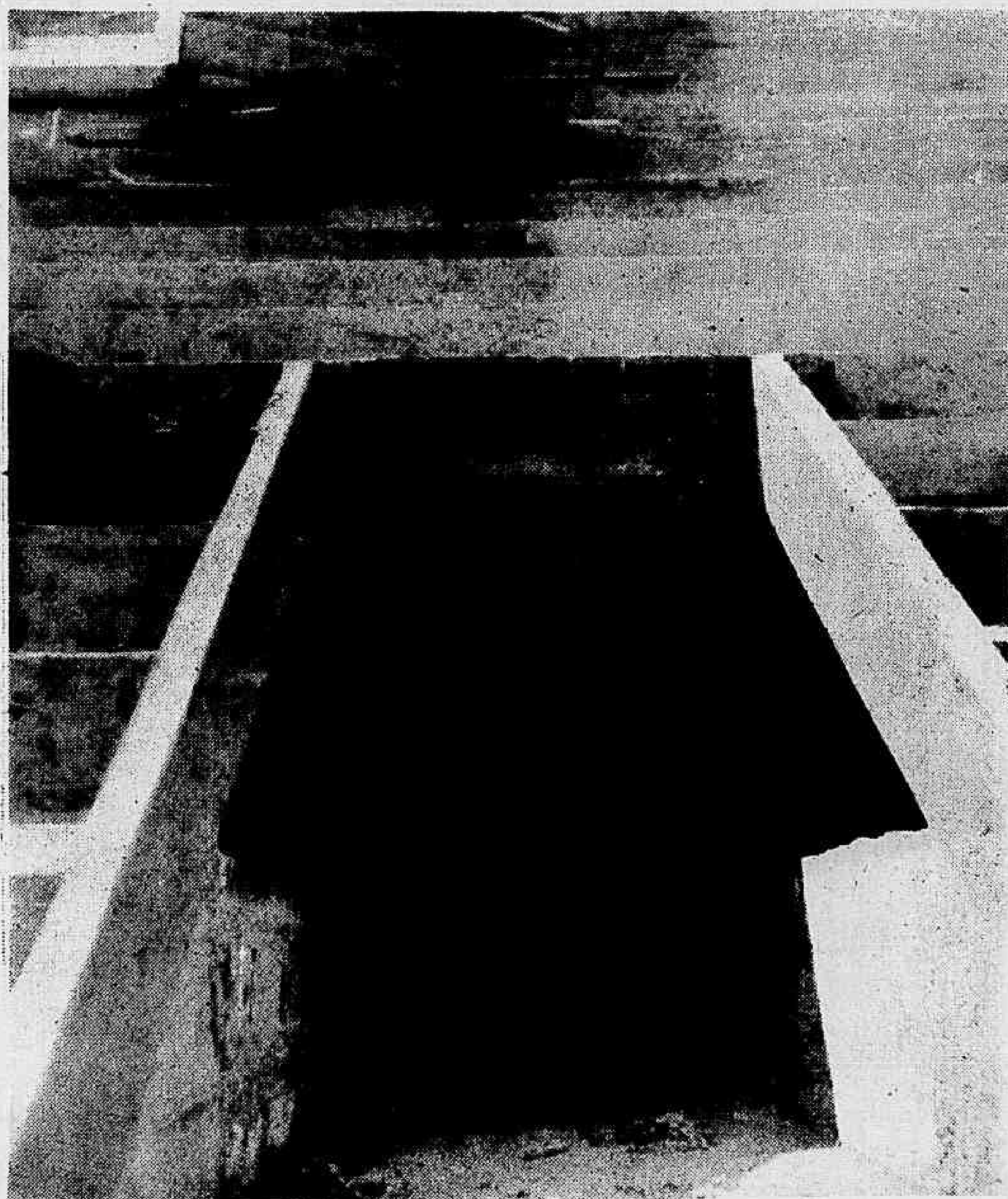
Mas o estádio, depois daquela pergunta do jornalista patrício, e da resposta do Prefeito, pasou a ser a segunda batalha. Pela firmeza do Prefeito e por imposição do povo, também esta teve o resultado que os esportistas desejavam. No antigo Derby Club, já está de pé o esqueleto gigantesco do maior estádio do mundo. Aquela visão magnífica que uma simples visita ao local nos oferece, faz retroceder até os bancos escolares o nosso pensamento, quando na História da Civilização, víamos os desenhos dos grandes estádios da Grécia antiga.

Algo de sobrenatural, de fantástico. Que imponência! E para usar a expressão mais popular — "Que maravilha!".

Se alguém ainda nos perguntar, como fêz então o jornalista ao Prefeito:

— E o estádio para a Copa do Mundo?

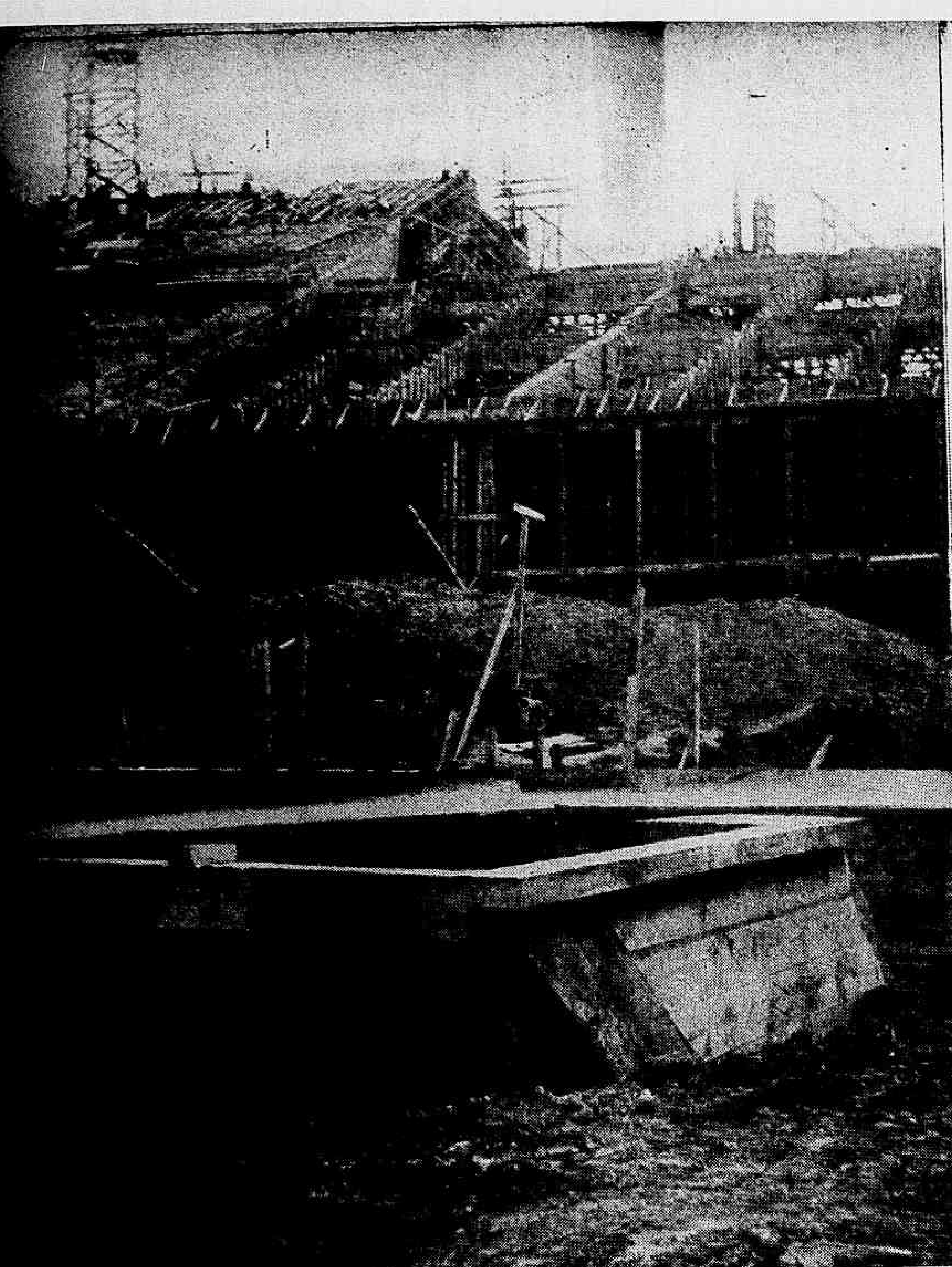
— Visite o Derby — responderemos — visite o Derby e verifique com seus próprios olhos. Êle lá está.

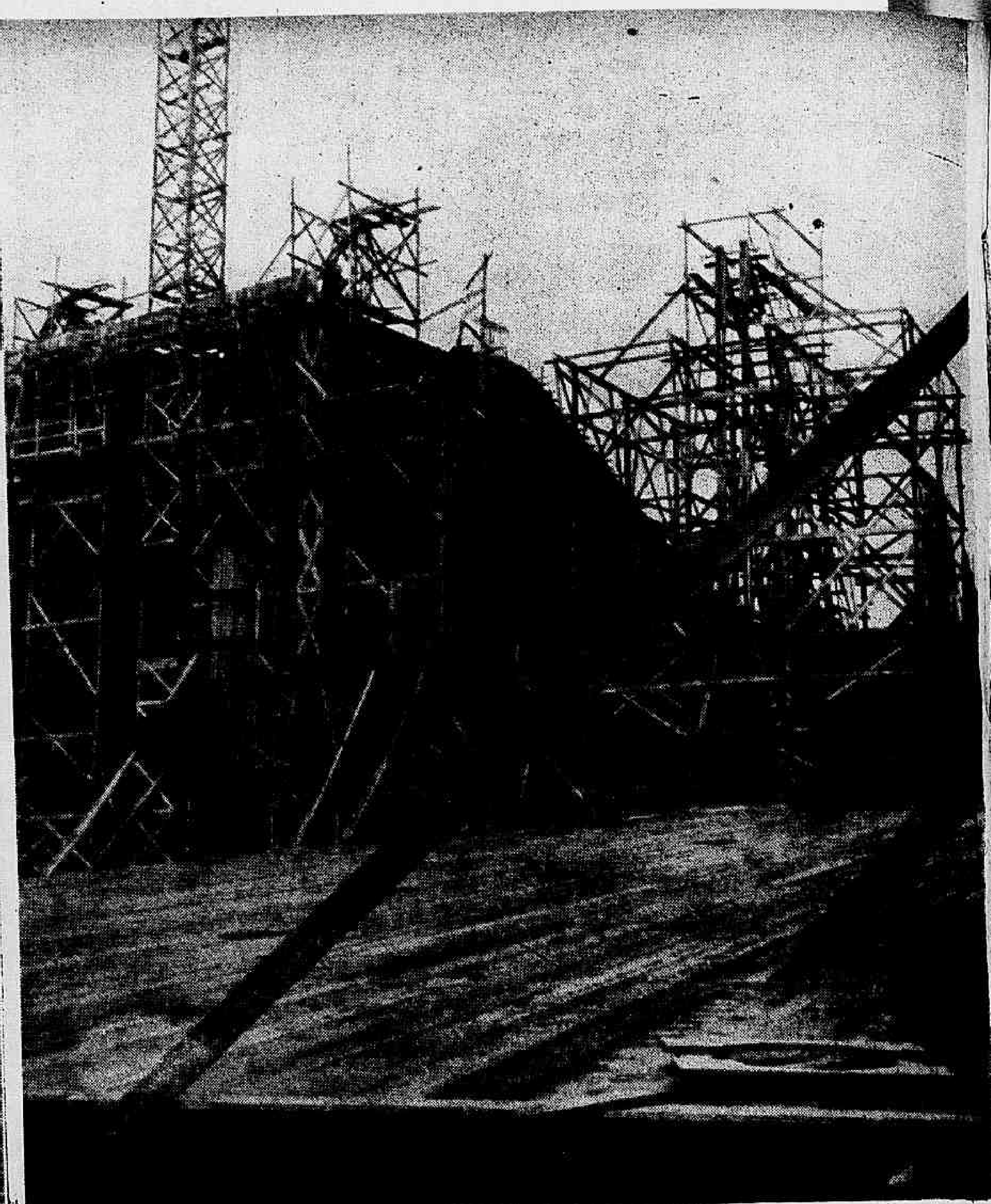


Outro detalhe apontando um esfôrço para a comodidade popular. Uma das aberturas construidas ao largo das arquibancadas, por onde os assistentes poderão sair sem apêrto e em pouco tempo. Por elas, as rampas de fóra serão alcançadas facilmente, garantindo um escoamento rápido e sem a menor perturbação de ordem pública



Outra impressionante visão de uma parte do estádio. Nêsse lugar, milhares de almas vibrarão de entusiasmo. E daqui o nome do Brasil será irradiado para todo o universo numa das mais vibrantes publicidades até hoje feitas sôbre o nosso território. Destacadas figuras internacionais, visitando essa obra, não escondem sua admiração



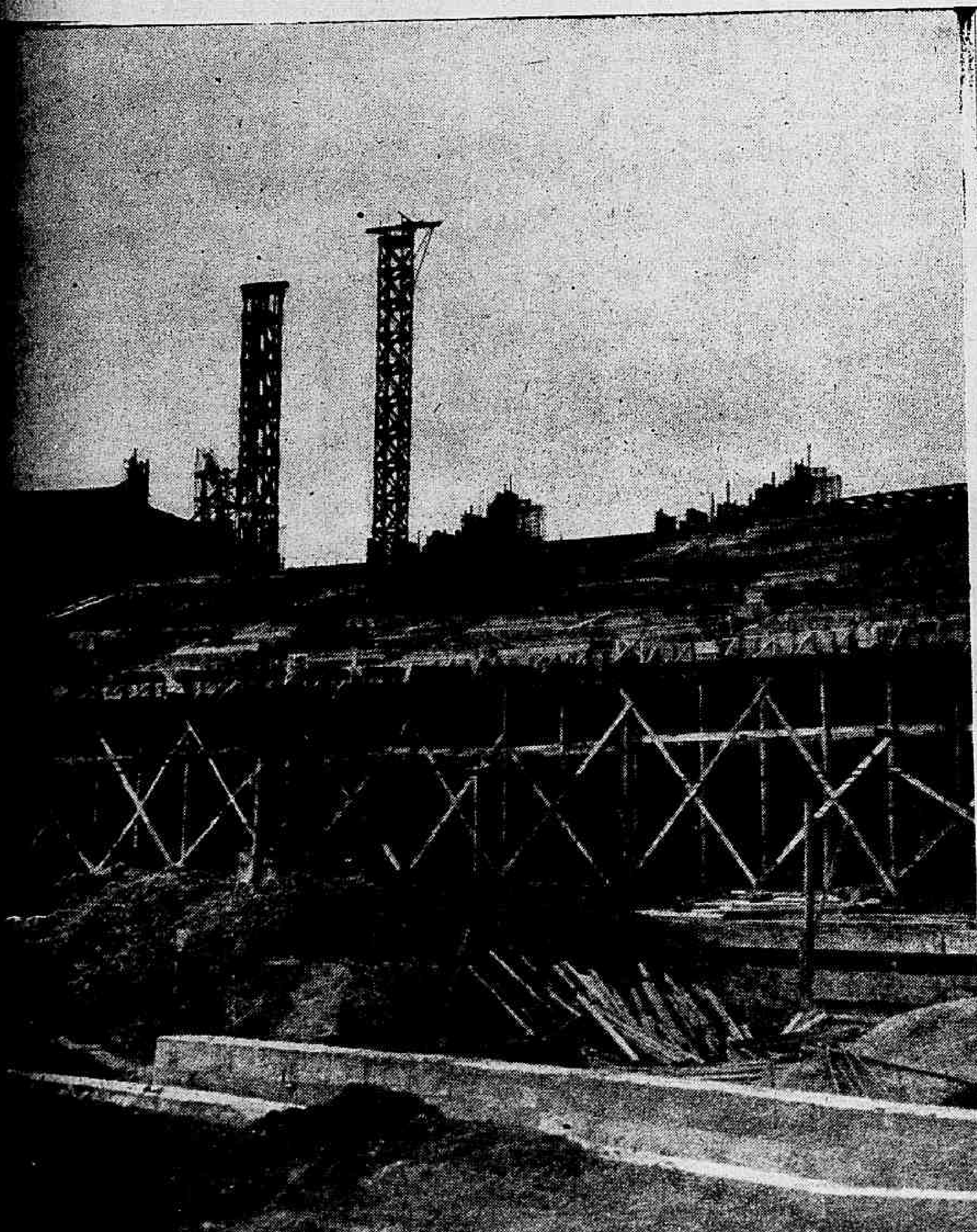


Aí está outra vista do túnel que levará aos vestiários os jogadores das grandes bata-
lhas esportivas. Êle terá a porta nivelada no mesmo plano do gramado do jôgo. Os
encarregados das obras precisam levantar o campo até essa porta, o que já está
sendo iniciado. Por êsse túnel vão passar as mais eminentes figuras mundiais

A comodidade do público foi cuidadosamente observada pelos responsáveis na exe-
cução do plano do Estádio. Já estão sendo construidas majestosas rampas que vão
dar acesso ás partes mais altas na colossal praça de esportes. O local assinalado pela
seta mostra ao leitor uma dessas rampas em construção, e como se vê muito adiantada

Assinaladó, o local em que ficarão os locutores. Daí, êles descreverão, para os mais
distantes recantos do mundo, todos os detalhes dos jogos de 1950. Convém frisar —
locutores procedentes de quase todos os países. Um pouco acima, ficarão os jorna-
listas, enquanto a Tribuna de Honra, para as autoridades, ficará na parte mais alta.

Tudo foi previsto para que o Estádio Municipal seja realmente perfeito. Aqui está
uma das valas por baixo do futuro gramado em que se defrontarão os craques mais
famosos do mundo. Êsse subterrâneo, permitirá, nos dias chuvosos, que o campo não
fique enxarcado e que a secágem se processe com maior rapidez, favorecendo os jogos





VISITANTES ILUSTRES

Ultimamente o Estádio Municipal tem recebido a visita de ilustres personalidades do mundo esportivo. Ainda há poucos dias, quando de sua passagem por esta capital, o presidente da Federação Italiana de Calcio (calcio é a denominação dada pelos italianos ao futebol) ficou visivelmente emocionado diante do que lhe foi dado ver. Pela fisionomia de surprêsa que claramente nos deixou observar, "il cavaliere" Barassi deixou transparecer que não esperava algo de tão impressionante. E a sua palavra confirmou imediatamente a nossa impressão:

— Estamos diante do maior estádio de todo o Universo. Será tão grande essa obra para o nosso tempo, como as Pirâmides do Egito o foram nos remotos séculos das velhas e mortas civilizações. O Campeonato do Mundo terá um palco à altura do século atômico que atravessamos



Monsieur Jules Rimet, presidente da Federação Internacional de Futebol Associaton (FIFA), na qualidade de observador internacional, veio ao Brasil para tomar conhecimento dos preparativos para a "Coup du Monde". O sr. Rimet, que já deve andar beirando os 90 anos, é contudo um homem forte, de espírito mais forte ainda. Tanto que não se lhe nota a idade. Ereto, atilado, visivelmente observador, o prócer francês deixou entre nós as melhores impressões e a certeza de que a suprema entidade do futebol mundial está nas mãos de um homem digno, de um desportista cem por cento. O sr. Jules Rimet esteve também, como era natural, visitando as obras do Estádio Municipal. E, ainda que mais comedido que o sr. Barassi não economizou elogios pela realização de tão belo quão monumental estádio. Disse s.s.:

— Para um país gigante, como o Brasil — um estádio gigantesco. Sinto-me orgulhoso de ter, em 1938, no Congresso de Paris, apontado o Brasil para sede do campeonato mundial. Os alemães não gostaram, mas se a êles coubesse a organização dêsse certame, nem o seu gênio inventivo, nem a sua tradicional capacidade de trabalho, seriam suficientes para realizar algo de parecido com o que estão fazendo os brasileiros.

E depois de olhar, num exame de quem entende realmente do assunto, por todos os quadrantes da grande praça de esportes, arrematou com um gesto amplo, indicando o conjunto das obras:

— Êste é realmente o maior estádio do mundo!



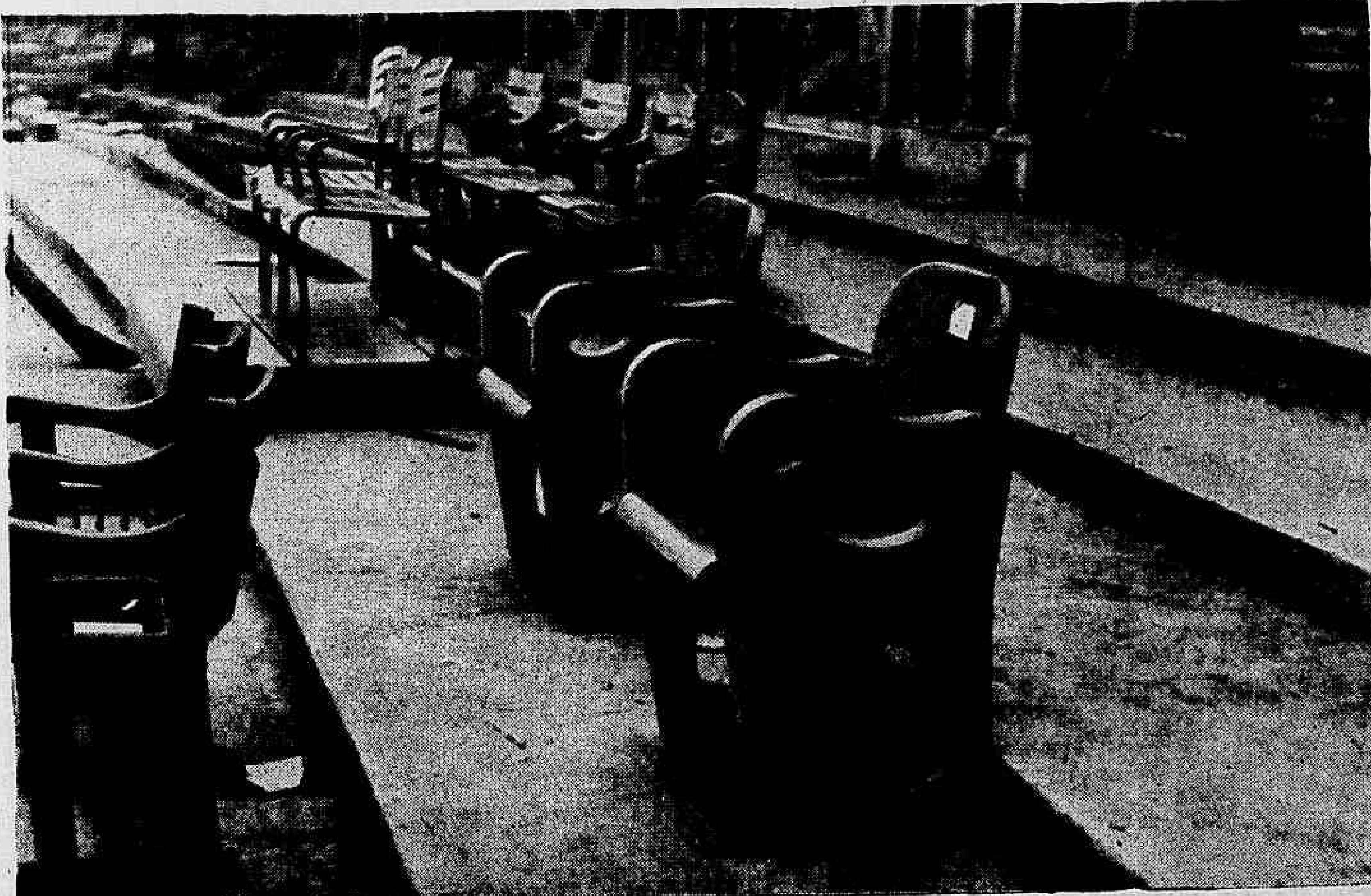
Os derrotistas espécie de gente que sempre existiu em todos os cantos do mundo, depois de criarem a lenda da Terra Sêca, afirmação de que nem sequer seriam iniciadas as obras do Municipal, aniquilados na sua primeira campanha, começaram agora, com que intenção não se sabe, a difundir boatos levianos, seja-nos permitida a expressão.

— O estádio parou. Não há mais dinheiro. Não teremos estádio para a Copa do Mundo.

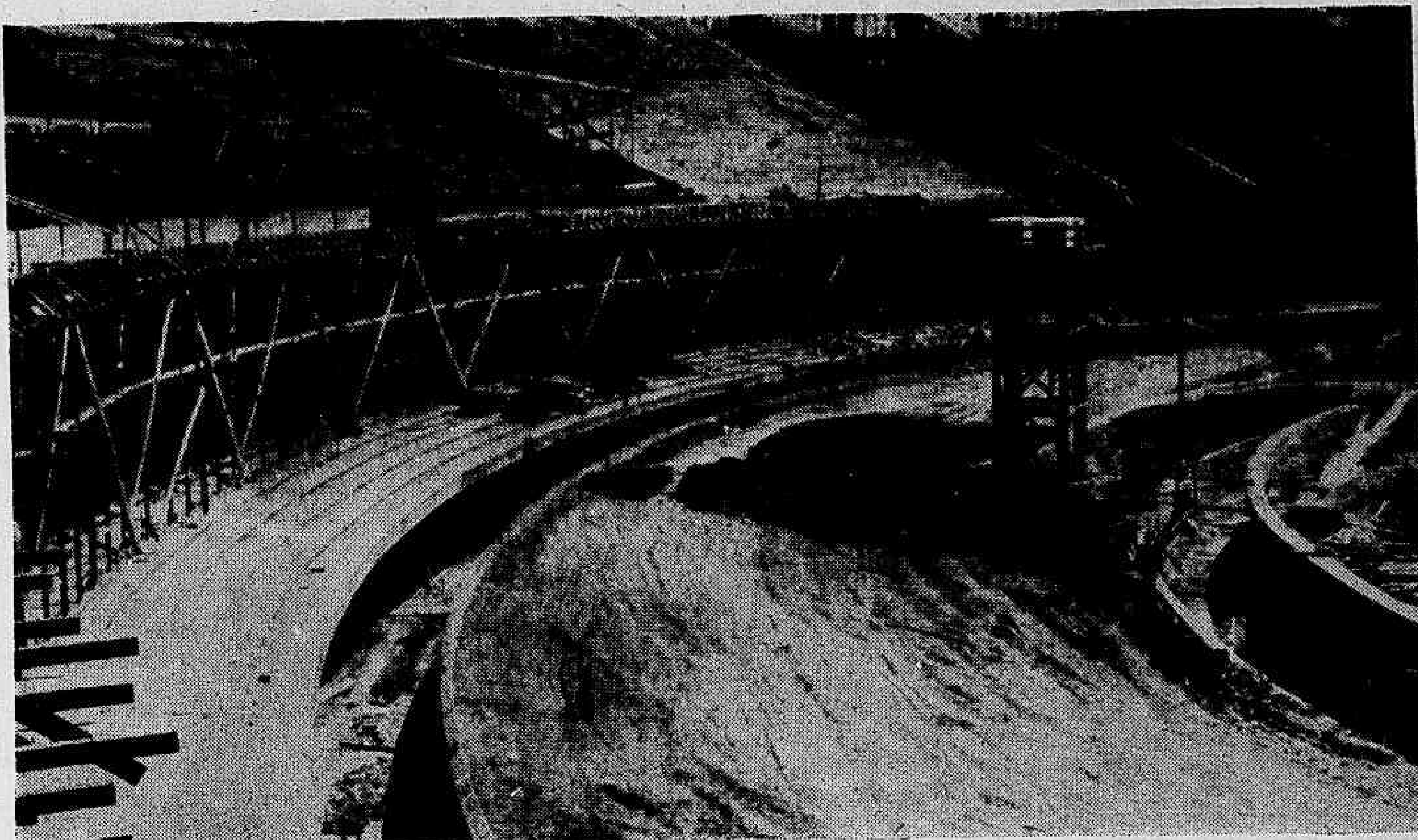
Diante dessas insinuações, que circulam de vez em vez, os repórteres de todos os jornais, nervosamente, correm para o Derby. E lá, para satisfação do mundo esportivo universal, encontram os operários entregues às mais diferentes tarefas, na marcha inexorável do que era um sonho, para a meta almejada da realidade.



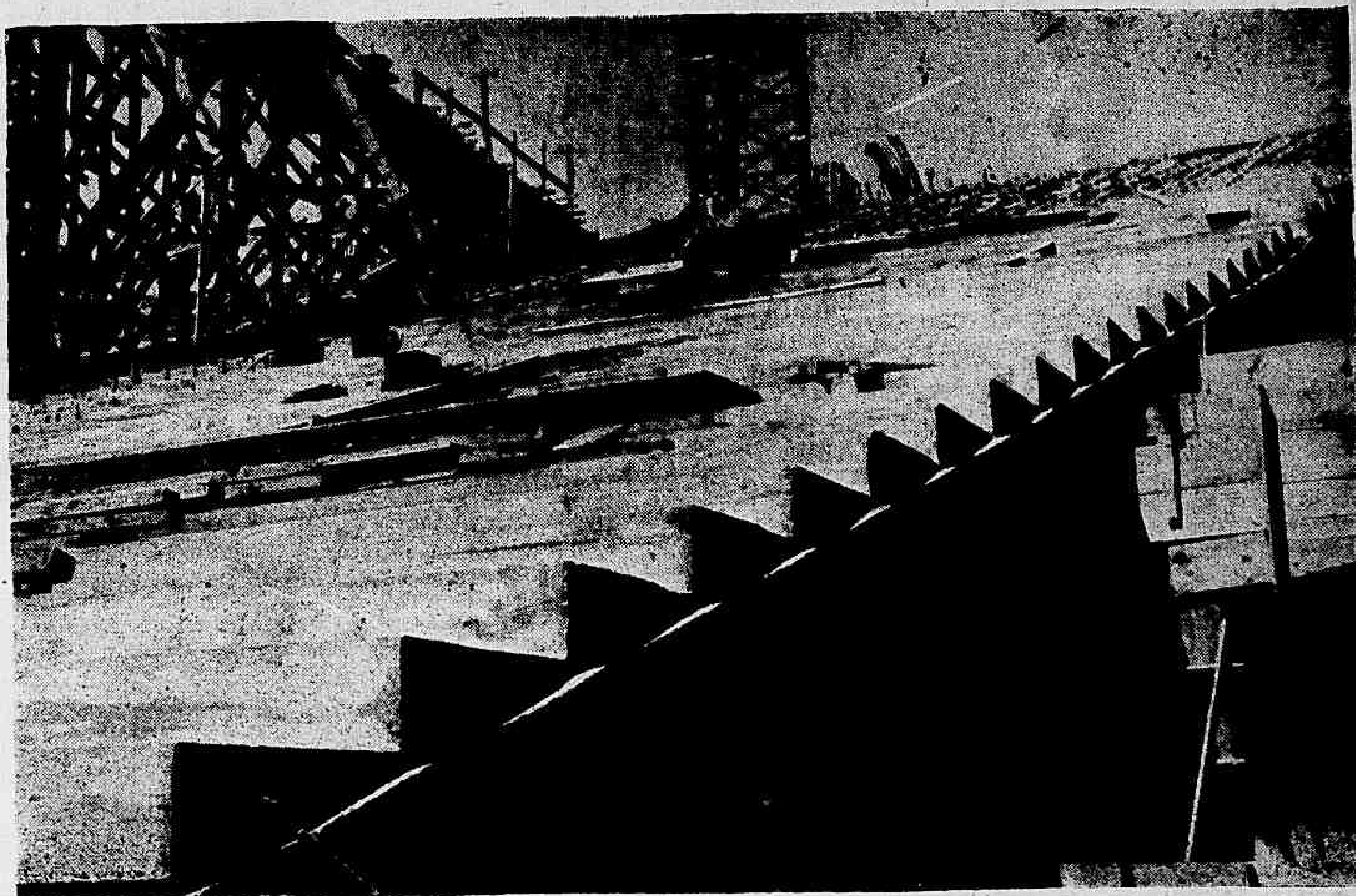
Esta foi a primeira fotografia tirada dos primeiros degraus das populares, depois dos mesmos concretados. O engenheiro do estádio, dr. Barreto, teve ocasião de dizer-nos a êsse respeito: — "Êsse flagrante marca um grande acontecimento para nós todos. Êle representa nada menos do que o fim das obras do estádio". E quando se pensa que muita gente duvidava dessa realização, não deixa de ser confortador assistir às fases de uma obra de tal envergadura



As cadeiras cativas, que começaram a ser vendidas dêsde que foi aprovada a idéia do Estádio, garantiram parte do capital para o início imediato das obras. Elas continuam a ser vendidas, vendo-se na gravura alguns tipos enviados por diversos fabricantes, disputando a situação de... "cadeiras cativas". Qual dêsses modêlos será o preferido? Se o leitor está pagando alguma, poderá dar o seu parecer. Mas, a Prefeitura aceitará a sua sugestão?



Entre as acomodações do público e a vala que circunda o campo, há um espaço amplo. Nesse espaço poderão ficar nada menos de cinquenta mil espectadores em pé, porque vão ser construídos vários degraus baixos, em benefício dos retardatários. Quer dizer que, além da capacidade comum, o Estádio poderá facilitar acomodações para muito mais. Tratando-se de uma construção para enfrentar o aumento de população da cidade, nada mais certo



MINHA FILHA

NOVELA DE **VICENTE C. DE CARVALHO**

DIZEM que as mulheres são curiosas, mas sôbre isso nunca pude ajuizar. Muitos defeitos lhes assacam, com ou sem razão, não sei. Que elas sejam incapazes de guardar um segrêdo ou novidade por muitos dias parece ser verdade. Há, pelo menos, uma novidade que a mulher não guarda por muito tempo.

Perdoem-me as filhas de Eva, não as pretendo injuriar, antes, mereeem-me muita consideração.

Sei pouco de mulheres, entretanto, arrojo-me àquela afirmação, porque a mulher com quem vivi 25 anos, minha espôsa, procedeu assim.

Conheci-a numa "Folia de Reis", em casa de "seu" Rufino do Carmo, a uma légua do meu rancho. Marta já estava lá quando eu cheguei. Rufino "fazia as honras da casa" aos "Mensageiros dos Santos", que sapateavam freneticamente no centro do salão, metidos em fantasias berrantes, ao som da charanga do Filomeno Pé Torto, que esmagava a sanfona, enquanto um deles, segurando um pires tôsco, ia recolhendo os óbolos dos circunstantes. As violas, enfeitadas de fitas, vibravam, o estandarte do Santo pontificava a um ângulo da sala e a dança, de um exotismo bárbaro, continuava agitada. Foi aí que conheci Marta; olhava com muita atenção o ritmo das danças. Mais de 19 anos não parecia ter. Interessei-me por ela, vivamente. Embora não fôsse uma mulher bonita; tinha, porém, certo quê: era criaturinha irrequieta, de cinturinha de viola e olhos grandes, cuja mobilidade me impressionou. Não sei por que gostei dela; talvez apenas porque era mulher... Nossos olhares "bateram", nesse primeiro contacto em que as almas, melhor, os sexos, se examinam rapidamente, buscando tendências e predileções recíprocas. Trazia uma rosa no cabelo. Aquêle olhar me não deu esperanças. Dançamos quatro vêzes, depois. Numa delas Marta pisou-me um pé e desculpou-se dizendo: — "Desculpe, seu moço". Aproveitei, então, para pedir-lhe a flor:

— Não sei qual a mais linda, você ou a flor...

— E' a flor — respondeu.

— Posso levá-la para mim, como recordação?

Olhei bem dentro de seus olhos; castos rubores tingiram sua face; sorriu, desviou os olhos e falou a uma colega que passava perto. Em seguida, vendo que eu a olhava, esperando a resposta, respondeu, sempre a sorrir:

— Não; já tem dono...

Emudeci, vexado, doido que o Filomeno deixasse de espremer a sanfona.

De fato: o resto da noite passou-a junto a Moacir, o filho do Aniceto Formiga, um moreno alto e robusto que monopolizava a amizade das jovens provincianas do lugarejo.

Como na fábula de La Fontaine, comecei a notar em Marta graves defeitos: as mãos eram grosseiras, pois Marta trabalhava na roça, auxiliando o tio; o nariz seria mais estético, fôsse menos arrebitado; os pés eram grandes... Tudo frutos do meu momentâneo despeito.

Agora, Filomeno concluía uma trova:

"...A mulher tem malícia de sobra,
A mulher é pior que uma cobra...
Coração de mulher é ninho de
[cascavel..."

Tomei uns goles do "quentão", meti as pernas no baile e não liguei.

Outras vêzes tornei a avistar a moça, que fingia não me ver. Tempos depois, num domingo, vi Marta quando saía da missa. Era dia de Santa Ana e havia festa no Arraial. Ela vinha em companhia de outras, trajava vestido vermelho, estampado, e pareceu-me melancólica. Quando passou por mim, falou:

— Bom dia, "seu" Fernandes, não vem à festa, logo?

— Bom dia, Marta... pretendo, se Deus quiser — respondi.

Fiquei estonteado de admiração; como é que a pequena agora me falava assim? Sabia até do meu nome!

À noite, em tôrno da barraca do leilão, os lavradores faziam suas ofertas. Encostados a uma árvore, Moacir, o antipático, apreciava, só, o desafio nos lances do leilão. O rapaz não tinha culpa de me desagradar; antipático, por que? Que fizera êle? Nada. Logo, a culpa era minha, unicamente. Quem antipatizava era eu, se a antipatia me causava mal-estar a culpa me cabia.

Marta, entre os tios, num banco da praça, perto do leilão, acariciava um lindo gato. Viu-me e sorriu. Seu olhar, pleno de ventura, ia de mim ao bichano e voltava a mim; as mãos de Marta, alisando o animal, falavam língua estranha mas que eu compreendia; percebi, então, que as mãos das mulheres falam linguagem muda, pôsto que eloquente.

Três dias depois, cêrca de meia-noite, quando tudo era silêncio, encontramo-nos perto do Ribeirão, onde Marta me deu o primeiro beijo, enquanto os sapos coaxavam nos pântanos, as águas murmurejantes desciam as cascatas e o céu crivado de estrêlas dominava a noite escura, nossa cúmplice. A conquista fôra fácil e rápida. Decorreram poucos meses e nos encontramos casados por Deus e pelos homens, no meu rancho modesto, tranquilos e felizes.

Uma única vez, depois de casados, fazia um mês, tornei a pôr os olhos em Moacir: caíra severo temporal que me retivera na venda do Torquato; a chuvarada surpreendeu-o a caminho do povoado e obrigara-o, explicou-me à minha chegada, a proteger-se no alpendre de minha casa, cocheira que eu improvisara para abrigar animais.

Eu disse, no preâmbulo, que há pelo menos uma novidade que a mulher não guarda por muito tempo. Minha mulher deu-me a prova disso.

Certa tarde de outubro tomei o rumo de casa, com o corpo fatigado da árdua tarefa da lavoura. Com um samburá num braço, cheio de verdura e mandioca, vinha pensando que ainda teria de reparar o cabo do machado e no que me acontecera pouco antes, quando deparei com Marta juntinho a mim, no caminho, bem uns 400 metros roça a dentro. Minha surprêsa cresceu quando ela me disse que estava ali a esperar-me. Nunca minha mulher fôra buscar-me, revelando tamanho interêsse; por que, então, naquele dia? Declarou, rindo-se muito, fazendo-me desusadas carícias, que "sentira saudades". Caminhando contei-lhe o que ocorrera no grotão, acrescentando que por pouco o "bicho mau" não me picara, tornando as saudades eternas. Dei-lhe um beijo nos cabelos fartos.

Realmente, pela tardinha uma cascavel asquerosa e traiçoeira quase me atingira, surgindo, terrível, de baixo do mato que eu queimava: eu ia atravessar um córrego, mas parei atento, escutando... Lembrei-me de ter visto ali, na véspera, um longo rastro de cobra. Agora, ouvia um ruído estranho, chocalhar uniforme, crescente... Era "O Canto da Morte"! Vi, também, uma tira malhada avançar célere, entre a vegetação rasteira, na minha direção... Num momento compreendi tudo e, rápido, retrocedi, ganhando outro caminho... Não durou dez segundos tôda a cena, porque, mal recuara dois passos, surgiu o ofídio, completando a carreira louca, num derradeiro arrranco, estacando, meio corpo erguido, cabeça agitada, armado o bote fatal para pilhar-me! Por pouco o perigosíssimo "crotalus terrificus" me alcançaria. Sereno, mas presto, sem tirar os olhos do bicho, apanhei o ancinho; o guiso vibrou nos ares, dei um salto para um lado e o instrumento caiu sôbre o "bicho mau", prendendo-lhe a cabeça. A cascavel, malograda em seus intentos, enfurecida batia-se, impotente, extenuada, tentando desesperadamente escapar à prisão, furiosa, espumando sangue... Quase dois metros daquele corpo gelado envolveu-me uma perna, porém, não conseguira satisfazer seu instinto com a desesperada e sorrateira investida. Enterrei bem o ancinho, livrei minha perna da hélice, juntei mato sêco sôbre a serpente e ateei fogo.

Ao ouvir tudo, Marta benzeu-se; como se topasse o momento oportuno disfarçou, inclinando-se sôbre o samburá, limpando os vegetais que eu levava, e disse vivamente, revelando, impaciente, a boa nova que a levara ali e que não podia reprimir por mais tempo:

— Cruz, credo! Logo agora...

E, como eu ainda não tivesse acabado de compreender e a interrogasse com os olhos, parou no meio do caminho, olhando-me fixamente, séria, orgulhosa, como se saboreasse a notícia...

— Que foi? — perguntei.

Desabafando-se, prontamente, Marta concluiu:

— E' muito simples... Eu vou ser mãe, você pai; como poderia eu criar um filho sem pai?

Não dei muita importância ao fato. Falei de outra coisa e chegamos ao rancho com as sombras da noite.

No dia do nascimento da menina, entrei no quarto para vê-la pela primeira vez. Não sofri a mais leve reação; para mim era coisa vulgar o nascimento de alguém, embora êsse alguém fôsse minha filha. Confesso mesmo que somente "a vi" dois meses após; desta vez, porém, não apenas com os olhos do pai físico, via "comigo", com o coração cheio de ternura. Aquela bonequinha de carne era minha filha, meu "eu" impunha que assim a chamasse. Belinha não me era mais indiferente. A terceira vez ela ergueu os bracinhos roliços e suas mãozinhas tocaram meus bigodes eriçados; retirou as mãos, assustando-se e assustando-me também.

Daí em diante comecei a sentir que minha vida se transformava dia a dia, à medida que a menina crescia. Modifica-

(Cont. na pág. 49)



NOS BASTIDORES FEMININOS

MUITAS são as moças que se queixam de que "não conseguem prender por muito tempo os seus namorados'' e isso, naturalmente, as deixa desesperadas. E' lógico que tôda moça sonhe com o casamento, e para essas de quem os namorados "escapam'' com tanta facilidade o sonho parece estar muito distante e até um tanto irrealizável. Muitas atribuem a "fuga'' à sua excessiva virtude: "os homens gostam de vantagens'', dizem elas; outras, à própria volubilidade masculina; outras, à "falta de jeito'' de lidar com o sexo oposto; outras, à sua pouca atração; inúmeras, enfim, são as causas que atribuem ao "desaparecimento'' rápido dos namorados.

Antes de mais nada, devemos dizer às primeiras que estão erradas. E' raríssimo e quase impossível encontrar-se um só homem que deteste criaturas virtuosas. Mas, naturalmente, mesmo estas deverão possuir o necessário grau de atração para prender, para sempre, o homem de que gostam. O que acontece, com a maioria das moças, é que em geral estão sempre preocupadas em impressionar o "auditório'', sem se lembrarem de que os outros talvez tenham alguma coisa para dizer. Elas exigem para si a máxima atenção, mesmo quando falam sôbre futilidades, e não têm paciência suficiente para ouvirem o que os outros têm a dizer.

Em geral, o homem gosta de ser ouvido com atenção. Êle espera que a sua eleita dê importância a todos os seus atos, a tôdas as suas palestras, a todos os assûntos que o interessam. E isto é muito lógico. Se amamos uma pessoa, devemos amar aquilo que tal pessoa ame. Outra coisa importante é a naturalidade. Criaturas afetadas, exageradas, raramente deixam uma impressão duradoura. Existem outras que, ainda que expansivas, simples e naturais, se tornam retraídas quando têm que enfrentar aquêle a quem desejam impressionar bem. Tornam-se então artificiais e naturalmente não logram obter o resultado desejado.

Creio que uma moça simples, agradável, alegre, simpática e natural nunca encontra tais problemas. E essas qualidades podem ser cultivadas, desde que exista a vontade de agradar. O principal é que se descubra o ponto ou os pontos "fracos'', para combatê-los, e entre êles não esqueçamos o "ciúme'', causador de tantos rompimentos.

Não é difícil para ninguém se tornar atraente. E como atraente não compreendemos somente a beleza, a elegância, mas principalmente as qualidades já enumeradas.

O. B.

PROBLEMAS DA MULHER

M. MERCEDES SANTOS

EMIGRANTES

MUITAS críticas já foram feitas à "Organização Internacional de Refugiados", da qual faz parte o Govêrno brasileiro, segundo acôrdo firmado com esta instituição. Algumas delas, apoiadas simplesmente nas frageis bases da damagogia política, coisa, aliás, demasiado condenavel, a ser aplicada a um problema que requer, por princípio humanitário, melhor compreensão. Como se sabe, existe um estado de coisas bastante desagradaveis em relação ao Departamento Nacional de Imigração aqui no Brasil. Os jornais, na maioria das vêzes, veículo preponderante de mal entendidos, procuram fazer insinuações pouco lisongeiras e aterrorizantes sôbre a D. N. I., criando, assim, para os dirigentes dêsse serviço e os próprios emigrantes uma atmosfera insegura e, não raras vêzes, francamente insuportável.

Entretanto, o que me interessa no momento não é focalizar esta sordida política sôbre o nosso Departamento Nacional de Imigrantes, pois, conforme especifiquei acima, êste problema deve ser puramente humanitário. Êsses homens e mulheres que foram massacrados por uma guerra de que não tiveram culpa, se procuram fugir à fome e ao desespêro de suas terras de origem, é porque desejam ter no Brasil ou em outro qualquer país uma pátria onde possam desassombrados e cheios de esperanças construírem uma nova vida. Não é justo, portanto, que tiremos a êsses despatriados o direito de viverem em paz. E' certo que devemos usar a cabeça e não o coração na seleção de emigrantes para o Brasil, para que, futuramente, não sejamos vítimas de nossos próprios êrros. Todavia, é prudente compreendermos que êsses infelizes que aqui chegam não precisam apenas de uma pátria onde não sintam os horrores do após-guerra; não, êles necessitam mais alguma coisa — o apoio monetário dentro das especialidades de cada um e sobretudo o apoio moral.

Quanto à primeira hipótese, tive ocasião de observar situações francamente desesperadoras em diversas cidades do Estado do Rio e São Paulo. Encontrei emigrantes especializados em agronomia, engenharia e mecânica que estão sendo impiedosamente explorados por indivíduos sem escrúpulos. São homens e mulheres que ainda não conhecem o valôr exato de nossa moeda e por essa razão estão sendo miseravelmente enganados. Acredito, no entanto, que a direção da D. N. I. desconheça a modalidade criminosa que estão usando certos homens e mulheres de negócios, após contratarem e retirarem da Ilha das Flôres os nossos emigrantes. E' evidentemente a mais indigna das ações que um indivíduo pode praticar sôbre a terra — a exploração do ingenuo ou indefeso. Embora pareça desumano esta é, realmente, a situação que estão vivendo vários emigrantes que estão espalhados por várias localidades dessas cidades que eu citei. Encontrei engenheiros completamente deslocados de funções, verdadeiros trabalhadores braçais, percebendo a mísera quantia de quinhentos cruzeiros por mês. De tudo faziam — dêsde o plantio do milho à armazenagem do adubo. Com esta remuneração mensal e menos ainda, muitos emigrantes eu encontrei. Um dêles, um jovem loiro, olhos azuis, muito bem aparentado, sendo especializado em engenharia de estrada de ferro, servindo numa granja no estado do Rio, ao receber o salário do patrão, veio ao meu encontro e num sorriso de grande felicidade exibiu-me duas cédulas de duzentos cruzeiros e perguntou-me: "é muito dinheiro no Brasil esta quantia, não é?"

Fiquei horrorizada diante da falta de pudor dêste patrão. Senti um desprêzo muito grande pelo impiedoso empregador e não pude dizer-lhe o grande mal que êle estava praticando contra aquêle infeliz e indefeso homem.

Falando do apoio moral, êste quase não existe, embora não conheçam os emigrantes na sua maioria a língua portuguêsa sentem o quanto estão sendo humilhados pelos próprios empregadores e abandonados à sua sorte, sem qualquer assistência oficial ou apoio moral organizado.

Correspondencia

Desesperada — Belo Horizonte — Minas Gerais.

"Sei que estou errada mas o amo tanto, que, acredito não ser possível para mim, afastá-lo do meu caminho".

Você reconhece que está errada e teima em trilhar neste caminho, por quê? Você não podia compreender que o orgulho, os ciúmes constantes e infundados não podiam absolutamente produzir bons frutos? Quando êle quiz voltar, você não o aceitou. Depois, êle ficou noivo de outra, certamente para provocar-lhe ciúmes, já que voltou a frequentar sua casa, como simples amigo, coisa aliás que você logo de início devia compreender ser impossível. Agora, casou-se e insiste em manter com você esta atitude de amoroso incorrigível. Francamente, minha filha, você não podia ter piór procedimento. Todavia, você acredita que, namorando outro talvez possa eliminar o mal. Penso que sim. Mas, é necessário que a experiência do primeiro lhe sirva de lição. O namôro não consiste apenas em reunirem-se um moço e uma moça para brigar e provocar-se mútuos ciúmes. Não, minha filha, é algo mais do que isto, é conhecerem-se reciprocamente, analisarem seus caracteres, ver se combinam e se se amam verdadeiramente para que se possam unir pelos sagrados laços do matrimônio. Tenha juizo, portanto e afaste-se dêste homem que não lhe pode dar felicidades.

NOTA: — Tôda correspondência para esta seção deve ser endereçada a M. MERCEDES SANTOS — Problemas da Mulher — Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.



CHAPÉUS DE PALHA

Aqui estão dois encantadores e elegantes modelos de chapéus para o próximo verão! Em cima modêlo de aba larga em palha grossa com flôres rosas. Em baixo gracioso modêlo em palha azul marinho copa branca laço do mesmo material do chapéu com franjas de sêda branca.



Cinco horas em Paris











PARECE que à essa hora a beleza envolve tôdas as mulheres. Para isso contribuem também costureiros como Balenciaga, Robert Piguet, Jacques Heim, Jacques Fath, Nina Ricci e Marcel Dormoy, que aqui apresentam os seus mais recentes modelos, criados especialmente para essa hora da tarde. O "faille", o ottoman, o cetim e a seda fina, são os tecidos empregados nesses modelos.



A saúde do BEBÊ

DR. SABÓIA RIBEIRO

A propósito da Semana da Criança

HÁ cêrca de vinte anos a Semana da Criança tem o sentido de uma pregação no Brasil. Todos os anos se repete, como ainda uma vez se faz neste.

No Brasil os grandes amigos da infância nunca faltaram entre os médicos, mas é de justiça ressaltar, em primeiro lugar, os nomes de Moncorvo pai, no Rio, Margarido pai, em São Paulo, Alfredo Magalhães, na Bahia, tanto como médicos como, sobretudo, filantropos, à frente de instituições que tanto honraram.

O que entre nós justifica de modo singular uma campanha em prol da infância é a alta mortalidade infantil que se constata por tôda parte.

E' obra certamente complexa a que vise reduzir os altos indices de mortalidade, objetivando, desde a ignorância, que tanto concorre mediante práticas desacertadas na criação das tenras vidas, até uma efetivação de melhor padrão de vida das classes proletárias que são, aliás, as mais prolíficas.

Uma melhoria nas condições higiênicas das aglomerações urbanas em que mourejam tais classes, a alimentação vigorosa mais ao alcance da bolsa do pobre, assistência hospitalar e ambulatória de forma a prover as situações face à doença ou aos primeiros sinais da doença, constituem, decerto, as providências máximas capazes de influir nos fatores que pesam no atual panorama da nossa infância e sua saúde.

Efetivamente, sem uma ação conjunta e complexa, que se exerça, também sôbre os fatores que, já direta, já indiretamente, pesam sôbre a criança, nada há influir sôbre a triste realidade que infelicita a nossa criança, sob quaisquer aspectos que seja considerada.

Sob o aspecto estatístico o que ainda perdura é sobremaneira contristador; basta alinhar os algarismos abaixo:

COEFICIENTE POR 1.000 NASCIMENTOS COM VIDA

Estados Unidos	40,0	México	115,0
Canadá	54,0	Costa Rica	117,0
Argentina	78,0	Honduras	127,0
Nicarágua	100,0	Brasil	185,0
Venezuela	109,0	Chile	194,0
Salvador	110,0		

Por aí se verifica que nosso país se apresenta em posição bastante inferior principalmente entre os do continente americano.

Dentro do país, e só com referência às capitais, observa-se entre outros o seguinte (ano de 1945):

Natal	500,0	Fortaleza	350,0
Recife	430,0	Maceió	290,0
Teresina	400,0	São Luis	270,0
Aracaju	380,0	Salvador	230,0

Enfim, quando mais desce a mortalidade infantil, é em capitais onde em 1.000 morrem apenas 100, como Belo Horizonte e São Paulo!

Lê-se numa publicação oficial:

"Várias cidades do Brasil apresentam cifras que nos autorizam a prever uma verdadeira agonia de gerações."

E mais contristador é verificar que a alta mortalidade infantil parece marcar passo, entre nós, mantendo seus altos níveis.

Uma comparação com o que se passa em Nova York foi estabelecida pelo ilustre sanitarista dr. João de Barros Barreto em publicação quando diretor do Serviço de Saúde Pública do país: "Rio e Nova York tinham em 1900 coeficientes de mortalidade infantil nos arredores de 200 por 1.000. Mas enquanto Nova York baixava o seu em 1911 para 125, em 1920 para 85, em 1930 para 56, tendo chegado em 1938 a 47, o do Rio, no mesmo período, oscilava entre 180 e 200 por 1.000, nunca tendo vindo aquém de 151 por 1.000". A essas cifras, o prof. Martagão Gesteira acrescenta o informe que, em 1941, o coeficiente chegara a 209 por 1.000!

★

Fica-se ao fim dêsses ensinamentos no direito de perguntar que frutos então têm produzido as realizações no plano material e intelectual visando o amparo da criança. Por tôda parte, é certo, tem aumentado em obras sociais as maternidades, os postos de puericultura, as creches, os serviços especializados, que conjugam esforços à grande obra empreendida; a maioria dos órgãos de publicidade, em seções destinadas à criança, a seu turno coopera na solução dos problemas que lhe dizem respeito, instruindo e corrigindo tantos erros que, num passado ainda recente, tanto pesavam sôbre a criança.

Mas o problema da criança tem raizes mais profundas, e se é médico é sobretudo social.

O aspecto econômico e o grau de colocação dos responsáveis da criança, no consenso geral, representam sempre uma influência primordial na mortalidade infantil, havendo um notável paralelismo entre aquêles e esta.

Por outras palavras: mais pobreza, mais ignorância, maior a cifra da mortalidade infantil; por isto essa é maior, necessariamente, entre as classes proletárias e nos centros mais atrasados como o são em geral as localidades do interior do país.

De mais a mais, acontece, por outro lado, que, justamente entre as classes menos favorecidas, é que a prole mais cresce, enquanto que, entre os casais mais bem dotados, econômicamente, é evitado o crescimento da família.

Ora, entre as primeiras, é que mais imperam os casos de subnutrição dos pais a refletir-se de maneira tão assinalada sôbre a própria saúde dos rebentos já congenitamente carentes. O leite materno, sempre tão necessário à criança na quadra dos 6 primiros meses, não raro prima pela escassez, participando da própria insuficiência materna.

A higiene domiciliar, a seu turno, não é menos precária entre êsses — casas sob todos os aspectos condenáveis muita vez, sem ventilação, imersas numa eterna sombra. Tudo isso gera a doença porque fatores de debilidade é receptividade às causas infecciosas.

Êsses fatos, portanto — aliás só muito pelo alto indicados — explicam sem esfôrço a razão daquela antinomia — que é, a despeito do que se tem feito pela criança — continuar tão alta e mais ou menos na mesma, a alta mortalidade infantil no país.

Mas o essencial é que o problema está pôsto em foco, e da parte dos médicos, a obra educacional, no campo da puericultura, é perfeitamente visível.

A dietética moderna infantil é coisa, hoje, perfeitamente aceita pela maioria, quando não há muito imperava ainda uma rotina verdadeiramente soberana.

Hoje, por exemplo, prescrever-se a sopinha salgada à criança de seis meses, restringir-lhe a quota de leite, é a coisa mais natural do mundo, quando dantes a noção que se tinha sôbre a criação do bebê era que não havia alimento para êle como o leite, tendo grande voga principalmente o de cabra!

Também o preconceito da criança muito agasalhada já vai ruindo fragorosamente, e uma educação mais esportiva, por assim dizer, da criança, é a norma geralmente seguida.

A confiança nos métodos propláticos, já hoje e cada vez mais difundida, em relação a muitas doenças infectuosas da criança — o BCG na tuberculose, a vacinação preventiva na coqueluche, na difteria e outras — assinala também uma conquista da nova era da criança e outra noção de sua assistência da parte de seus responsáveis.

E muito e muito mais que, se não é tudo, já atesta iniludivelmente um melhor preparo no conhecimento da criança.

Resta só, à medida dos tempos, esperar melhores condições ainda para a saúde e a felicidade da criança e aprimoramento de seu **standard** no Brasil.





EIS suas sugestões para cabeças louras e morenas. Para a primeira, um penteado simples, com ligeiros "boucles" dos lados. Para as últimas, cabelo um pouco para trás, franja na testa.

LOURA OU MORENA











JAEN Dessés apresenta um modêlo para a noite em "faille" negro com saia muito ampla em organdi listrado prêto e branco, removível. **Schiaparelli** criou um modêlo "habillé" em seda negra, com ampla "echarpe" em cetim, a qual se enrola na cintura, criando um aspecto de muita elegância. **Bruyére** apresenta um "tailleur" de tafetá negro, muito elegante, o qual se transforma num modêlo para a noite, de grande "chic".





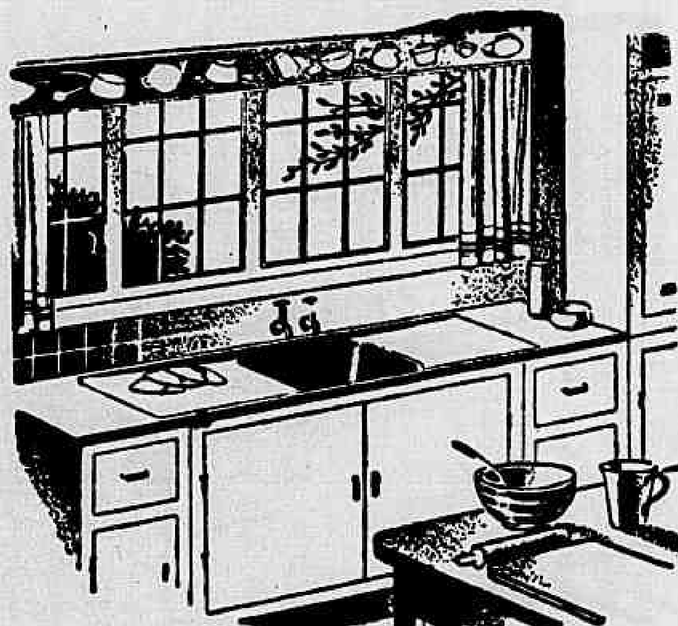






CONVERSÍVEIS

week-end NA COZINHA



BALAS ESPECIAIS DE ABACAXI

Rale 1 abacaxi maduro e junte tanto açúcar quanto apure da polpa com o caldo. Leve ao fogo até despegar do fundo. Faça bolinhas e enrole no açúcar.

BALAS DE BANANAS

Misture 1/2 kl de açúcar com 1 colher de manteiga cheia e 12 bananas em pedacinhos. Leve ao fogo sempre mexendo até aparecer o fundo da caçarola. Despeje num mármore untado e corte aos pedacinhos.

FRUTAS AÇUCARADAS PARA ENFEITES

Com 3 xícaras de açúcar e 1 de água, faça uma calda em ponto de açucarar. Deite dentro fatias de abacaxi, de maçãs, de pêssegos, bananas, morangos inteiros, etc., apenas passadas por uma fervura em água açucarada e depois bem escorridas. Retire com cuidado com a escumadeira e arrume num grande prato.

GLACÊ PARA TORTAS

Esprema o caldo de 2 laranjas, coe, junte 3 colheres de açúcar e leve ao fogo para engrossar um pouco. Despeje sôbre o recheio da torta e deixe esfriar. Fica gelatinosa.

PÃEZINHOS DE AMÊNDOAS

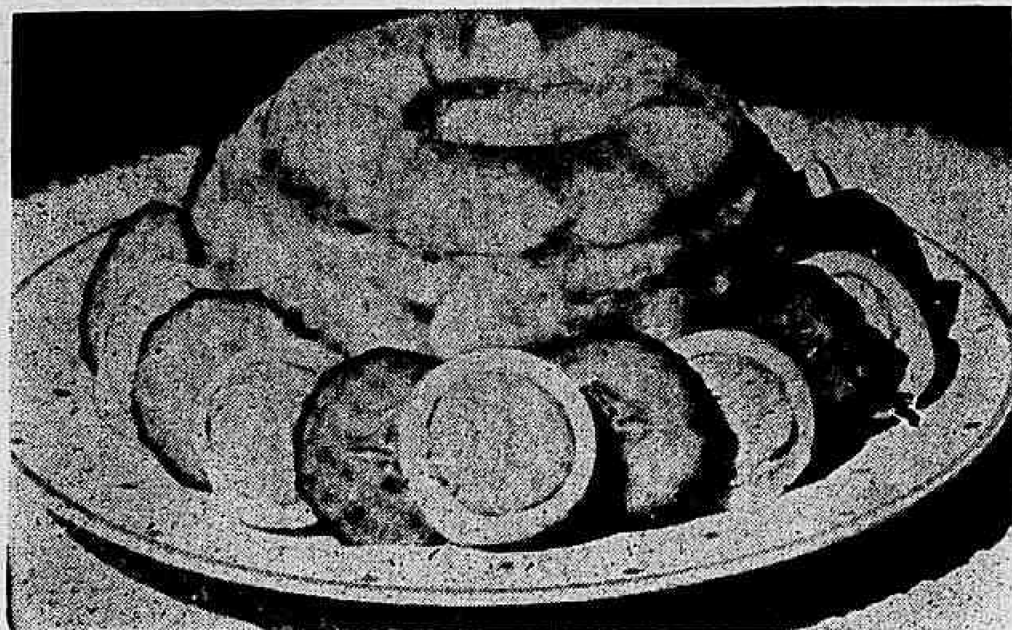
Tome 100 gs. de amêndoas peladas, partidas ao meio, 250 gs. de farinha, 150 gs. de manteiga, 125 gs. de açúcar, 2 gemas, 1 clara, sal e baunilha. Faça uma calda com o açúcar até mudar de côr, ficando alourada. Amasse tudo junto, enrole como uma linguiça grossa, corte em rodelas de 1 cm. e leve a assar em tabuleiro untado.

DOCINHOS DE CÔCO TOSTADOS

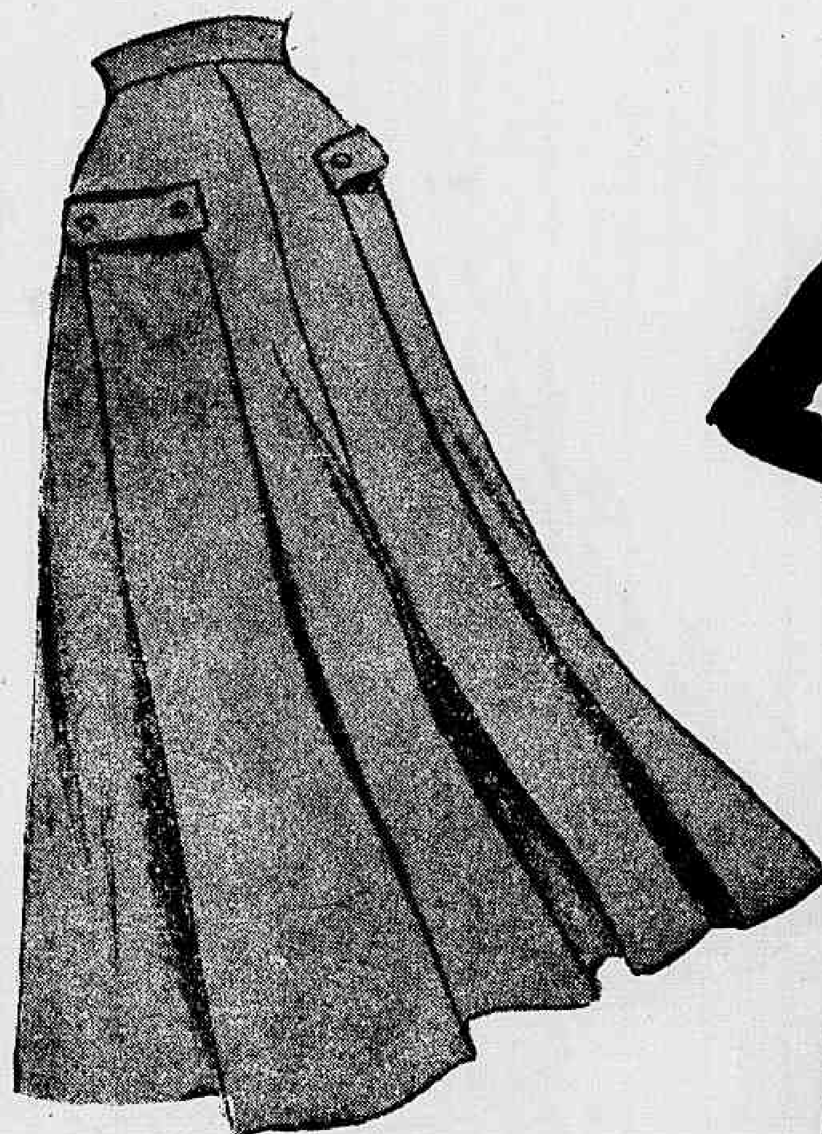
Faça uma calda com 3 xícaras de açúcar, junte 1 colher-de-chá de manteiga, 1 côco ralado, 4 ovos e 1 colher de fécula. Misture e leve ao fogo até despegar da caçarola. Deite em pequenas porções, do tamanho de uma noz, num tabuleiro polvilhado e leve a tostar no forno.

BONS-BOCADOS DE QUEIJO

1 pires de queijo ralado, 6 ovos, 500 gs. de açúcar em calda em ponto de fio, 6 colheres de farinha, 2 colheres de manteiga. Depois de tudo misturado despeje em forminhas untadas e leve a assar no forno.



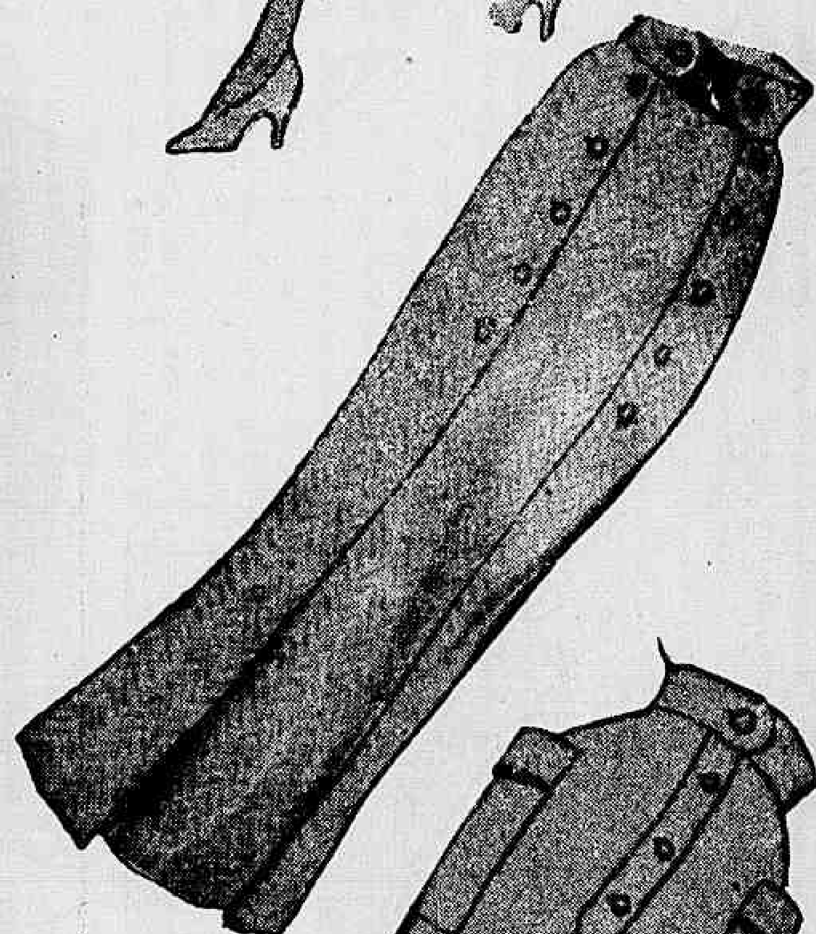
CULINÁRIA — Com a mesma massa com que se faz a torta de maçãs pode ser feita qualquer outra torta. Basta variar de recheio. ★ Para tirar a pele do tomate basta dar-lhe uma rápida fervura. ★ As verduras devem ser cozidas somente com o vapor da água. O mesmo acontece com alguns legumes. Quando a água fôr necessária, deverá ser acrescentada em pouca quantidade. ★ A cenoura não deve ser descascada, mas raspada. Grande quantidade de vitamina está localizada na casca.



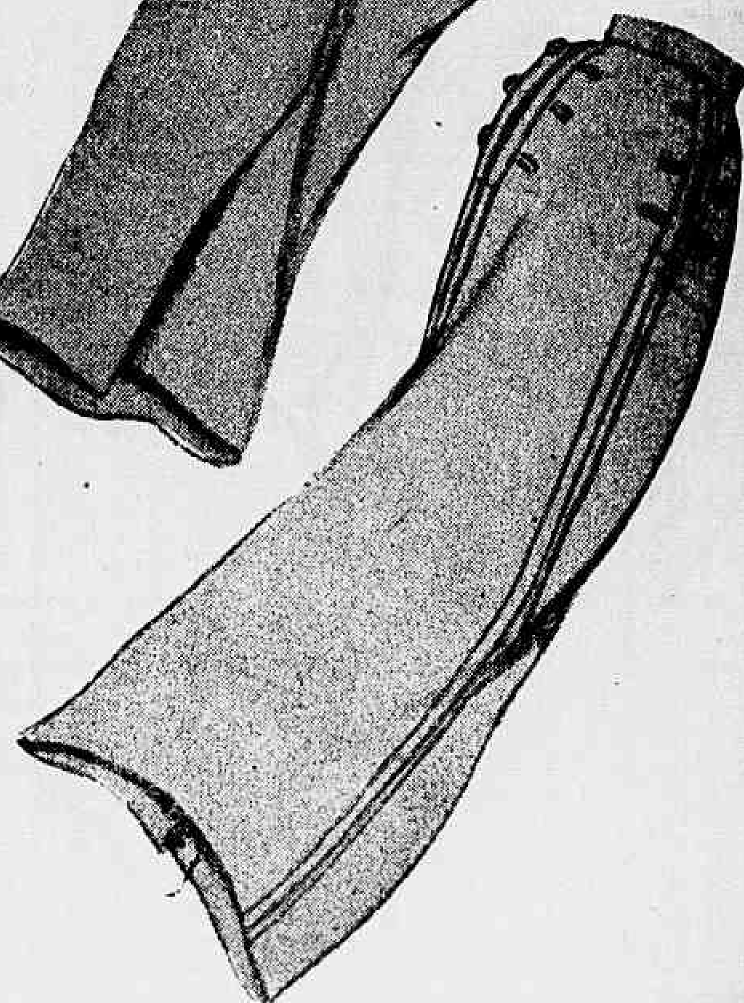


AS SAIAS









AS saias cresceram de importância; quer as dos vestidos ou as que são feitas para serem usadas com blusas, como as que aqui apresentamos. Tôdas são próprias para qualquer estação, podendo ser executadas em lã, tropical, linho ou seda.



PARIS às cinco horas da tarde... O desfile de mulheres elegantes é interminável... Cada modêlo traz a marca de famosa casa, como Jean Dessès, Jacques Griffe, Maggy Rouff, Jacques Fath e Germaine Lecomte. E' a hora em que as mulheres parecem ainda mais belas com os seus modelos um tanto "sofisticados".

PARIS ELEGANTE



NUPCIAS



Realizou-se na Matriz de São Luiz Gonzaga, em Madureira no dia 15 do mês passado, o enlace matrimonial da senhorita Maria de Lourdes Costa com o sr. Bernardino Gavazzi. O flagrante que encima estas linhas foi colhido durante a solenidade religiosa



Flagrante colhido no Salão Nobre da Associação Cristã de Moços quando da audição de piano dos alunos da professôra Norma Lopes, realizada em 13 de agôsto do corrente ano

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.° 50 - Rio

O preço desta revista para venda ao público, em qualquer parte do território nacional, é de Cr$ 3,00.

Aos distribuidores é concedido um desconto que dá margem ao respectivo lucro dentro daquele preço mencionado na capa.

QUERO MORRER CONTIGO

(Cont. da pág. 25)

Dona Sinhá tossiu nervosamente consertando a garganta. Outras lágrimas rebeldes, e outro gesto rápido e instintivo para enxugá-las. Esperou que o filho sorvesse o último gole de café, e perguntou:

— Não. queres mais um bocadinho?

— Não senhora. — Nestor derreou-se novamente na rêde. Dona Sinhá tomou a bandeja na mão, colocou a tigela e o pedaço de beiju que sobrou. Foi se afastando para guardar tudo lá no armáriozinho da cozinha; antes, porém, de transpor o umbral da porta, parou, virou-se para trás e perguntou:

— Não queres que eu deixe a lamparina para te alumiar?

— Não senhora. Quero ficar mesmo no escuro.

— Anh, bom...

A velha não insistiu. Prosseguiu nos seus passos, arrastando vagarosamente os pés, abatida e cansada — passos de gente sofredora.

Nestor acompanhou por um instante o rumor daqueles passos, tão seus conhecidos, deixou que êles silenciassem, e somente após reatou os seus pensamentos. Pobre mãe! Evidentemente, êle reconhecia como era às vêzes tão injusto para com aquela pobre mãe, retribuindo com injustificável aspereza a gestos que só mereceriam eterna gratidão. Eram impressionantes a solicitude e a paciência com que ela o acompanhava, arrastando-se por aquela desventura, sem uma queixa, uma palavra que pudesse significar maior ou menor arrependimento por se haver encarcerado ali voluntariamente, a fim de devotar-se de corpo e alma à vida daquele filho.

Sim, fazia pouco mais de um ano que êles se haviam mudado para aquela casinha isolada, ali na ponta da rua. Isso acontecera poucos meses depois que Nestor tivera a dolorosa certeza de que estava leproso. A fatídica notícia correu então célere pela cidadezinha, e foi uma estupefação. Muita gente não queria convencer-se daquela desgraça. Houve o natural retraimento, o pavor, os amigos que se afastavam, embora levando a alma compungida. Mas, no meio daquela desoladora deserção, houve alguém que, além de dona Sinhá, manteve-se firme, enfrentando a perigosa consequência que lhe pudesse advir, sofrendo, por esta atitude, no seio de sua própria família, a maior pressão moral possível, as sanções, os doestos, um inferno enfim. Êste alguém fôra Conceição, a Conceição que o destino fizera sua noiva, a doce paixão que o acompanhava desde o ingênuo tempo de crianças. Passados os primeiros dias, eis, porém, que se deu o inacreditável: em vez dela, foi Nestor quem tomou a iniciativa de romper o noivado, embora para tanto tivesse de estrangular o seu pobre coração, fazendo-se o mais desgraçado dos homens, e somente Deus sabendo o desespêro de sua alma, a grandeza de sua renúncia.

Para levar avante o seu propósito de rompimento, êle lançava mão de todos os meios, dizia-se indiferente, alegava que, verdadeiramente, jamais gostara da moça, e aquêle namôro fôra apenas um entusiasmo de jovens, mas que pouco a pouco teria fatalmente de arrefecer. Êle simulava tudo isso — sabia Deus como! — convencido de que assim estaria deixando a sua amada inteiramente à vontade, isenta de qualquer vislumbre de remorso ou piedade...

No fim de pouco tempo, êle fechou o pequeno estabelecimento comercial que mantinha na principal rua da cidadezinha. Aliás, quando fechou, era como se já houvesse encerrado os seus negócios desde muito tempo, pois fregueses não lhe apareciam mais, a não ser uma ou outra pessoa que nada lhe comprava; certamente curiosos que vinham verificar, entre timidez e constrangimento, os prováveis efeitos da doença.

Apesar de achar-se fechada a loja, Nestor e dona Sinhá continuaram ocupando a parte residencial contígua. Isso demorou todavia poucos meses, isto é, quando, entre os principais elementos do lugar, o forte sentimento de piedade inspirado inicialmente foi sendo aos poucos substituído por maior dose de pavor. Aí, inventaram os fatos mais absurdos. Uma vez, porque encontraram o rapaz, altas horas da madrugada, numa noite de luar, a perambular solitário pelas ruas, mais que depressa correu a notícia que êle havia sido surpreendido forçando os quintais alheios, penetrando pelos fundos das casas para contaminar criminosamente os objetos que porventura encontrava, tais como potes, toalhas, panelas, o diabo que fôsse. Os boatos começaram a tomar vulto, outras infâmias foram se sucedendo, e por fim dona Sinhá teve uma resolução:

— Meu filho, tu queres saber de uma coisa?... Vamos nos mudar para aquela casinha que a gente possui lá na ponta da rua... Não é? Lá ficaremos sossegados, ninguém mexe com a gente, e êles nos deixam em paz...

E foi assim que êles vieram parar ali, naquela casinha modesta, havia pouco mais de um ano. Dona Sinhá abandonará tudo para acompanhar aquêle desditoso filho, encarcerar-se com êle naquele sepulcro. De nada valeram os rogos de uma sua filha casada, residente numa cidade dez léguas distante, para que a velha fôsse morar com ela e internasse o filho no leprosário da capital, uma vez que não se podia dar outra solução ao caso. A filha pediu por tudo, pela alma do pai querido, que a mãe se conformasse com a solução indicada, e o próprio Nestor, que sempre se revelara um bom filho, um bom irmão, êle que interrompera os estudos na capital para vir tomar conta do pouco que lhes deixara o pai, e não desamparar a família em hora tão grave, êle que possuía tão bom coração, certamente compreenderia a realidade da situação, com nobreza de sentimentos, e seria o primeiro a aconselhar a mãe. Dona Sinhá não se demoveu; por último até se enfurecia quando lhe tocavam no assunto. Para ela, a doença do filho não trazia o perigo que alarmavam: é que ela não podia acreditar, não queria se convencer que aquela carne que era a sua carne, aquêle sangue que era seu sangue, aquêle corpo, aquêle rosto, aquelas mãos, aquela cabeça que ela tão carinhosamente afagava, ela não podia absolutamente convencer-se de que aquêle corpo contivesse o poder fatal de transmitir tão maligna doença...

Ainda bem que os efeitos da moléstia ainda não haviam ampliado a sua ação deformadora... Apenas as orelhas entumecidas, algumas manchas vermelhas espalhadas pelas costas, um adormecimento geral pelo corpo e uma ligeira claudicação numa das pernas. Mesmo que o filho já estivesse reduzido a um amontoado de chagas, a um molambo de gente, claro que dona Sinhá não modificaria aquela sua atitude.

Pobre mãe! Nestor revirou-se na rêde, os olhos umedecidos de lágrimas. Deu um embalo mais forte e depois parou.

— Êh, minha mãe, o que é que a senhora está fazendo aí tão sozinha?

— Nada... — a velha respondeu do quarto pegado — Estou aqui sentada.

— Então venha cá, venha ficar um pedacinho comigo.

A voz do rapaz estava trêmula e emocionada.

Dona Sinhá se levantou e veio se aproximando, os passos arrastados. Chegou-se para junto da rêde, suspendeu a varanda e sentou-se no outro lado.

— Como é, já estás te sentindo melhorzinho?

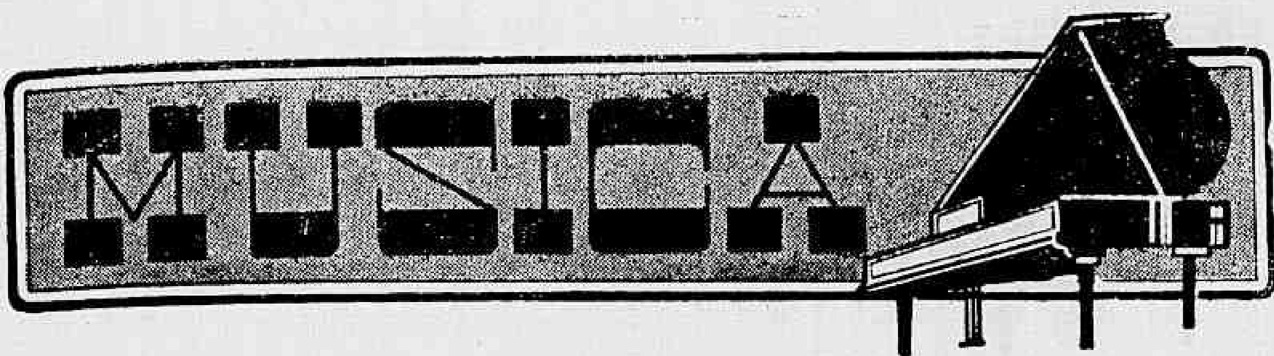
Êle respondeu com um sorriso triste. A rêde voltou a balançar-se vagarosamente, prá-lá-e-prá-cá, prá-lá-e-prá-cá, as escápulas quebrando com seu rangido o silêncio do quarto. No fim de alguns minutos, ouviu-se subitamente o pipocar de foguetes distantes. Vinham, certamente, do largo da igreja, e devia ser a festa do casamento de Conceição. Mãe e filho nada comentaram; tal como se existisse entre ambos a tácita combinação de não tocarem naquele assunto proibido. Dona Sinhá, num gesto instintivo, tomou entre as suas as mãos do filho, começou a afagá-las carinhosamente, docemente, a rêde prá-lá-e-prá-cá, prá-lá-e-prá-cá; e, sem querer, quase sem notar, com os olhos fechados, os lábios cerrados, pôs-se a cantar em pensamento — triste melodia que lhe vinha da alma, bem do âmago do coração:

"Chô, chô, pavão...

★

Terminada a cerimônia do casamento, Conceição, tão depressa quanto se pôde

(Cont. na pág. 48)



ORQUESTRA DO TEATRO MUNICIPAL ★ UM REGENTE PERDIDO... ★ MÚSICA E SUGESTÃO

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Encerrada a temporada lírica, desenvolve-se o setor sinfônico e duas empresas diferentes disputarão, em outubro, a atenção e a preferência do público carioca.

A Orquestra Sinfônica Brasileira, fiel ao seu compromisso, trouxe-nos Koussevitsky, que já se acha no Rio.

Agora, anuncia o empresário Viggiani, com Eugen Szenkar, uma série de concêrtos, apresentando solistas como Wilhelm Kempf, num ciclo de Beethoven, e Ivy Improta, em Festival Chopin, ainda como parte das comemorações do centenário dêste, num espetáculo com orquestra, solista e até corpo de baile, pois, sob a regência de Spedini, será apresentado o "ballet" Silfides.

ORQUESTRA DO TEATRO MUNICIPAL

Szenkar receberá a Orquestra do Teatro Municipal, depois de um prolongado convívio desta com um mestre do porte e da autoridade de Tullio Serafin, cujo brilho e segurança muito contribuíram para o sucesso das principais récitas da temporada lírica.

Desde que Erich Kleiber realizou milagres com a Orquestra do Teatro Municipal, mostrando que, com direção competente, ela apresenta um excepcional rendimento artístico, ficou confirmada a nossa opinião: a Orquestra do Teatro Municipal é um conjunto maltratado, que não recebe a atenção e o cuidado merecidos, mas, entregue a um maestro realmente capaz, poderá dar interpretações de rara qualidade.

Tullio Serafin encarregou-se de demonstrar isso mais uma vez. Esperemos que Szenkar encontre recursos para imitar êsses exemplos.

UM REGENTE PERDIDO...

Bem sabemos que a tarefa do maestro é árdua. Depende, para o sucesso de seus esforços, daquela capacidade de comunicar aos músicos a sua concepção da obra executada, enquadrando cada náipe numa interpretação harmoniosamente construída. Mas nem sempre a culpa é da orquestra se tudo soa desarticulado.

Certa vez, um regente, cujo nome, discretamente, omitiremos, regia de cor. Não conhecia bem a partitura, entretanto, e o resultado foi que, a certa altura, falhou-lhe a memória. Num apêlo mudo, olhou para o "spalla". Êste, sem entender, sorriu, amàvelmente. E o pobre homem, de pé, sôbre o estrado, com os olhos de centenas de pessoas fixados nele, não teve outro recurso: fingiu que regia, até o fim. A orquestra seguiu da melhor maneira possível, nas circunstâncias, e o maestro-reboque salvou-se, fazendo a mímica da regência...

Naquela situação, o "maestro", com certeza, gostaria que seus "ouvintes" fôssem tão surdos quanto Beethoven. Conta-se que, sendo informado de que Beethoven estava presente, na hora do concêrto, um cantor ficou tão emocionado que quase perdeu a voz e só recuperou a serenidade necessária, para enfrentar o público, quando recebeu um bilhete do mestre nestes têrmos:

"Meu querido amigo:
Não se preocupe com minha presença. Vim, ùnicamente, vê-lo cantar. Pode desafinar, tranquilamente, pois o público não perceberá e eu não o ouvirei.
Ludwig van Beethoven."

Que não daria aquêle maestro esquecido para que o povo que enchia o teatro, àquela noite, estivesse ali, ùnicamente, para vê-lo reger...

MÚSICA E SUGESTÃO

Já, mais de uma vez, pintores têm tentado traduzir, num quadro, emoções sugeridas pela música. Recentemente, comentávamos uma nova tentativa nesse sentido.

Também o cinema, sobretudo com a interessante Fantasia, de Walt Disney, realizou alguma coisa. Aliás, a "música de fundo", que dá realce à ação, obedece ao mesmo princípio: "sugerir", com a música, um ambiente, um sentimento, um gesto.

Oscar Levant, no seu livro, **A Smattering of Ignorance** mostrou as dificuldades de ajustar a música que comenta a ação ao desenrolar dos episódios.

Mais recentemente, porém, uma nova experiência com a música foi empreendida. O escritor Preston Sturges, no filme "Odeio-te, meu amor", narra a história de um maestro que imagina soluções para problema conjugal, enquanto dirige uma orquestra e, de acôrdo com a influência da música, ora violenta, ora suave, vai imaginando o que deverá fazer.

O mais surpreendente, porém, foi a escolha da primeira obra. Encontramos o jovial Rossini justamente como o que apresenta as sugestões mais sinistras...

Mas Sturges poderia encontrar, numa frase do próprio compositor, a justificação de sua escolha.

Na estréia do Otelo, de Rossini, um amigo exclamou, surprêso, ao ouvir a marcha fúnebre, que acompanha Desdêmona ao sepulcro:

— Maestro... Mas, isto não é o tema da calúnia do Barbeiro de Sevilha?

— Que tem isso?

— A morte de Desdêmona, acompanhada pela música que serviu para as palhaçadas de Dom Basílio...

— Por que não? Não é o tema da calúnia? Desdêmona não morreu em virtude de uma calúnia? Não vê a relação?



Ludwig van Beethoven



Que será seu filho AMANHÃ!

advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO, que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE, USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor

(Exigir a embalagem verde)

E LEMBRE-SE QUE O SEGRÊDO DE UMA LINDA CABELEIRA SEM CASPAS E

CABELOS BRANCOS

ESTÁ EM

EUTRICHOL ESPECIAL

EXPERIMENTE-O E VERÁ

MULTIFARMA

PRAÇA PATRIARCA, 26-2.º

S. PAULO

Remesse pelo Reembolso Postal

Correio da "REVISTA"

Max Nunes (Muriaé, Minas Gerais) — Aprovado o seu conto "A moeda e a cédula".

Vicente Correia de Carvalho (Rio) — Já está com o ilustrador e sairá brevemente.

Aurora R. da C. Araújo (Teresina) — "Reconciliação" foi aprovado. Aquêle pequeno excesso não prejudicou em nada.

Carlindo Cerqueira (Juiz de Fora) — O fato a que se refere em sua carta é muito comum em literatura portuguêsa e encontradiço nos melhores escritores brasileiros e portuguêses. Não constitui êrro. Contudo, na leitura que fizermos, uniformizaremos de acôrdo com seus desejos.

Átila Marques de Andrade (Uberlândia, Minas) — Não nos sendo possível indicar a pessoa com quem pretende corresponder-se, registramos aqui o seu pedido a fim de que os leitores fiquem a par de seu desejo: quer o sr. Átila manter correspondência com uma jovem de 19 a 21 anos, coisa, aliás, muito comum em vários países.

Maria da Conceição Pinheiro Gama (Alegre, Espírito Santo) — Confirmamos a aprovação de seu conto e retificamos o seu endereço conforme vê acima.

F. Augusto da Silva (S. Paulo) — O motivo dessa aparente contradição é que só publicamos os contos aprovados depois que os ilustradores nos trazem os respectivos desenhos. E uns demoram mais. Quanto ao restante, estamos de acôrdo com o amigo.

HEMORRÓIDAS E VARIZES

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

QUERO MORRER CONTIGO

(Cont. da pág. 46)

ver livre — apertos de mão, um abraço, parabens, beijinhos, votos de felicidades — ela correu afobada para seu quarto, deixando o noivo, os pais, os convidados já espalhados pela sala, pelo corredor, pela varanda, todos em animadas conversações.

Ao pilhar-se sozinha em seu quarto, fechou-se por dentro, encaminhando-se após para o toucador, ao mesmo tempo que ia arrancando a grinalda, o véu, a fita que lhe prendia os cabelos, colocando tudo desordenadamente sôbre a mesinha. Feito isto, atirou-se numa cadeira proxima, a alma confusa, o coração alvoroçado. Santo Deus! Ela estava casada. O juiz lhe perguntara solenemente:

— Aceita o sr. José Rodrigues, de sua livre e espontânea vontade, como seu legítimo espôso?

Conceição nem se lembrava como conseguira responder; sabia apenas que os seus lábios se entreabriram levemente e a palavra saiu como um murmúrio, um débil gemido:

— Sim...

Sim, ela estava casada! Aquilo que para muitas jovens significava uma das grandes aspirações da vida, um majestoso sonho docemente acalentado, para ela, Conceição, o casamento, aquêle casamento, nada mais representava do que um triste ato de desespêro. Casada! Casada! Casada! E' que não fôra aquêle o eleito de seu coração, aquêle cuja lembrança lhe trazia à alma inebriantes sensações, mesmo à custa dos mais atribulados e angustiosos dias de sua vida.

Na verdade, ela reconhecia que não tivera fôrças para resistir por mais tempo a pressão dos pais, dos parentes, dos amigos, todos enfim que se julgavam no direito de meter o bedelho naquele caso:

— Menina, você não vê que isso é um absurdo!... Como é que você quer sacrificar o seu futuro, a sua mocidade, a sua beleza, casando-se com um leproso!... Isso é um absurdo e devia até ser proibido por lei. Pense bem. A questão é que você está encasquetada e não quer dar atenção à voz do bom senso. Para você, deve fazer de conta que o Nestor foi um infeliz amor que você teve, mas morreu, desapareceu, pronto e acabou-se. Ora, se Deus fêz assim, era porque êle queria assim, está claro. Tire êsse rapaz do pensamento e se conforme com a vontade de Deus. Isso, sim. Para você ainda foi até uma felicidade que esta desgraçada doença tivesse surgido antes do seu casamento com êle. Dê graças a Deus. Ademais, ainda foi outra grande felicidade que você, depois de tudo isso, ainda encontrasse um homem como o seu Rodrigues, homem de recursos, trabalhador e experimentado na vida. Homem importante. Sim senhora. Naturalmente que êle já não é mais nenhuma criança, visto que é pouco mais novo do que seu pai, mas isso não vale nada. O que interessa é que êle possa ampará-la bem; amanhã morrem os seus pais, pois todos nós somos mortais, e você já terá o seu encôsto, não ficará assim no ora e veja, ao Deus dará. Isso é que importa, o mais é tolice. Apesar de êle ser viúvo, possui apenas uma filha, mas assim mesmo essa pouco pára aqui, como você sabe; logo, é você quem vai ficar dona de tudo, mandar e desmandar naquela casa. Você foi uma moça de sorte. Também, quantas não a estão invejando agora. Só cego que não via a paixão de seu Rodrigues, o jeitão dele por você; sim senhora, isso é de muito tempo; naturalmente que êle só aguardava uma oportunidade para atacar... Isso sim!

Casada! Casada! Casada! Tôdas as suas esperanças foram-se de águas abaixo. Também, por que Nestor não lhe respondia os seus insistentes recados, os bilhetes escritos às escondidas e remetidos por intermédio de mãos bondosas? Uma palavra que viesse daquele ingrato, ou uma jura, ou uma promessa, um recadinho que fôsse, e ela teria fôrças para ir até o fim, resistiria aos mais violentos assédios, alimentando aquêle amor, vivendo eternamente daquele amor! Amor que era tudo para ela, amor que a acompanhava desde os bancos de escola primária, consistindo num olhar aqui, num sorriso ali, num gesto furtivo acolá, ambos ainda crianças, um meio encabulado do outro, um pouco de ciúme, às vêzes um injustificável amuo, e, por fim, o amor às claras, Nestor já rapazola, estudando na capital, e Conceição, ali na cidadezinha, guardando-se de corpo e alma para o amado de seu coração, a contar com insopitável ansiedade os dias que faltavam para êle vir gozar as férias escolares, as suas deliciosas férias... E depois, a aflição com que ela via escoarem-se os dias, aproximando inexoravelmente a data do regresso para o colégio.

Tudo isso ia ficando para trás — o tempo, os sonhos, o pensamento, restando-lhe apenas aquela triste realidade... Lágrimas quentes escorriam-lhe silenciosamente pelo rosto; era um chôro sem soluços nem gemidos; algo que lhe estava aliviando a alma, como a desabafar um pouco dos seus sofrimentos.

Discretas pancadinhas na porta despertaram-lhe a atenção. Ela deixou que batessem outras vêzes, enxugou calmamente as lágrimas, e só então levantou-se para abrir a porta.

— Conceição, minha filha, o que é que tu estás fazendo êste tempo todo aqui?! — Era dona Mariquinha, a mãe.

— Vamos lá prá fora que já estão notando a tua ausência, minha filha...

— Ora, mamãe...

— Não é isso, minha filha... Isso não fica bem. O que não hão de dizer?!

— Ora, mamãe...

Dona Mariquinha aproximou-se da filha, tomou-lhe a cabeça ternamente, encostou-a ao peito, procurando apagar a mágoa que torturava aquêle ente querido:

— Por favor, minha filha, é preciso que tu compreendas a situação... Eu e teu pai só quisemos a tua felicidade. Cada um que ponha o caso em si, e julgue... Quem é que vai querer que sua filha case com um morfético!... Nem coberto de ouro! Isso é uma loucura, minha filha. O que nós fizemos foi para o teu bem. Seu Rodrigues não poderia ser melhor partido. E mesmo não seria todo homem que se arriscaria a casar-se com uma exnoiva dum morfético... Pensa bem. Basta que êle te adore como vem demonstrando. No teu caso, o amor virá depois, isso eu tenho certeza. Esquece Nestor que foi uma asa negra em tua vida, em nossa vida... Pronto! Agora enxuga estas lágrimas e vamos lá pra fora. Isso, assim mesmo... — beijou a filha na testa. — Tu serás feliz, muito feliz, se Deus quiser! Nossa Senhora da Conceição é tua protetora, e eu te entrego em mãos dela, isso mesmo! Pronto, agora vamos lá pra fora...

Dona Mariquinha estava também com os olhos umedecidos; limpou-os às pressas e beijou a filha novamente na testa:

— Bom, eu vou indo na frente. Tu te ajeitas, passa pó no rosto para disfarçar essas lágrimas, e vai. Não demores, minha filha, eu te espero. Deus te ajude...

Saiu, os passinhos ligeiros, muito acochada no seu espartilho, o vestido novo fazendo frufru.

Conceição aproximou-se maquinalmente do espêlho, esfregou os olhos com a ponta dos dedos, passou a pluma de pó, ajeitou-se. Depois, abriu a janela que dava para o quintal, deixou que entrasse uma lufada de ar. Espiou a noite escura, o céu pontilhado de estrêlas, o vento farfalhando as árvores. Demorou-se um segundo, um minuto, meio alheada, como se ela não fôsse ela, aquelas mãos não lhe pertencessem, aquêles braços, aquêles seios arfando descompassadamente, e aquêle corpo ali parado junto à janela tivesse outro dono, e ela fôsse apenas um espírito que houvesse se apossado daquela matéria, mas que estava prestes a deixá-la, a libertar-se... Ou talvez não fôsse nada disso, e ela estivesse simplesmente marchando para a morte, para um abismo!... Ou para a loucura, que seria um meio aniquilamento espiritual. Foi então quando ela teve um pensamento! Veio forte, dominante. Repentinamente, subitamente. Tomou-lhe conta dos sentidos, anulando qualquer possibilidade de reação. Ela foi até a porta, botou a cabeça de fora, investigou o corredor; viu gente sentada, viu gente em pé, todos conversando animadamente; tornou a voltar para junto da janela, agora numa febril indecisão, tôda trêmula, correu até a porta, espiou novamente para o corredor, não demorou nada, veio outra vez para junto da janela, ficou meio debruçada, e, apoiando-se com as mãos, deu um salto e sentou-se no parapeito; passou as pernas para o lado de fora, deixou escorregar o corpo e pisou em terra firme; aí, segurou as saias para não arrastar no chão, e, sem perda de tempo, pôs-se a andar, quase correndo, cada vez mais se afastando de casa e mergulhando na escuridão, o vestido enganchando-se e rasgando-se nos arbustos, a sua carne ferindo-se nos espinhos, sempre correndo... correndo... tropeça aqui, levanta acolá, o vento frio lhe batendo no rosto, a cabeleira sôlta esvoaçando...

★

Nestor só se mexeu na rêde porque ouviu passadas de animais no quintal. Levantou-se de mansinho, sem querer fazer barulho, a fim de não acordar dona Sinhá, que já pormia a sono sôlto. Interessante é que ela, que se deitara ali com a intenção de adormecer o filho, foi quem afinal terminou dormindo.

O rapaz saiu na ponta dos pés, chegou ao quintal. Não se enganara; eram os jumentos que haviam invadido por um buraco da cêrca, e agora estavam ali, pisando os canteiros, esbandalhando tudo, um inferno. Nestor pegou uma vara comprida e avançou para os bichos:

— Esperem aí, seus diabos, que eu já ensino a vocês...

Disse isto e começou a chuçar com a ponta da vara as ancas dos animais.

— Vaaamos!... Vamos, seus diabos!

O bicho, meio desorientado, encolhia-se todo, arqueava-se, não ia nem vinha. Diante disto, Nestor fustigou com mais fôrça, um deles resolveu correr e os outros seguiram atrás. Os jumentos saíram por onde haviam entrado. O rapaz foi até lá, examinou o buraco da cêrca; não era coisa muito grande; no dia seguinte êle iria consertar aquilo, pelo menos lhe serviria de distração. Voltou para casa monologando; ao entrar, jogou a vara no chão e começou a esfregar as mãos, limpando a areia que ficara aderente.

Nisto, a sua atenção foi novamente despertada por outro rumor, vindo lá do fundo do quintal; o crepitar de ramos secos, o estalar de fôlhas, alguém forçando os varais da cêrca. O rapaz tornou a apanhar o pau e postou-se de alcatéia:

— Mas que diabo de jumentos mais teimosos!...

Também, agora estava disposto a dar-lhes uma recepção em regra, cacete pela cabeça, pelas pernas, pelas ancas, que os bichos iriam se ver num inferno.

Foi então quando começou a ficar intrigado com o que estava observando; parecia um vulto branco que se mexia, que vinha se aproximando. Um vulto, sim. Nestor teve medo, não soube o que fazer; a indecisão, entretanto, não demorou um segundo; êle encheu-se de coragem e avançou afoito, a vara na mão para o que desse e viesse. Nem bem andou três passos e parou estatelado, mal podendo articular as palavras:

— Quem é que está aí?!...

— Nestor! Meu Nestor! — Conceição correu para perto dele, tôda feita em lágrimas e soluços. — Meu amor, eu jamais poderei viver sem ti!... Eu quero morrer em teus braços! Eu quero morrer contigo!

— Conceição!...

BELEZA DOS SEIOS

BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ......

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

O rapaz não acertava dizer outra palavra.

— Conceição!... Conceição!...

A vara lhe escapuliu das mãos, e êle caiu de joelhos, os olhos banhados de lágrimas e o coração banhado de ternura, e abriu os braços para recebê-la, não como noiva, que êle, mísero mortal, não merecia tanto, mas para aceitá-la como um milagre dos céus, uma bênção de Deus!...

Longe, um foguete rasgou o firmamento, foi subindo, subindo, fêz uma curva e espocou, ao mesmo tempo que lágrimas incandescentes se despejavam sôbre a terra.

MINHA FILHA

(Cont. da pág. 38)

...ções radicais eram operadas no meu modo de pensar e de agir. Novos planos vieram ocupar minhas cogitações. Crescia vertiginosamente o apêgo à criança. Eu teria, então, meus 40 anos, idade que um excêntrico disse ser o início da existência. Pura tolice. Entretanto, grande vigor parecia renovar as energias gastas nos trabalhos rudes do campo: cuidei de um jardim, em frente à casita, agora reparada; trabalhava dia e noite; o cenário era sempre festivo. Vivia exclusivamente para o bem de minha filha, não mais fui visto na venda do Torquato, tomando um trago "macho" de pinga de genipapo. Minhas fôrças como que se multiplicavam e a abundância invadiu o meu paiol, antes sempre vazio. Prosperei rapidamente, podendo, se quisesse, passar um ano sem trabalhar! Invejável era a exuberância de minhas terras! Às quintas-feiras, lançava à feira do Largo do Fundão, tôdas as mercadorias que minhas terras produziam de sobra. Tudo para o bem de minha bonequinha. Eu era muito feliz. As manhãs dominicais eram dedicadas à Igreja, onde íamos, eu e Belinha, junto de Deus a queria, sob sua proteção. Tornei-me um beato, acreditava em tudo, até em lobisomem! Fiz um negócio de madeiras com Anselmo dos Santos: empregamos dois "cabras" na derrubada das matas, ganhamos muito dinheiro, vendendo lenha a metro.

Por êsse tempo Padre Bento, um missionário Vicentino, inaugurou uma escola num barraco cedido por Domingos Batista, um fazendeiro para quem eu trabalhara, quando viera do garimpo de São João Del Rei, garôto ainda. Pensei em matricular-me na escola para aprender, eu era analfabeto (repugna-me esta palavra!); pensei por causa de Belinha, tudo o que eu pensava era por ela. Como poderia um pai viver sem saber ler? Como ensinaria eu as lições à minha filha? Padre Bento ficou muito satisfeito; dava-me até aulas individuais e dizia que eu "era o aluno mais aplicado". A abnegação de sua grande alma levou-me até às análises gramaticais e lógicas; forçava-me o raciocínio de lavrador bisonho exigindo que eu (parece incrível!) analisasse Camões e traduzisse Ovídio! E César, também. Falava-me em Divina Comédia, em Cícero e em Platão! Com paciência apostólica procurava desbaratar e eliminar meus provincialismos e solecismos (que hão de morrer comigo!) pondo em fuga o cassange inexpressivo do meu vocabulário plebeu. Mas aprendi, pouco, embora, e me senti mais forte, mais feliz. Já agora, Belinha, que completava 7 anos, poderia contar com o auxílio de seu pai. A afeição da menina por mim agigantava-se, desenvolvendo profundas raízes; eu era o seu Deus, ela o meu anjo. Dormia nos meus braços, despertava chamando por mim. Tudo era com o "paizinho". Sua tagarelisse soava aos meus ouvidos qual celeste harmonia. Minha filha era bela, sua graça realçada pela inocência, pelos meneios infantis, pelos olhos límpidos, traziam meu espírito embalado em suaves eflúvios de encantamento. Sempre fui um emotivo.

Um dia correu pelo lugar a notícia de que havia febre maligna pela cidade; o mal começara na zona meridional, com dois casos fatais. Enchi-me de susto e cuidados. Tornei-me a sombra da menina: em qualquer hiato de sua vivacidade eu descobria o início do mal. Fazia-lhe perguntas, investigava, examinava-a à noite, durante o sono. Uma dessas vêzes, ela abriu os olhos e, enlaçando-me o pescoço, disse sonolenta: — "Não tenho nada, paizinho". Entretanto, a nuvem negra do tifo se avolumava no Sul, ameaçando todo o povoado. Certo dia, ao regressar, não vi a garotinha sentada à porta da casa à minha espera, como de costume. Indizível sobresalto deixou-me gelado. Dia e noite o curare da angústia instilava-se em mim, arrebatando-me o resto de tranquilidade. Belinha estava acamada!... Corri à farmácia, falei a "seu" Francisco, pedi-lhe conselhos e remédios. Todo farmacêutico se crê meio médico. Não fui à lavoura durante três dias, a garôta sarou; estivera apenas resfriada.

Aos poucos minha filha foi alterando seus hábitos; já não me esperava mais à porta ao cair das tardes. A infância cedia lugar à puberdade no curso natural da existência. Belinha era moça feita. Nova preocupação surgiu com o primeiro namorado. De braços dados entravam na Igreja, quando o vi, a primeira vez. Examinei-o bem, depois: chamava-se Raul, não era do lugar, vivia na cidade e trabalhava num banco.

O casamento realizou-se meses depois; o noivo havia sido transferido para o Rio, onde iriam residir. Quando Padre Bento pronunciou o "Conjugo Vobis", pareceu-me um cúmplice do "roubo" de minha filha tão querida. A festa e as felicitações entorpeceram-me por momentos o coração. A felicidade de minha filha era a minha infelicidade, certamente. Mas... Depois do casamento, no dia seguinte, quando se foram e eu fiquei só com Marta, uma opressão impiedosa martirizava-me incessantemente. Belinha chorou muito, agarrada a mim, na hora da partida; a mãe, desde a vésepera cuidava dos doces e das lágrimas.

Triste coisa é um pai criar uma filha com imenso carinho para entregá-la depois a um homem estranho, que, de um momento breve para outro, será seu dono e senhor, anulando todos os sagrados direitos paternos!

Minha existência mergulhou num vazio enorme, como as sombras mergulham na noite. A felicidade era menor que a saudade, duas formações pungentes porque antagônicas nas suas relações afetivas em que esta derivava daquela; curioso paradoxo. A primeira, uma fogueira, a segunda um vulcão; uma um copo dágua, outra um oceano!.

A terra, minha grande amiga, deixou de produzir como dantes; meus animais viviam quase abandonados; o jardim florido começou a acabar; faltava-me alguma coisa, faltava tudo, faltava minha filha! No vasto pomar, antes tão fecundo e admirado, os frutos apodreciam, inúteis; um sol amarelo estiolava a plantação sequiosa e moribunda... O capim-gordura parecia gemer, quando tangido pela brisa do dilúculo...

Fôra-se a deusa do meu reino, o anjo das minhas noites tranquilas e do meu pequeno mundo!

Vieram as primeiras cartas. Que alegria, que contentamento! Eu escrevia uma carta por semana; algumas eram respondidas... Depois as cartas do Rio foram escasseando e, finalmente, o silêncio... Silêncio como o do cemitério em que se transformara meu lar, donde até a passarada matinal fugiu.

Procurei distrair-me; busquei amigos, debalde. Tudo era desconfortante, vago, estéril, vulgar. Deixei de auferir grandes lucros, desinteressado pelos negócios, alguns ótimos. A presença de minha filha, o supremo bem de sua meiguice, o bálsamo de suas carícias, cicatrizariam a ferida sangrenta que eu sufocava dentro do peito, assassinando-me...

Marta também sofria, suposto que menos, deixava transparecer um desgôsto e definhava dia a dia.

Depois de um espaço de catorze meses recebi um telegrama, no dia do meu aniversário. Tanto mal me fêz aquêle pedaço de papel! Seu laconismo, que revelava a desconsideração de minha filha, chocou-me até as lágrimas. Uma única palavra continha: "Felicidades". A assinatura abreviada indicava a pressa febricitante, a displicência com que fôra escrito o telegrama: "Bel".

A velhice confere ao homem um diploma de filosofia, ainda que êsse homem seja, como eu, um tabaréu, um agricultor bronco. Comecei a considerar: Como poderia minha filha proceder assim? Seria imposição do marido, que evitava relações com simples aldeões, incômodos aos granfinos? E o sangue, e a voz do meu sangue, que circulava nas veias de minha filha? Teria degenerado a ponto de esquecer seus pais? A vida tumultuosa da Capital poderia absorvê-la tanto? Seria maltratada pelo marido?

De qualquer modo aquêle homem fôra o demônio que entrara na família tão feliz que era a nossa. Por nada dêste mundo eu a esqueceria, ao contrário, todos os faustos seriam dispensados pelo prazer do seu convívio.

Uma tarde Marta sentiu-se mal; pediu-me, aflita, que chamasse o Padre Bento para a confissão, na manhã seguinte era um cadáver!

Comuniquei o fato a minha filha. A resposta foi breve e sêca: "Sentia muito" — dizia. Fiquei só, acabrunhado; a nostalgia contava, agora, com uma poderosa aliada: a solidão. Suportei ainda dois anos; havia sete que não via minha filha! Resolvi, então, ir à Capital visitar Belinha. Breve eu completaria 64 anos, era um velho alquebrado, não queria morrer com o pêso da saudade. Ultimamente julgava ouvir sua voz e seu riso. Abandonei tudo e parti.

Cheguei ao Rio, custou-me achar a residência, não conhecia a cidade. À noite dirigi-me a Ipanema, onde êles moravam num arranha-céu; trêmulo e comovido entrei no apartamento, quando a empregada abriu a porta.

Do lugar em que estava sentada, em tôrno da mesa, numa roda de amigos que jogavam, Belinha viu-me aparecer à porta. A custo pude reconhecê-la. Tocou no braço do marido e, sem a mínima surprêsa, sem a mais leve alegria, disse-lhe:

— Olhe o "velho" aí...

— Olá! — disse-me meu genro. — Entre... Alguma novidade?

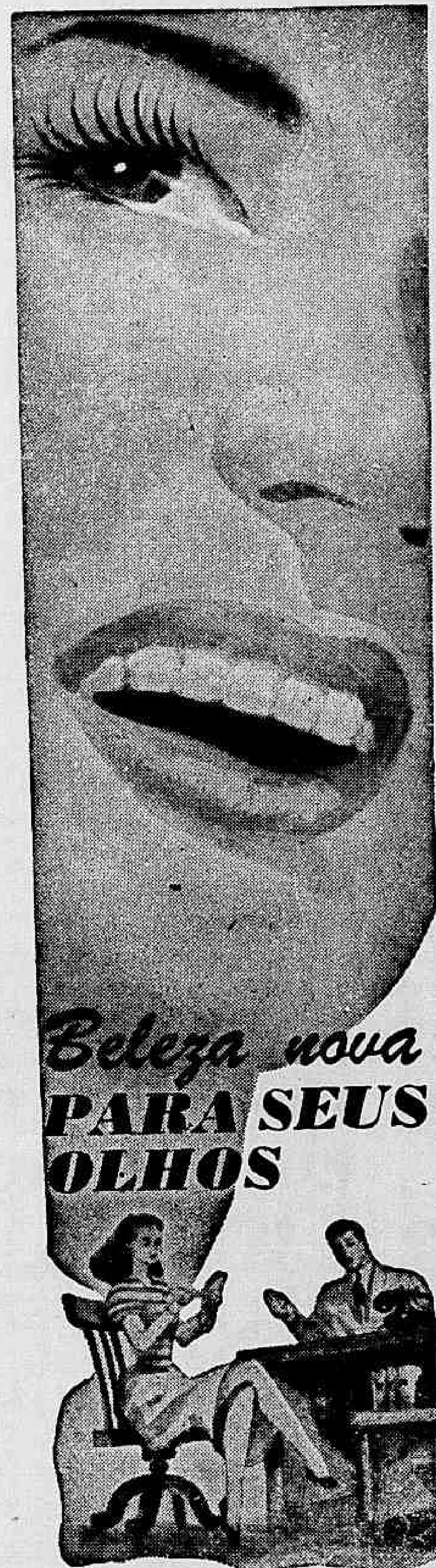
Não pude falar; Belinha, com os dedos cheios de grandes anéis, empunhava um baralho, tinha um cigarro à bôca, o que lhe dava certo ar de deboche; as unhas enormes, pintadas de vermelho como os lábios e as faces; o cabelo cortado curto cozinhado pelo aquecedor do cabeleireiro, cada caracol era um artifício... As sobrancelhas eram dois fios negros; as olheiras roxas muito se assemelhavam às das mulheres que eu conhecera, de madrugada, no fundo de certa churrascaria do Sul...

Em sete anos envelhecera quinze. Aquela era a minha filha!...

Somente a voz, aquela que embalava minhas tristes recordações, era a mesma. O álcool e as noitadas de vícios ainda não haviam atingido a melodia de sua voz. Aquela voz, sim, era a de minha antiga filhinha inocente, casta e formosa. Sôbre a mesa vi garrafas de licores, fichas, moedas, cigarros e cinzeiros. Charutos fumegantes saturavam os ares; respirava-se ali o ar sórdido das tabernas!

A empregada deu-me uma cadeira, onde me sentei perturbado. Após terminarem uma partida do jôgo que chamavam "Pif-Paf", Raul e Belinha levantaram-se e vieram falar-me. Belinha estendeu-me a mão que apertei; tudo friamente. Dois tipos da roda segredaram qualquer coisa sôbre minha roupa modesta. O olhar que lhes lancei, menos de censura que de co-





A beleza dos olhos define a vitória da mulher onde quer que ela esteja! Cilion embeleza os olhos escurecendo e recurvando os cílios e impedindo a formação de caspas e terçóis.

Prefira o TUBO GRANDE, rende mais e custa relativamente, muito menos.

CILION

embeleza e protege os olhos

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

"Minha Jangada de Bambu"

Renato de Alencar, o excelente prosador de maravilhoso poder de encantamento, sólida erudição e extraordinária capacidade criadora que todo o Brasil conhece, respeita e admira, desde muitos anos, através de uma dezena de apreciáveis obras, nas quais se plasmam, com inegável mestria, todos os gêneros de literatura em voga; através, outrossim, de sua permanente colaboração nos mais afamados órgãos da imprensa brasileira, particularmente da Capital da República, onde atua, como jornalista dos mais completos e mais valorosos, há justamente um quarto de século, e através, ainda, das ondas hertzianas, em que tem também irradiado o fulgor de sua trepidante intelectualidade; Renato de Alencar, dizíamos, vem de enriquecer o nosso patrimônio cultural com mais uma bela producão de seu exuberante engenho literário.

Referimo-nos ao romance que o fecundo escritor acaba de dar à estampa com o sugestivo nome de "MINHA JANGADA DE BAMBU".

E' um trabalho folclórico de grande atualidade e inegável fôrça de meditação. Assim o é, indiscutìvelmente, porque retrata aspectos interessantíssimos das condições sociais brasileiras, oriundas desta bronca mentalidade que ainda hoje predomina em tôdas as camadas, tal como à remota época em que se passa a história, e não apenas no interior, mas, sem sombra de dúvida, nas próprias capitais pretensamente adiantadas, vis-à-vis dos absurdos preconceitos que a sujugam e degradam.

★

Filólogo vitorioso, crítico eficientíssimo, cronista de escol, polemista incisivo, interiorista experimentado, sociólogo substancioso, e, ainda pedagogo consumado, é, sem nenhum favor, Renato de Alencar, uma destas miraculosas organizações cerebrais que zombam de todos os segredos da divina arte de criar e transmitir idéias porque trazem dentro de si mesmas a própria ciência de pensar e escrever.

Assim, por exemplo, quando põe em foco a memorável questão maçônica em confronto com a renitente incompreensão religiosa, que tão malèficamente se afirma em nossa tradição histórica. Sem descer a retaliações sectárias, antes, ao contrário disso, primando pela elevação dos argumentos, mantendo em todos os transes esta linha de elegância imprescindível ao êxito das demonstrações filosóficas, desnuda e pulveriza todos os vícios e prejuízos decorentes daquela incompreensão para o âmanho do caráter brasileiro donde se originam tôdas as baixezas que nos inibem de ombrear com os povos de civilização — já não diremos aprimorada, que nisto nem é bom pensar! — mediana. E melhor ainda: encaminha, com perfeita habilidade, o leitor para uma concepção justa da grandeza da Maçonaria a serviço do puro Cristianismo.

Aí, sim, têmo-lo completo, na posse daquele fulgurente dinamismo que nos impele a dizer, parafraseando um de seus eminentes críticos, o sábio antropologista professor Artur Ramos, do Instituto Nina Rodrigues, na Bahia:" Renato de Alencar é êle mesmo".

Enfim, com uma bonita capa colorida, devida ao gôsto artístico do desenhista José Aurélio, e uma feição material que justifica o crédito de que desfruta a Companhia Editora Americana, "MINHA JANGADA DE BAMBU" é uma obra cuja leitura, sôbre agradável, se impõe como proveitosa. E' que, além da originalidade do tema e do seu enrêdo sem complexidades enfadonhas, está tôda ela vasada dentro dos limites da mais rigorosa verossimilhança e enfeixa, nas suas duzentas e catorze páginas, conceitos absolutamente puros e construtivos.

A. de Medeiros Gualter
"Gazeta de Notícias", do Rio

"MINHA JANGADA DE BAMBU"

ESTA' A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL AO PREÇO DE CR$ 25,00, CADA EXEMPLAR

EDIDOS MEDIANTE VALE DO CORREIO OU PELO REEMBÔLSO POSTAL, A'

Cia. Editora Americana

RUA MARANGUAPE, 15 -- LAPA -- RIO

miseração, interrompeu-lhes o riso e o motêjo. Olhei bem o fundo dos olhos de minha filha e não mais os reconheci. Não me pediu a bênção!

Julguei compreender tudo: como a mariposa que a luz fascina e mata, a jovem provinciana perdera-se no abismo da grande cidade, juntamente com o estúpido marido. Em sete anos o espôso destruíra tôda a minha obra de vinte! As excitações dos prazeres estéreis, a vaidade, o luxo das multidões conglobadas, a vida febril dos grandes centros, ofuscaram o espírito da ingênua camponesa, perturbando-a e eliminando do seu coração os sacratíssimos sentimentos de pobreza!

Somente de leve tocou na falecida mãe! Como eu estranhasse a ausência de um filho, alegria do lar, pôs-se a rir, dizendo que "isso não mais se usava"! Repliquei que a mulher normal deseja um filho. Riram-se todos da "piada"... Depois, meu genro chamando a empregada, ordenou-lhe que preparasse "o quarto dos fundos" para eu dormir, pois iles iriam, naquela noite, assistir ao "show" do cassino, não poderiam faltar! A troçatina continuou, enquanto eu, tolhido pela surprêsa, despedi-me, pretextando um negócio urgente a tratar com um amigo, com quem pernoitaria e embarcaria na manhã seguinte.

Na rua pensei desfalecer, sucumbido. Estava, porém, atordoado. Seria um sonho? Que poderia eu fazer? Nada, nada, nada! Faltava-me a autoridade... Adiante parei: tive ímpetos de voltar ao apartamento para dizer àquele homem que êle estava cometendo um êrro monstruoso; que matara a minha flor silvestre; que aquela mulher me pertencia, eu era seu pai e ia levá-la comigo... Que aquilo não era um lar.

A minha filha eu lembraria as manhãs inundadas de sol, o contacto salutar com a natureza, a tranquilidade, a vida simples, as estradas enluaradas. Suplicaria, em nome de sua antiga inocência de criança, de seu pudor de moça, das virtudes que comigo cultivara, que me ouvisse. Perguntar-lhe-ia pela sua honra de mulher! Mas estava tão mudada... Rir-se-iam de mim, com certeza... Passei a noite num banco de jardim. Regressei abatido.

No dia seguinte procurei o Padre Bento na igreja, depois da missa. O bom velho procurava consolar-me:

— Tenha paciência, meu filho, o tempo se encarregará de tudo apagar de sua mágoa; confie em Deus.

— Não reverendo, o tempo não apaga tudo; com o correr dos dias as imagens confundem-se, esfumaçam-se no fundo dos anos; o cenário perde a forma, alguns pormenores escapam, mas a mágoa permanece, as cicatrizes doem, as cinzas queimam...

Tornava o bom velho a consolar-me. Entretanto, como eu insistisse em pedir-lhe a explicação de minhas dores, responsabilizando Deus, eu que sempre fôra um bom, um virtuoso, um justo, um crente, o clérigo olhou-me piedosamente, continuando:

— Ouça, meu irmão, o mal muitas vêzes só existe em nossa imaginação, é criação nossa, tudo na vida segue uma ordem natural. A certeza de uma coisa, às vêzes, é a coisa mais incerta. Por exemplo...

O confessor de Marta fêz pausa solene, colocou a mão encarquilhada sôbre meu ombro esquerdo e fitou-me demoradamente. Percebi que fazia grande esfôrço para concluir; sua mão tremeu ao terminar: — Por exemplo... você... meu filho, não pode assegurar... não tem certeza... que o sangue de Belinha seja realmente o seu... Não pensou ainda... pense nisso...

Disse e ficou olhando-me, olhando-me, como se seus olhos cansados quisessem completar a impressionante revelação... Beijou, depois, sua cruz e ainda, erguendo os olhos disse baixinho palavras que não pude ouvir.

Um raio de luz penetrou-me a mente, compreendi tudo: eu fôra miseravelmente enganado! Remontei àquela noite de temporal e vi Moacir, o ex-namorado de Marta, sob meu alpendre. Não fora a chuva que o levara ali... Estava explicado o sumiço do rapaz do povoado, depois disso. Fizera-me de instrumento. De minha boa fé de trabalhador incauto tiraram infame proveito, envenenando-me a velhice. Estava tudo perdido, para sempre!

O último golpe fôra brutal, cru, inesperado. Como cantochão de além-túmulo, soou aos meus ouvidos o refrão de Filomeno, naquela longínqua "Folia de Reis": "O coração da mulher é ninho de cascavel..."

Grossas lágrimas invadiram-me os olhos, lentamente apoiei a fronte cansada sôbre as veneradas mãos do velho pastor e, desiludido, humilhado, chorei, chorei, chorei... de indignação e de vergonha.

TORMENTA

(Cont. do número anterior)

O eng. escorou-a e novo atrito produziu-se entre êles. Como da experiência passada, êle assustou-se com a resistência da mulher e pediu-lhe que se aquietasse. Ela, porém, continuou resistindo, e súbito levou a mão à bôca, reprimindo um grito, e imobilizou-se como se a alma se lhe tivesse fugido; gelou-se-lhe o sangue e tôda ela era uma representação viva do pavor. Quêdo e rijo, com os braços caídos ao longo do corpo, de olhar pregado no engenheiro, Jerônimo ali estava a poucos passos. O incauto moço distanciou-se da mulher mas persistiu em ali ficar na esperança talvez de uma explicação conciliadora. Qual um touro ferido e no auge da agressividade selvagem, Jerônimo partiu sôbre o inimigo. Um grito lancinante ecoou pelo morro em fora, e de pronto reboou o choque surdo de dois corpos em desvairado combate.

— Acooode, gente!... Acooode!...

Um tropel convergiu do morro em várias direções e homens e mulheres despontaram de todos os lados aos gritos e exclamações. Como um raio, Amâncio precipitou-se sôbre os dois contendores mas não os pôde separar sem a ajuda de outros companheiros que o seguiram. Jerônimo era um vulcão. A custo foi arrastado por vários braços vigorosos, enquanto sua vítima — pois assim o caracteriza o desolador aspecto do engenheiro — caía simplesmente exânime, sangrento e esfarrapado. As mulheres, apavoradas, imprecavam ao céu e iam e vinham sem saber se acudiam Marciana ou se apaziguavam os homens. A pobre cabocla, esvaindo-se em lágrimas e prêsa de uma irreprimível tensão nervosa, invocava santos e rogava que acalmassem o marido. Êste, finalmente contido pelos companheiros, limpou-se e correu ao encontro da mulher que lhe caiu nos braços.

Já haviam descido com o engenheiro por ordem de Amâncio.

— Segurem o Jerônimo aí até o outro sair — instruiu êle aos camaradas Rodearam o casal e trataram de consolar a cabocla, que se rendia agora à fadiga de um longo recalcamento nervoso. Minutos depois retomaram o caminho da fazenda. E estava acabado o dia. Nunca, porém, a casinha da campina respirou tanta solidariedade; nunca os dois caboclos imaginaram-se tão queridos. Até a noitinha foi um entrar e sair sem conta. Depois Marciana sentou-se na cadeira de balanço para remendar roupa. Mundico folheava revistas velhas no chão. Jerônimo pitava. Súbito rompeu pela casa um cachorro.

— Olhe, é o Amâncio — anunciou a cabocla.

— Êle mesmo, está na hora.

O negro apareceu.

— Ei, gente!

— Epa!

Sentou-se junto de Jerônimo e espichou as pernas.

— Como vai tudo lá? — perguntou Jerônimo.

— Uai, como havia?

Amâncio relanceou o olhar pela mulher e o amigo e concluiu:

— O homem azulou!

RELÊVO

REVISTA MENSAL PUBLICADA NA IMPRENSA BRAILLE DA FUNDAÇÃO PARA O LIVRO DO CEGO NO BRASIL. APRESENTAÇÃO POR DORINA MONTEIRO DE GOUVÊA — VICE-PRESIDENTE

Os fatos que se relacionam com a existência das coisas muito se assemelham aos que dizem respeito às criaturas. Certas pessoas há cuja marcante personalidade dispensa qualquer apresentação protocolar onde se desperdiçam palavras que, apesar de ricas na forma, o são vazias de sentido. Aqui nos encontramos na delicada situação de introduzir, não uma pessoa, mas alguma coisa que falará por si mesma pelos anos em fora procurando satisfazer ao anseio já secular de todos aquêles que se utilizam do sistema Braille.

"Relêvo" não é uma revista especializada para cegos; é um órgão de difusão cultural, que transcreve em caracteres Braille artigos publicados em revistas e jornais de todo o país, assim como colaborações inéditas. Dessa maneira, a nova revista se propõe a informar seus leitores sôbre o que vai pelo mundo, no que diz respeito à ciência, artes, esportes, religião, cinema e educação, contando ainda com uma parte dedicada às crianças, uma página feminina e o resumo de um livro.

Tôda a imprensa brasileira prontificou-se a ceder seus artigos e notícias para que os mesmos fôssem transcritos nessa revista.

Sua direção está confiada a Adelaide Reis de Magalhães, presidente da Fundação para o Livro do Cego no Brasil, cujo interêsse pelo que concerne à literatura no sistema Braille já é de todos conhecido.

A revista é impressa pelo Departamento de Imprensa Braille dessa mesma Fundação, tendo como superintendente Regina Pirajá da Silva, autora da "Pauta Braille para Videntes", especializada na confecção de livros em relêvo nos Estados Unidos da América do Norte e que de há muito vem se dedicando a êste trabalho de tão grande alcance social.

A publicação de "Relêvo" só se fêz possível graças à instalação do Departamento de Imprensa Braille desta Fundação em local cedido e adaptado pela Prefeitura Municipal.

Todo o equipamento necessário à montagem da imprensa, que é de incalculável valor, foi doado à Fundação durante uma viagem de estudos feita por alguns de seus membros à América do Norte. Duas grandes organizações do país amigo concorreram para a aquisição do precioso maquinario.

VIVER COM AMOR

(Cont. da pág. 54)

Tom lhe respondeu a rir:

— Não seja esta a dúvida. Vou apresentá-lo agora mesma a você.

A seguir, Ian perguntou:

— E Bill, onde anda?

— Êle saiu mas não tarda. Deverá estar aqui em poucos momentos.

Enquanto os homens conversavam sôbre pescarias e seus episódios, Freda viu Bill a chegar com algumas garrafas nas mãos.

Era aquêle mesmo homem esbelto, simpático, bem vestido.

Para os olhos observadores de Freda, Bill começava a sentir saudades de Carol. Apresentava alguns fios brancos nas têmporas e sua fisionomia não era a mesma de velhos tempos.

Ao ver Ian, não conteve exclamações de alegria. Libertando-se das garrafas, abraçou com efusão o velho amigo de tantos anos e, ao dar com os olhos em Freda não se conteve:

— Deus! Que vejo! Como me alegro em vê-los aqui! Que milagre foi êste, ó vovô? — perguntou pilheriando a Ian.

A palestra se generalizou. Muitas poltronas foram espalhadas sôbre o "deck". Freda parecia relembrar os velhos tempos em que Carol fazia parte dessas reuniões familiares, espalhando por todo o ambiente a beleza de seus encantos femininos e de sua palestra agradável. Mas, de certo, Freda não odiava Bill pelo que aconteceu. São coisas da vida.

Vieram à baile notícias da guerra e a conversa se dirigiu para êsse lado. Depois, para pescarias e negócios. Thelma falou a respeito de sua recente estada em Long Island, onde se demorou por várias semanas.

Capítulo XVII

PERIGOSA HOSTILIDADE

O grupo formado por Freda, Thelma e Evelyn parecia muito homogêneo; mas, na verdade, enquanto Freda conversava com Thelma animadamente, Evelyn se conservava silenciosa a olhar as duas, fumando calmamente seu cigarro sem perder um palavra.

Aparentemente estavam tôdas muito contentes; mas, em verdade, Thelma não suportava nenhuma delas, e, por sua vez, Freda não tragava a espôsa de Tom. Evelyn parecia gozar com o espetáculo. Mas tôdas elas guardavam a maior discrição quanto aos seus íntimos pensamentos. Em dado momento, tirando Freda uma baforada de seu cigarro perguntou a Evelyn:

— Esteve você e Bill fora de Clinton êste verão?

— Sim — disse ela preguiçosamente.

— Estivemos em Long Island. Passamos lindos dias.

— Oh! — disse Freda quase inconscientemente. — Então você e Bill estiveram lá juntamente com Tom e Thelma.

— Não — apressou-se a dizer Evelyn.

— Não estivemos juntos. Não vi nem conheci nenhum dos amigos de Thelma lá.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

Mulher, LENDA E PERFUME

UM PRECURSOR



Desenho encontrado num manuscrito árabe antiquíssimo, e no qual se vê o alambique inventado por Avicena

Foi Avicena (Abou-Ali-al-Hosem-ibn) um célebre médico e filósofo árabe, nascido no ano 980 de nossa era. Menino precoce, aos dez anos recitava de memória o Alcorão e conhecia Direito muçulmano como gente grande. Bem depressa enveredou sozinho pelo estudo das Matemáticas, da Medicina e da Filosofia. Aos dezessete anos receitava doentes e obtinha curas verdadeiramente milagrosas para a época. Escreveu livros notáveis, sendo os mais importantes o "Canon da Medicina", que traduzido para o latim obteve renome universal; e o "Ach-Chafa (enciclopédia das ciências filosóficas).

Devem as mulheres àquele sábio a invenção da água-de-rosas, pois foi Avicena quem pela primeira vez teve a idéia de ferver pétalas da rosa centifólia num recipiente de gargalo recurvo. Parece ter sido êsse o mais primitivo alambique de que se tem notícia.

O uso daquela água cheirosa se espalhou rapidamente entre os árabes, que obsequiavam os hóspedes com os seus borrifos perfumados, feitos por meio de uma garrafa de gargalo comprido, a que davam o nome de **gulabdan**. Pode-se mesmo dizer que êsse costume se transformou numa espécie de instituição, entre aquêle povo. Ricos e pobres se sentiam na obrigação de perfumar suas visitas, sendo que na casa dos endinheirados o **gulabdan** era de ouro ou prata cinzelada, e na dos pobres, de porcelana ou de vidro.



O gulabdan e o queimador de perfumes usados pelos árabes para impregnar do cheiro de rosas a roupa de suas visitas

No século XII generalizara-se o uso de empregar a água-de-rosa como preito de homenagem. O sultão Saladino, ao ocupar Jerusalém numa de suas guerras de conquista, mandou lavar com êsse perfume o interior da mesquita de Omar, lugar célebre de peregrinação entre os muçulmanos, que tem paredes de mármore branco e telhado de porcelana colorida.

Avicena será sempre lembrado, entre os homens, como escritor, médico e filósofo.

Entre as mulheres, porém, seu maior merecimento é ter sido o inventor da água-de-rosas...

Nota — Os dados de tôdas estas crônicas são obtidos em livros de autorizados historiadores. A qualquer momento poderemos mencionar as fontes de onde foram retirados. A fantasia entra aqui apenas na maneira de apresentar os assuntos.

Ignez Mariz

E o frasco do LEITE DE ROSAS, como outrora o "gulabdan" está, hoje, em todos os lugares onde se cultua a beleza, a elegância e o bom gôsto. LEITE DE ROSAS, tendo no próprio nome a lembrança da beleza, a sugestão do perfume e do encanto das rosas, constitui, em nossa época, a maior homenagem que se pode prestar à delicada alma feminina.

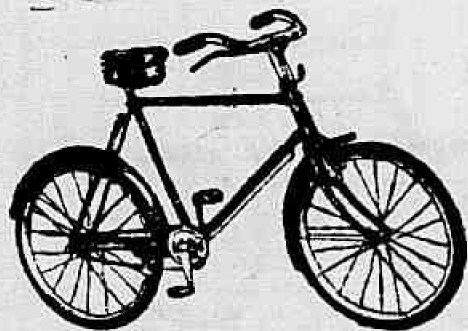


SÃO LUIZ GONZAGA 619
TELEFONE: 48-7660 ★ RIO

Pasta Dentifrícia S.S.WHITE

O DENTIFRICIO INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

BICICLETAS



de tôdas as marcas

À VISTA E À PRAZO

desde Cr$ 150,00 mensais

MÁQUINAS DE COSTURA

desde Cr$ 250,00 mensais

RÁDIOS, ENCERADEIRAS

FAZEM-SE TROCAS

À vista pelo

REEMBOLSO POSTAL

RUA BUENOS AIRES, 184 — 1º

TELEFONE: 43-7954 — RIO

Publicidade para a

REVISTA DA SEMANA

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613, 2.º

andar - Sala 217 - Fone: 6-6718

CASPA!. CABELOS BRANCOS!

use LOÇÃO XAMBÚ

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM À SUA CÔR NATURAL. ELIMINA A CASPA - EXITO GARANTIDO.

LABORATÓRIO — Rua Souza Dantas nº 23

Pedidos pelo Reembolso Postal — Rio de Janeiro

COSME E DAMIÃO — OS DOIS, DOIS

(Cont. da pág. 10)

é necessário desculpar... Quem vai reparar em traquinadas de crianças. E ainda mais se essas crianças são dois santos!

Seja como fôr, o que não se pode negar é que Cosme e Damião dominam grandes massas de população da mais alta classe à mais modesta dos longínquos subúrbios.

Durante o ano lhes são feitas promessas e não é raro vermos nos jornais publicações como esta: "A São Cosme e São Damião agradeço a graça alcançada."

Quando chega o dia 27 de setembro os seus altares se enfeitam, luzes se acendem, velas queimam silenciosamente como prova de agradecimento, promessas cumpridas pelos devedores de graças.

Crianças mais abastadas exibem seus vestidos de anjo, as asas brancas erguidas acompanhando as procissões e velando nas igrejas diante dos santos mártires.

Os adultos, velhos de ambos os sexos, se ajoelham e rezam contritos, enquanto o sacerdote e seu acólito espalham o cheiroso incenso nos altares dos dois "meninos".

Dia de festa, de esperanças, de promessas pagas e outras feitas que vão esperar um ano...

Nos "terreiros" os adeptos do espiritismo não ficam atrás e erguem preces e cânticos a Cosme e Damião, invocando-lhes os nomes ungidos de graça.

E assim vai a humanidade cheia de fé, cheia de esperança, procurando mitigar seus sofrimentos, apelando para os santos, para aquêles que também já sofreram injustiças, tormentos, cárceres e suplício.

Cosme e Damião passaram a vida a fazer o bem. Desprezavam o dinheiro, curavam os enfermos de graça, amparavam os nobres sem esperar recompensas, não eram inimigos do Estado e sim da miséria.

Tôda a Síria os conheceu e chorou sua morte trágica. Com a vitória do cristianismo, o nome deles passou a figurar nos cânones da Igreja, na fachada das Universidades, nos portais das Escolas de Cirurgia.

— Reis, Imperadores, Papas, todos lhe reverenciaram a memória imortal. O povo lhe dirige preces e oferendas. A memória dos seus carrascos ficou anatematizada pela consciência humana. Os mártires erguidos aos fulgores da maior glória: a do céu e a da terra. Entre Deus e os homens.

Unidos nasceram e viveram na terra. Unidos e gêmeos permanecem entre os cristãos.

UMA DATA ESQUECIDA

(Cont. da pág. 5)

iniciou o movimento a bordo do "Aquidabã", famosa nave de nossa Marinha de Guerra.

Com a flâmula da rebelião içada em seu mastro, teve imediatamente a adesão de quinze navios, e, se um couraçado derrubara Deodoro, estava claro que tôda a esquadra não teria dificuldade em depor Floriano. A revolução alastrou-se. Floriano resistiu com incrível firmeza, sem temor nem a dar crédito a boatos.

O almirante Saldanha, somente três meses depois adere à revolução anti-florianista. Algumas fortalezas o imitam. O Rio ferve de emoção. O Exército se mantém ao lado do Presidente. Os governadores apoiam o Marechal. Canhões da Armada bombardeiam o Rio sem nenhum proveito. O povo foge para os mais longínquos subúrbios.

A insurreição lavra em todos os Estados do Sul e é terrível a luta fratricida. Marcha-se sôbre São Paulo, sôbre o Paraná, caem praças de guerra, ocupa-se Santa Catarina. No Rio, porém, a revolução fracassa. Forma-se uma esquadra governista, organiza-se a resistência nos Estados do Sul, e a 10 de agôsto de 1894, termina a revolução com os últimos tiros no planalto de Carovy.

Foi durante o desenrolar da revolta que recebeu Floriano Peixoto o batismo popular de Marechal de Ferro e se agigantou no espírito público com aquela resposta ao embaixador inglês: a bala!

PARA A SAÚDE E A BELEZA DOS SEUS CABELOS!



LOÇÃO TÔNICA MAC BIR

Um Produto Cientificamente Preparado

A LOÇÃO TÔNICA MAC BIR é o mais poderoso revitalizador capilar. Medicinal à base de vegetais, seu uso constante é uma *garantia de saúde* para o couro cabeludo, eliminando a caspa e a seborréia, evitando e detendo o *embranquecimento* e a queda dos cabelos!



A venda nas boas farmácias, drogarias e perfumarias — Preço Cr$ 35,00

Atendemos também pelo Reembôlso Postal

1 vidro Cr$ 40,00 - 3 vidros Cr$ 100,00

6 vidros Cr$ 192,00 - Livre de porte

Pedidos à

CAIXA POSTAL 4.272 - RIO - D. F.

Metrolina

antisséptico adstringente bactericida

O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.

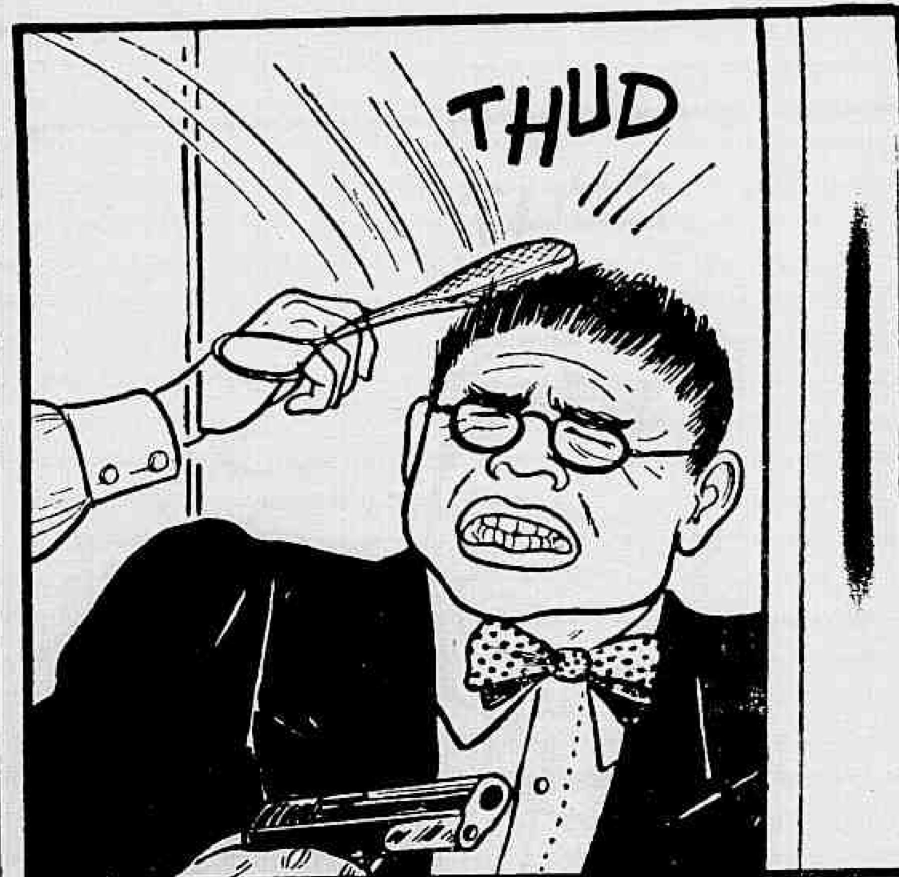
Nº 26

A MULHER SCARLET INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM







SCARLET DERRUBA O CARNICEIRO. LOGO DEPOIS, CHEGA O SARGENTO KELLY... SCARLET TORNA-SE VISIVEL.

















Viver com AMOR

Fim do cap. XV

Nos dias que se passaram continuou Carol a sair em companhia de Cornelius, pagando êste tôdas as despesas e oferecendo-lhe presentes, cumulando-a com cortesias.

Procurava êle ser agradável. Contava-lhe anedotas, coisas desta vida, com a persistente intenção de manter a amiguinha em permanente bom humor.

Cornelius Weger era divertido e alegre. Mas a divorciada cada vez se convencia mais de que êles não haviam nascido um para o outro. Seu feitio era diferente do de Carol e ela achou conveniente ser-lhe franca.

— Nós não combinamos, Cornelius. O amigo é um industrial e tem talento criador. Mas há entre nossos sentimentos e formas de interpretar o mundo muita diferença, especialmente em relação ao comportamento da mocidade.

Carol se estendeu em considerações de natureza filosófica, fazendo paralelos entre o trabalho de ontem e o de hoje, com o poder produtivo das máquinas, a forma de trabalho entre as massas, a necessidade de ganhar-se dinheiro com independência.

— Você está precisando de dinheiro, Carol? — perguntou êle vivamente impressionado.

— Não. Eu não preciso de dinheiro. Preciso é de um emprêgo. Uma mulher que perde seu marido perde também seu emprêgo. Estou disposta a encontrar trabalho remunerado, um emprêgo digno. Apenas pelo fato de o meu ex-marido ter sido generoso para comigo devo eu manter-me inútil, sem trabalhar? Não quero dizer que esteja em situação de necessidades. Não desejo procurar emprêgo por falta de recursos para viver. Se tal houvesse, eu diminuiria meu nível de vida imediatamente.

Entre os dois o que havia de mais chocante era a diferença de idade. E isso, por mais de uma vez causou certo vexame a ambos.

Certa vez, depois que saíram do teatro, foram a um restaurante jantar. A uma mesa mais adiante, estava sentado um jovem que não deixava de olhar para Carol. Em certo instante êle dirigiu a Carol ligeiro cumprimento e um sorriso amável. Não satisfeito, mandou pelo garçon um bilhetinho inocente e delicado.

Cornelius ficou um tanto incomodado e sentiu que o sangue lhe subia às faces. Achou melhor saírem imediatamente.

Um dia mais tarde, depois de passeios foram ao teatro apreciar deliciosa peça, uma comédia de sabor doméstico e divertida. O ambiente não era rico. Ao contrário, parecia modesto. Estavam em junho e a noite era chuvosa.

— Penso que será esta a última noite que passamos juntos — disse Carol. — Estou com vontade de voltar amanhã pela manhã para minha casa em Clinton.

— Quer voltar? — exclamou Weger admirado. — Como vai fazer isso, Carol? Não está gostando de minha companhia?

— Oh! Passei dias magníficos! Mas... Não somente quanto a mim, mas quanto a você, Cornelius... Acho que também já é tempo de retomar seus trabalhos.

O modo de falar de Carol dava a impressão de que estava a dar conselhos, cautelosamente a alguma criança que estivesse a seus cuidados.

— Eu não tenho nenhuma razão ou motivo imperioso para regressar agora para minha casa — retorquiu êle com voz firme. Como você sabe, considero-me aposentado, sozinho. Minha filha, Betty, está por aí a visitar amigos, que os tem de sobra... — e com maior vigor: — Olhe, Carol... eu... eu.. desejo casar-me com você!

Parece que a sensibilidade de Carol estava já imune de choques dessa natureza, desde que sofreu ela aquêle de Bill, no mês de novembro, quando do seu divórcio. Diante da declaração de Weger ela não sentiu impressão nenhuma. Apenas começou a procurar no íntimo de seu ânimo umas razões ponderáveis para recusar aquêle oferecimento de matrimônio.

Antes de ela falar, Weger prosseguiu, pegando-lhe uma das mãos, apaixonadamente:

— Carol, eu preciso casar-me novamente. Não me julgue um velho. Eu ainda... Estou ainda... Preciso desposar uma pesoa como você, Carol. Uma mulher com a qual me sinta orgulhoso e feliz; uma jovem que me queira, não pelo meu dinheiro, mas pela amizade que nos venha unir. Sou uma pessoa de importância, Carol. Não há portas que não se abram para mim. Possuo as melhores casas em Detroit, disponho da melhor e mais fina sociedade, dos mais importantes amigos. Possuo ainda Betty, mas ela vai casar-se. Poderei dar-lhe, Carol, tudo o que você desejar, fazê-la muito feliz.

— Mas, Cornelius, eu nada lhe posso dar.

— Você me dará tudo, Carol! Dará a minha felicidade! Serei bom para você. Fui um bom marido para minha primeira mulher. Dei-lhe o que ela poderia desejar: fidelidade. Seremos felizes. Logo que a guerra terminar, viajaremos, divertiremos, gozaremos. Creia que era você a única mulher naquele cruzeiro turístico que me inspirou o desejo de casar-me novamente. Foi você a única mulher que me atraiu a atenção e a quem desejei sinceramente conhecer. A primeira vez que a vi, também fiquei, pela vez primeira, sem poder dormir na noite seguinte...

Capítulo XVI

EVELYN E BILL

Subitamente sentiu Carol que as lágrimas lhe irrompiam infrenes nos olhos.

— Sinto muito... Nunca imaginei isso... — disse ela.

— Não foi culpa sua, Carol. Nada me fêz você que me magoasse. A culpa foi minha. Apaixonei-me por você...

Depois de ligeira pausa, continuou êle:

— Não quero reformar qualquer sentimento que você tenha para comigo. Reconheço que fiz mal em dizer-lhe estas coisas. Não passo de um velho maluco... Mas, creia, quando você me disse que ia regressar para sua casa, fiquei atordoado. Nunca me senti mais feliz do que nestes dias em que passámos juntos. Desde a morte de minha espôsa ainda não havia passado tão belos dias. Costumávamos vir a Nova York e aqui passeávamos por tôda parte. Depois que ela se foi para sempre, voltei a esta cidade e aqui encontrava jovens... Mas, tôdas elas apenas faziam festas ao meu dinheiro. Você, Carol, você não é assim. Você é uma Lady, uma mulher digna. Preciso casar-me com você Carol. Entretanto, se acha que deve pensar no assunto por mais algum tempo...

Carol estava aturdida. Não havia dúvida que êle era um homem correto, leal, honesto, sincero. Entre os dois havia grande diferença de idade. Êle com sessenta; ela com vinte e seis... Mas, ao que estava provado, Weger achava que, apesar disso, seriam felizes. Carol pensava, porém, nas más consequências dessa união. Aquêle episódio do restaurante com o bilhetinho infantil que lhe mandou o rapaz desconhecido, era uma advertência. Cornelius deveria arder em ciúmes se o fato viesse a repetir-se quando estivessem casados. Além disso, fazia consigo mesma esta pergunta: — Que pensar a meu respeito quando houver a suposição de que eu só me casei com o velho por causa de seus milhões?". Entretanto, por outro lado ela começou a raciocinar sôbre os efeitos de sua posição em Clinton, como a mulher mais rica da cidade, quando se tornasse Mrs. Cornelius Weger! Que repercussão espantosa junto a Bill e a Evelyn! Carol chegou a sorrir diante dêsses pensamentos íntimos.

Weger tornou a insistir:

— Não desejo ouvir um "não" de sua bôca. Confio em você, Carol. Quem sabe se não seria interessante você ir comigo a Detroit e ver minha casa e conhecer Betty? Estou certo de que ela muito gostaria de você. Não seria do seu agrado que eu me casasse com uma qualquer; mas, com você...

— Posso deixar as coisas como estão neste momento?

— Você não está obrigada a dar-me qualquer esperança.

Carol parecia estar decidida a acabar com aquela conversa. Agasalhou-se no "manteau" e falou:

— Verdadeiramente, eu não posso dar-lhe nenhuma esperança. Nada sei a respeito de divórcio a não ser o meu próprio caso. Mas, ao que me toca, bem sei o que se tem passado comigo. Não posso dar-lhe nenhuma esperança, Cornelius. Vou seguir o meu caminho. Voltarei para minha casa e procurarei um emprêgo.

— Mas... se você vier a precisar de alguma coisa me comunicará? Escrever-me-á, não é assim?

— Sim, com certeza. E agora, vamonos, por favor.

A caminho do hotel êle estava muito obsequioso. Ao chegarem, êle a levou ao elevador e lhe disse com muito carinho.

— Você está linda, fascinante, Carol. Aguardarei alguma notícia sua. Deu-me nestes dias muita felicidade. Sinto-me feliz!

— Muito agradecida. Isto muito me alegra.

Já prestes a subir para seus aposentos, Weger tomou-lhe as mãos e beijou-lhe a ponta dos dedos.

O elevador foi levá-la ao andar em que estava seu apartamento, e, pela última vez, ela lhe dirigiu um olhar através da grade. E lá se ficou ainda por uns momentos aquêle homem de baixa estatura, meio gorducho, de cabelos grisalhos e olhos castanhos luminosos, a dirigir um sorriso à sua deusa fugidia...

Mais tarde, já recolhida ao leito e em meio à obscuridade ela pensava: — O primeiro que me apareceu depois do meu divórcio, foi Clive; o segundo é Scott, amigo de Bill; o terceiro é idoso e muito rico; haverá um quarto? Ou deverei escolher um dentre os três? Entre êstes há tanta diferença de um para o outro como o dia com a noite. Mas todos os meus pensamentos se aniquilam quando julgo ainda ouvir o ressonar de Bill na outra cama... O pensamento de Carol continuava a martirizá-la mantendo no seu espírito a imagem do ex-espôso.

Os dias feriados nacionais quando coincidiam com a primavera ou o verão, eram sempre comemorados com muita alegria e movimentação no Yacht Club de Clinton. Desde a sexta-feira que para ali seguiam muitas famílias, especialmente as que possuíam barcos como sucedia com Ian e Freda.

Êsse casal passava dias a bordo do seu iate, tendo apenas um cozinheiro negro como companheiro de bordo. Pescavam e velejavam alegremente por tôda aquela redondeza.

Em dado momento ouviram gritar-lhe:

— Ian! Freda! Hei! Venham juntar-se conosco!

As águas estavam cheias de barcos de vários tipos. Todo mundo se divertia naquele feriado em homenagem ao Dia do Trabalho.

Olharam. Era Tom Purnell, o chefe de Bill que os convidava. Dizia que tinham muito peixe e que iam oferecer um almôço de pescado.

Tom era conhecido de Ian desde muito tempo. Já era um homem de meia idade quando se casou em Nova York com uma jovem modêlo. Essa moça era muito cheia de voluntariedades e, por isso, Freda raramente a via. Diziam ser irritante e agressiva. Freda não desgostava de Thelma; porém, não se viam com frequência.

Freda e Ian pularam para o barco de Tom. Êste os recebeu afavelmente e Thelma apareceu trajando uma roupa apropriada para o meio, com todo o seu porte de superioridade afetada.

Tom, com aquêle vozeirão forte e leal, saudou-os e abraçou o amigo, ordenando ao criado que servisse mais alguns copos.

Thelma interveio:

— Folgo muito em vê-los! Venham descansar um pouco. Conhecem Evelyn Sturtevant?

Na verdade a espôsa de Bill estava ali também. Muito bem vestida, as unhas vermelhas e brilhantes.

Evelyn sorriu quando foi apresentada a Freda e disse a sorrir:

— Já fui apresentada a Mrs. Kelly, mas não ao seu espôso.

(Cont. na pág. 51)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Carol Sturtevant, jovem divorciada, empreende uma viagem de turismo para esquecer o passado. Faz a bordo várias amizades e, já de volta, no pôrto de Havana, entra no círculo de suas relações o engenheiro Clive Holdridge, que a convida para jantar, dançar, irem juntos ao cinema. Ela, porém, aceita apenas o jantar e os aperitivos no bar. Depois de ter chegado a Nova York é convidada por Clive para jantar em sua companhia e se declara apaixonado por ela. Depois de sua excursão, volta Carol à cidadezinha de Clinton, sendo recebida entre abraços por sua amiga Freda, que lhe arranja apartamento. Carol deseja muito conhecer Evelyn, a nova espôsa de seu ex-marido, Bill, e sabe que ela está hospedada com êle no Hotel Beaumont. Em Clinton, Carol é cercada de tôdas as considerações por parte de sua amiga Freda, espôsa de Ian Kelly. Tendo sido convidada para jantar numa roda de amigos no clube, Carol tinha apenas receio de que Bill e Evelyn tivessem naquela noite o mesmo pensamento e os três se fôssem encontrar naquele meio social. Tendo comparecido em companhia de seus amigos à reunião do Clube, Carol se sentiu profundamente perturbada com a presença ali de Bill e da espôsa dêste, Evelyn. Procurando resumir sua visita àquele meio, pediu para retirar-se, sendo acompanhada até ao seu apartamento por Scott, de quem se despediu à porta, pedindo-lhe desculpas por lhe não ser conveniente convidá-lo para subir. Já não bastando a Carol os cortejos de Scott, um dia chega à estação ferroviária da cidade o impertinente Clive, que lhe telefona pedindo um encontro na própria estação. Carol comparece e fica surpreendida quando o seu ex-companheiro de turismo lhe propõe uma união extra-legal. As confidências que Carol fazia junto à sua amiga Freda cada vez mais provavam que esta parecia pender para os lados de Clive procurando influenciar no espírito de Carol um esquecimento a respeito das pretensões de Scott

★ ★ ★ ★ ★ ROMANCE DE MARGARET G. NICHOLS ★ ★ ★ ★ ★

O Instituto Nacional do Mate, em prosseguimento à sua patriótica campanha em propaganda do mate, vem de instalar no Palácio Guanabara, sede do Govêrno Municipal, mais um pôsto de distribuição da deliciosa bebida, com capacidade para atender folgadamente a todo o funcionalismo daquele importante órgão governamental. Estiveram presentes ao ato inaugural o general Ângelo Mendes de Morais, prefeito do Distrito Federal, os srs. Jair Negrão de Lima, Francisco Negrão de Lima, coronel Gilberto Marinho, Marques Pôrto, Clóvis Monteiro, Samuel Libânio, Amandino Ferreira de Carvalho, dr. Romero Estelita, funcionários e convidados.

Na ocasião em que era inaugurado o novo pôsto, usou da palavra o presidente do Instituto do Mate, o dr. Generoso Ponce Filho, que, em breves palavras, expôs o alto significado de que se revestia a solenidade. Acentuou ainda a importância do uso do mate, que, além de ser um refrigerante insuperável, é saudável pelos benefícios que trazem ao consumidor suas virtudes tônicas, estimulantes e nutritivas. Por fim, referindo-se ao trabalho contínuo que sua autarquia vem desenvolvendo no sentido de maior propagação do uso do mate no Brasil, citou como exemplos a seguir a aceitação que teve a preciosa bebida na Argentina, Uruguai e Chile, que tão logo distinguiram na famosa "Ilex paraguaiensis" suas importantes qualidades refrigerantes e revigorantes.

Em seguida, o general Ângelo Mendes de Morais, também em breve discurso, declarou ser um grande entusiasta do mate, tendo frisado que, quando de sua estada na Europa a serviço do Govêrno, foi um incansável propagandista da bebida e que imensa ainda foi a sua satisfação ao verificar a aceitação que o nosso mate ia conquistando. Acentuou mais o prefeito da cidade que no tocante à conquista de novos mercados o trabalho do Instituto do Mate merecia todo apoio, pois se tratava de uma campanha patriótica, tendo, ao encerrar sua oração, declarado que, em virtude dos grandes benefícios que a maior propagação do consumo do mate trará ao Brasil, encontrará nele aquela autarquia tôda simpatia e colaboração nos seus trabalhos de propaganda, pois vê no mate um benefício à saúde do povo, e na sua exportação um ótimo veículo de propaganda do Brasil no estrangeiro.



O prefeito general Angelo Mendes de Morais, também grande entusiasta do mate, tomando um copo da deliciosa bebida

O MATE NO PALÁCIO GUANABARA



À ESQUERDA — Flagrante colhido quando falava o general Angelo Mendes de Morais, vendo-se ainda os srs. Amandino Ferreira de Carvalho, coronel Adir Guimarães, representante do Govêrno do Paraná junto ao Instituto Nacional do Mate; coronel Gilberto Marinho, dr. Romero Estelita, dr. Marques Pôrto, professor Samuel Libânio, dr. Generoso Ponce Filho, presidente do Instituto do Mate, e sr. Francisco Negrão de Lima. **À DIREITA** — Fotografia colhida quando falava o presidente do Instituto Nacional do Mate, dr. Generoso Ponce Filho, por ocasião da solenidade inaugural do novo pôsto de distribuição do saudável refrigerante no Palácio Guanabara, sede do Govêrno Municipal

Tudo ist

O PARA' SEM PEIXE



Noticiam telegramas da capital paraense que a população da cidade está sofrendo bastante com a falta de carne e de peixe.

Que falte carne de vaca no Pará, compreende-se mais ou menos; mas que a população de Belém passe necessidade por falta de peixe, francamente, é de estarrecer.

Todo mundo sabe que a posição de Belém é privilegiada em relação aos meios de pesca. Localizada entre o mar e dois rios enormes, contando ainda com um labirinto fluvial indescritível e com numerosas ilhas, destacando-se a famosa Marajó, a capital do Pará de maneira nenhuma poderia ficar sem carne e sem peixe.

A ilha de Marajó, com uma área maior do que a Suíça, possui excelentes pastagens para criação de gado. Por todos os lados há canais, igarapés, igapós, córregos, ilhas e ilhotas, todo um oceano de mares, rios e terras, tudo numa oferta da Natureza dadivosa para que o homem possa criar seu gado e pescar peixes em abundância.

Como admitir então que falte peixe no Pará?

Com certeza se trata daquela mesma história da indolência do sertanejo: plantando dá. Assim dirá o paraense: pescando dá...

Há certas coisas que não se pode admitir. Faltar café em S. Paulo, leite em Minas, carnaúba no Ceará, babaçu no Maranhão, cacau na Bahia, mate nos Estados do Sul, pirarucu no Amazonas, peixe no Pará.

Estamos, é bem verdade, numa época cheia de surprêsas e mistérios. Muitas vêzes falta café em S. Paulo, o leite desaparece em Minas, a cera no Ceará o babaçu no Maranhão, o cacau na Bahia, o mate nos Estados do Sul, pirarucu no Amazonas e... o peixe no Pará.

Por que? Há mistérios e manobras em certos desaparecimentos. Os poderes públicos, se quiserem, poderão descobrir os artigos sumidos. De ordinário só aparecem quando o preço sobe...

AS ILHAS FANTASMAS



A Inglaterra é o maior império do mundo em quilometragem territorial e súditos espalhados pelos sete mares do planeta.

Em virtude dessa condição que já lhe tem dado muita dor de cabeça, especialmente agora com a desvalorização da libra esterlina possui a Grã-Bretanha enorme quantidade de ilhas em tôdas as latitudes e longitudes.

Acontece, porém, que os mistérios dêste mundo são muitos, e o Império Britânico também está sujeito a sofrer as consequências dêsses mistérios.

Faz poucos dias o sub-secretário para as colônias, Mr. David Rhees- Williams, anunciou na Câmara de Comércio de Croydon que a Inglaterra havia perdido uma ilha.

Acrescentou, entretanto, que não vá alguém acusar o Govêrno trabalhista de estar liquidando o Império Britânico. E' preciso, antes de qualquer comentário, conhecer bem o caso.

Para mostrar que o prejuízo não fôra registrado por culpa do Govêrno, explicou que a ilha era uma das numerosas possessões de Sua Majestade, mas que se conduzia da maneira mais estranha possível. Trata-se de uma das ilhas do grupo que forma o arquipélago de St. Brandon, no Oceano Índico.

Quatro ilhas dêsse grupo desapareceram durante o ano passado, sendo que uma delas, a de nome Avecaire, desapareceu e reapareceu novamente.

O mais curioso porém, não é essa faculdade que tem essa ilha de brincar de esconder, e sim por ser composta exclusivamente de homens a população da mesma. O motivo é simples: os indigentes não querem mulher lá entre êles, alegando que as filhas de Eva só servem para provocar barulho... Outra ilha, a Falcon, desapareceu e reapareceu, isso por três vêzes. Uns nativos da ilha Tonga correram e fincaram ali a bandeira de sua tribo; mas o domínio demorou pouco, pois, em seguida, a ilha sumiu com bandeira e tudo!

CONQUISTA DA LUA



Êsse pálido e feminino satélite da terra, desde que o mundo é mundo e nele apareceu o homem com suas namoradas, tem servido quase que exclusivamente para provocar lirismos, baladas e poemas sentimentais.

Só de tempos em tempos é que a lua proporciona aos senhores astrônomos e cientistas um eclipse do sol, quando o nosso subúrbio astral se interpõe com tôda a sua massa morta entre nós e o sol, provocando os eclipses totais do astro-rei.

Fora dêsses raros espetáculos, o que a lua nos inspira é o que os poetas e trovadores, os contistas e fazedores de romances escrevem para deleite das almas simples e amantes.

Um luar um plenilúnio, à beira da praia, no alto das montanhas, à margem dos rios, no alto sertão, encerra o que de mais belo se pode imaginar.

A lua foi sempre a namorada de Catulo Cearense, e uma de suas mais belas e mais famosas produções poéticas é aquela que o Brasil inteiro sabe de cor: "Luar do sertão".

Mas, ao contrário do que sucede com os poetas e os líricos, os homens de ciência não olham a lua com o mesmo espírito de estesia e amor, de arrebatamentos poéticos e lirismos literários. Não. Os homens de ciência querem a lua para outros fins.

Dentre êsses está o sr. Arthur Jonquel, membro da diretoria da Associação de Investigações de Los Angeles, o qual está empregando todo o seu tempo nos estudos das viagens interplanetárias.

Acaba de declarar êsse homem perigoso para os lunáticos, que, na próxima reunião da Sociedade, pretende tratar sôbre o estabelecimento de grande observatório astronômico na lua.

Diz êle que, em futuro próximo, poderemos fazer viagens ao satélite, dependendo de uns dez milhões de dólares. Se tal acontecer muita gente vai deixar a poesia, para ser agente de turismo...

ESCOLA DE MENDICÂNCIA



Quando ocupou, durante algum tempo, a interventoria de São Paulo, o general Manuel Rabelo reconheceu nos mendigos daquele Estado o direito de pedir esmolas. Foram chamados de "Cidadãos Mendigos".

O general Manuel Rabelo tinha uma formação espiritual positivista, e, de acôrdo com a filosofia de Augusto Comte, nenhuma estranheza poderia haver na existência do "Cidadão Mendigo". ...

O caso que se passou recentemente em Teresina, capital do Piauí, em matéria de mendicância é, porém, mais curioso ainda e nada filosófico.

Tudo girou em tôrno do estado de mendicância em que está o presídio estadual daquela cidade. Não havendo recursos para sustentar os detentos e na iminência de passarem fome, o diretor da Casa de Detenção recorreu a esta solução: mandou que os presos saíssem à rua para pedir esmolas...

Como, evidentemente, não era possível saírem todos à cidade, ficou deliberado que o diretor elegeria um deles para arranjar fundos necessários à manutenção dos reclusos, já que não havia dinheiro em cofre.

Um dos detentos foi o escolhido para pedir esmola para a família, saindo-se a contento de todos os demais.

A imprensa de Teresina tem atacado o govêrno estadual, movendo-lhe intensa campanha e responsabilizando-o pelo estado de penúria a que chegou o Piauí.

Não resta a menor dúvida. O fato encerra uma novidade absolutamente inédita. Até agora podiam os indivíduos ser levados à prisão pelo exercício da mendicância; mas que venham a pedir esmolas justamente para se manterem na cadeia... E' incrível!

O RELÓGIO DE HEIDELBERG

HÁ por êsse mundo fora muitos relógios famosos.

Mas nenhum poderá comparar-se com êste que o alemão Michael Waitz passou nada menos de 39 anos a construir.

Waitz imaginou um relógio monumental e cheio de característicos originais e absolutamente inéditos.

Mede a peça cronométrica 4 metros de altura e possui dispositivos mecânicos que nos mostram a hora, o dia, o mês, a estação, as fases da lua, a hora em que o sol nasce, as condições do tempo e mil e uma coisas indispensáveis ao conhecimento humano.

Além de tudo isso, que por si só já encerra verdadeira maravilha de técnica e paciência, de engenho e arte, a cada minuto que se passa uma campainha emite um som semelhante a um suspiro. E' um som melodioso, como se algum coração amante estivesse a esperar pela pessoa amada.

Os quartos de hora são marcados de maneira sensacional. Aparece, como por encanto, uma criança acompanhada de um jovem, um homem maduro e um velho. Aparecem através de uma porta bem dissimulada, avançam de mãos dadas e desaparecem por outra.

Mas a figura mais impressionante dêsse relógio fantástico é a que surge aos olhos do observador a cada hora que se vai.

Quando o ponteiro dos minutos dá o seu giro total e marca o fim de uma hora exata, aparece um esqueleto vestido em roupas brancas e com o seu alfange ao ombro, símbolo universal da Morte. Isto significa que O Tempo passou, as horas que se foram estão mortas e jamais serão recuperadas.

Êsse relojoeiro é um grande filósofo. Como não era escritor não nos deixa uma obra como o fêz Nietzsche. Presenteia-nos com um relógio. Mas o que mais nos emociona em tudo isso é que Michael Waitz não viu seu relógio terminado e, se não houvesse ensinado aos seus netos o mecanismo da maravilha, estariam perdidos quase 40 anos de trabalho...

O relógio de Heidelberg não somente pode ser considerado a maior maravilha no gênero, como rememora o drama de seu inventor, que movimentou a figura da Morte como se a houvesse armado de foice para marcar o seu próprio fim.

Aconteceu

A MULHER QUE VIROU HOMEM



Há em todos os Estados do Norte do Brasil a crença, muito em voga entre as crianças e os indivíduos atrasados, de que se uma pessoa passar por debaixo de um arco-íris mudará de sexo.

Dá-nos um telegrama vindo de Viena para jornais do Rio, a notícia de um caso originalíssimo em matéria de mudança de sexo.

Está causando sensação no tribunal da cidade de Graz, na Áustria, o casamento que houve entre a senhora Margareth Ferdinand Hoeffer e outra mulher.

A união matrimonial durou sete anos, e a espôsa de Margareth declarou em juízo que jamais desconfiara que seu espôso fôsse uma mulher...

Chamada a depor, Margareth que sempre usava o sobrenome de Ferdinand, naturalmente para despistar, declarou que em 1938 mudara de sexo, tendo na mesma época prevenido as autoridades policiais sôbre tal fenômeno, as quais a autorizaram a usar em público as roupas masculinas.

Ora, na qualidade de homem, nada mais natural que se apaixonar por uma mulher bonita, casando-se com ela. E foi o que Mr. Ferdinand ou Mrs. Margareth, como quiserem fêz sem maiores dificuldades. Amarrada no civil e no religioso, viveu com sua cara-metade pelo espaço de sete anos. Infelizmente o assunto foi descoberto e o casal chamado a falar. O tribunal de Graz se reuniu em sessões secretas, pois se trata de fato visivelmente escabroso.

Como não se pode julgar um tema dêsses pelas aparências e timbre de voz, entregaram a médicos o exame legal do caso. Os facultativos não tiveram opiniões contrárias: ela era ela mesmo, ... autêntica.

E mais uma vez se desmentiu a história do arco-íris...

ESTRANHO ESPORTE



Em nossa edição anterior tivemos oportunidade de registrar nesta página o fato de um pianista se propor, em Viena, tocar durante cento e tantas horas batendo o seu próprio recorde. Elogiamos a atitude da Prefeitura daquela cidade, que negou permissão ao idealizador de tamanho disparate.

Mas é enorme a quantidade de pessoas que se dedicam a certos esportes sem qualquer finalidade construtiva ou útil à espécie humana.

Um dêsses exemplos nos chega de Cleveland, em telegrama da United Press para jornais do Rio. O sr. Charlie Lupica, campeão mundial de permanência no alto de um poste, desceu ao chão depois de ter ficado em cima de um poste durante 117 horas.

Ao tocar o chão, com ares de vitorioso, beijou a espôsa e os quatro filhos, um dos quais nascera enquanto Lupica permanecia sentado no alto do mastro erguido no Estádio Municipal de Cleveland, Estados Unidos.

Charlie Lupica estava orgulhoso por ter batido o recorde anterior de 72 horas, em poder de Milton Van Noland, de S. Francisco da Califórnia.

Aí está uma modalidade de esporte de que não tínhamos notícia, absolutamente. Até hoje nos conhecíamos recordes de resistência no "swing", na valsa, em esquies, ao teclado de piano; mas que um cidadão suba a um poste no centro de um estádio e lá se fique sentado, durante 117 horas, ou sejam, 4 dias e 21 horas apenas porque um outro excêntrico suportara 72 horas, ou sejam, exatamente, 3 dias, isso é o cúmulo do não ter mesmo o que fazer!

E quando o quarto filho de Charlie crescer, ficará sabendo que o pai, em 1949, foi o campeão da indolência ao ar livre...

SONHOS PROFÉTICOS

APESAR de os mestres da psicanálise afirmarem que o sonho nada tem que ver com o sobrenatural, nada mais significando que um fenômeno de estímulos externos e internos atuando sôbre o indivíduo, ou, ainda, resultados de fatos ocorridos durante tôda a vida do indivíduo, mesmo quando ainda subordinado à vida do "Id", o que não se pode negar são certos fatos registrados na vida real que nos deixam perplexos.

Agora mesmo acaba de suceder um dêsses episódios.

Maria Cattaneo, de 43 anos de idade, freira, que recentemente deixou um convento em Nice, por motivos de saúde, foi trabalhar como camponesa na aldeia de Ponte Stara, perto de Milão.

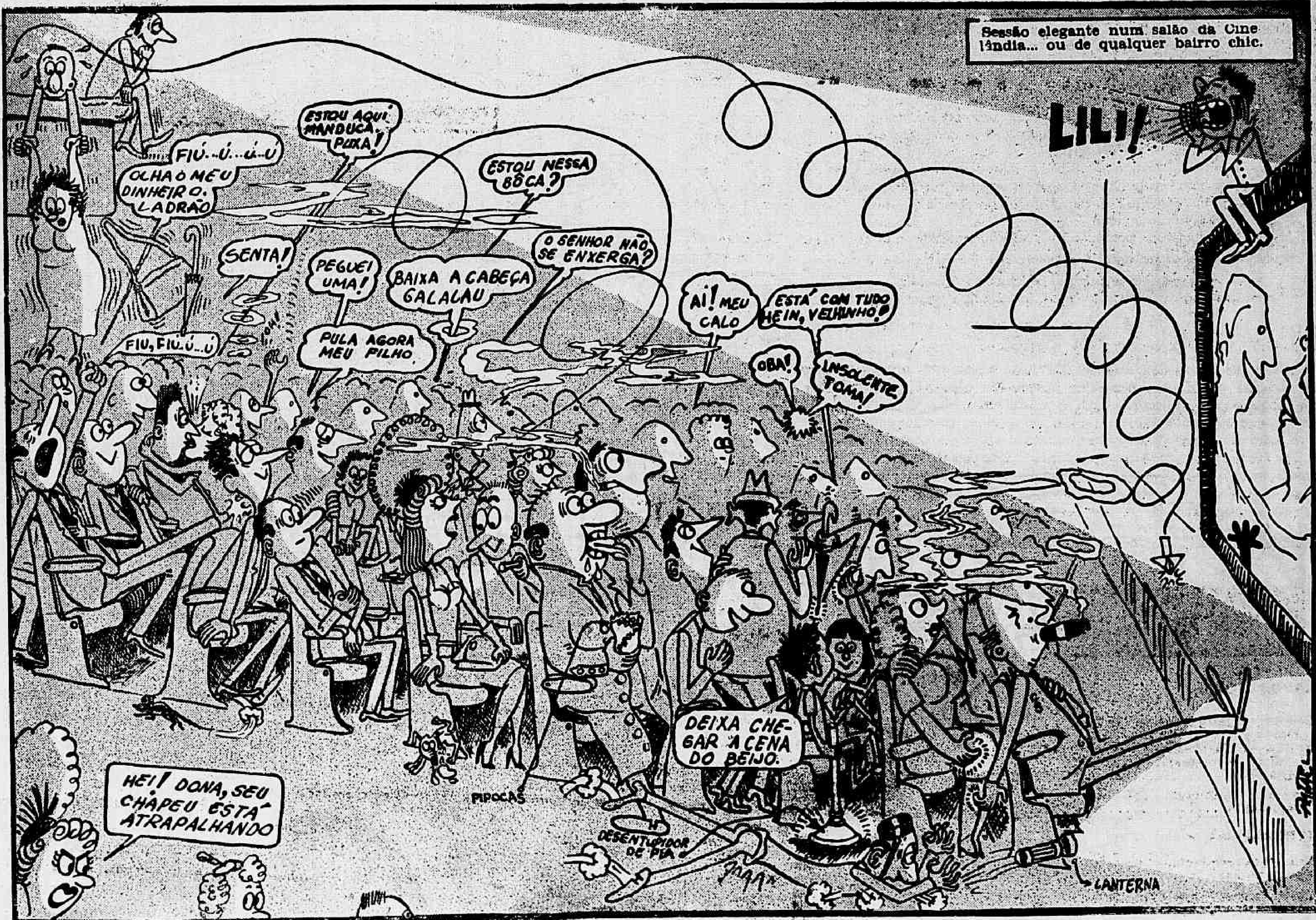
Lavrara a terra para obter o sustento, quando comprou um bilhete da loteria do Estado. Correu e ela ganhou a belíssima soma de 83 milhões de liras, tornando-se rica.

Perguntaram-lhe como acertara tão facilmente, e ela respondeu: "Minha mãe sempre me falava, em sonhos, e aconselhava-me a que comprasse o bilhete 18.12.6.25".

A ex-freira comprou e... ficou rica!

Mas não comprou jóias, nem carros de luxo. Continuou a lavrar a terra...

De qualquer modo, o novo palpite aí fica...







MULTADOS! O senso de humor do carioca faz ato de presença em tôdas as ocasiões, mesmo nas aparentemente mais inoportunas. A Semana do Trânsito, que, parece, vai estender-se por outras semanas distribuídas pelos pontos de grande movimento da cidade, modificou a fisionomia da avenida Rio Branco e por vêzes lhe emprestou nuances de festa carnavalesca. Enquanto os locutores, de seus pontos estratégicos, comandavam o tráfego, aconselhando os motoristas e os pedestres, dando a cada um deles orientação prática de como devem portar-se em uma grande capital igual à nossa, e os guardas, em baixo, no asfalto, de braços abertos para um lado e para outro, de acôrdo com o sinaleiro verde-amarelo-vermelho, evitavam complicações e balbúrdia — os "mironês", postados nas esquinas, glosavam os embaraços de alguns. E quando uma dama ou cavalheiro eram multados, então, a coisa assumia proporções de vaia ao juiz ou aos componentes de um prélio de futebol... O pagamento da multa é feito ali mesmo, em plena rua: dez cruzeiros é quanto está custando a travessia da Avenida fora das faixas. (Dentro das mesmas, essa travessia continua inteiramente grátis...) Namorados de braços dados e olhos pendurados no infinito, pagam a multa felizes, sem fugir ao seu transporte de sonho e ilusão. Turistas, gente do interior, que chegaram na véspera e ainda não tomaram conhecimento das novas medidas do Trânsito, estendem a pelega e divertem-se. Há mais uma coisa engraçada para contar, quando voltarem a casa... Na gravura, dois flagrantes de multas, ali na Avenida. A receita apurada pela Inspetoria do Trânsito não tem sido tão alta quanto se poderia esperar: é que, em se tratando de "gemer" em alguns cruzeiros, tudo fia mais fino... Por outro lado, porém, os acidentes por imprudência diminuirão. E êsse é o principal objetivo

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Cosme e Damião — os Dois-Dois 8/10
Béja — de Mariana Alcoforado 11/13
Assim é impossível! (Sabino Canaline) 14/19
Estádio Municipal (Luiz Mendes) 33/37

LITERATURA

Uma data esquecida (Renato de Alencar 3/5
Quero morrer contigo (Ribamar Galiza) 25
Minha Filha (Vicente C. de Carvalho) 38
Viver com amor (Margaret G. Nichols 54

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista — A Personagem da Semana 6
Puxe pelo cérebro 7
Música (Roberto Lyra Fº) 47
Tudo isto aconteceu 56/57

TEATRO

"Bar do Crepúsculo" 21/24

CINEMA

O elemento negro em "Castro Alves" 26/31

HUMORISMO

Bom Humor 20
Os Entendidos (Théo) 32
"Charge", de Rafael 57

PARA A MULHER

Nos Bastidores Femininos (O. B.) 39
Problemas da Mulher (Mercedes Santos) 40
Chapéus de palha 40
Cinco horas em Paris 41
A Saúde do Bebé (Dr. Sabóia Ribeiro) 42
Loura ou Morena 42
Conversíveis 43
Week-End na cozinha 44
Paris elegante 45

FOLHETIM

Scarlet 53

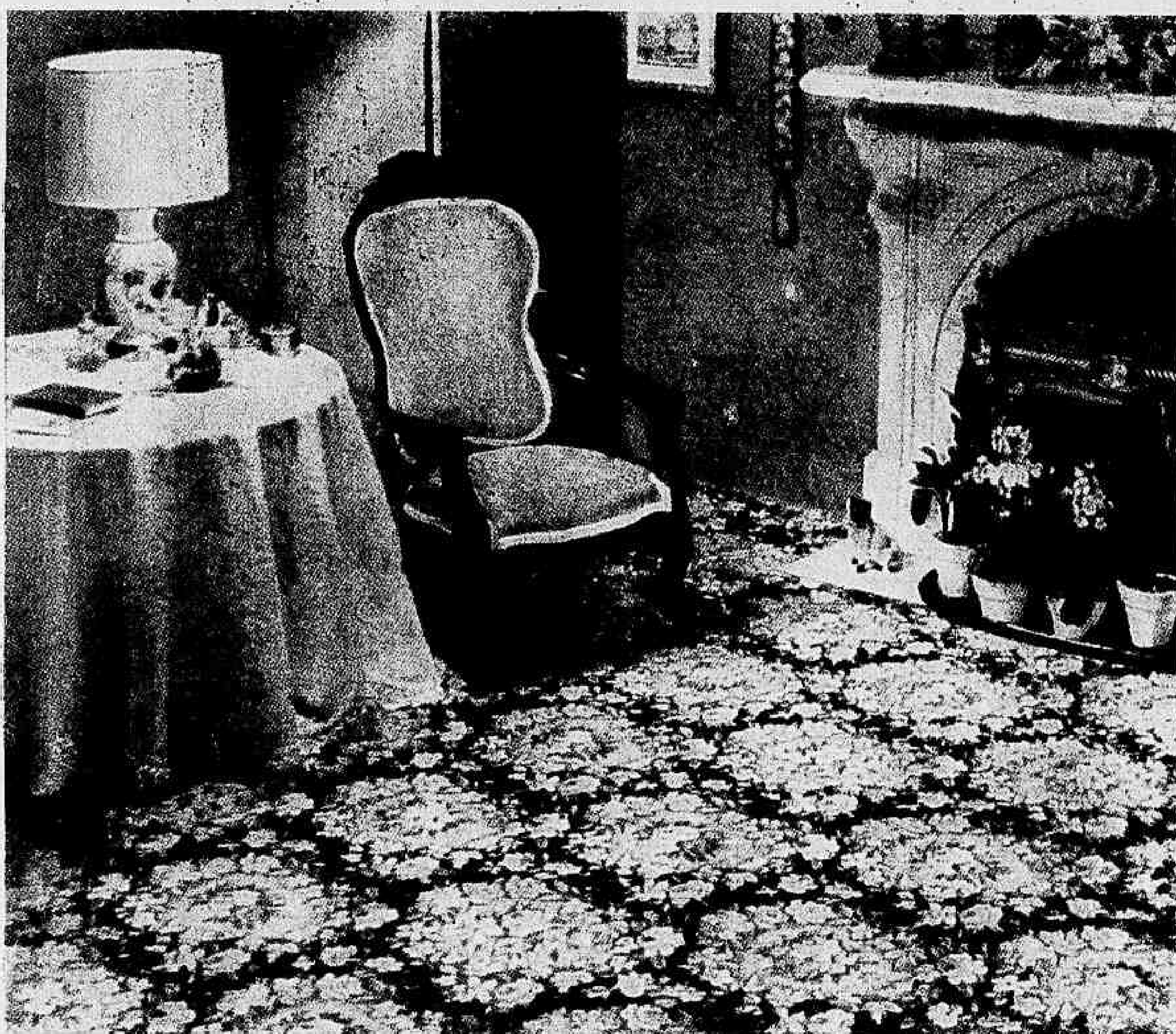
NA CAPA

Shelley Winters (Foto Universal International)

RESPOSTAS AS PERGUNTAS DA PÁGINA 7

1 — A língua inglêsa.
2 — 1871.
3 — 1900.
4 — Campos Sales.
5 — Março.
6 — Bartolomeu Bueno da Silva.
7 — Os holandeses.
8 — China.
9 — Avinhão, França.
10 — Augusto Severo.
11 — Almirante Barroso.
12 — A Ordem de S. Bento, no Rio.
13 — Imbuí.
14 — 20.590.085$000.
15 — Campos Sales.
16 — Moreira César.
17 — 15 de junho de 1901.
18 — Abel Parente.
19 — Mecânico de Augusto Severo, morto com êle no desastre do dirigível "Pax", em Paris.
20 — Da Biblioteca mandada organizar por D. José, depois do terremoto de Lisboa.





Mobiliários e Decorações

—especialidade em grupos e móveis estofados—



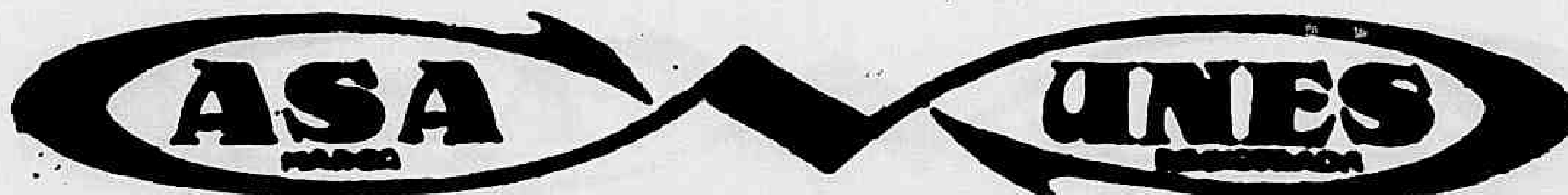
Orçamentos e desenhos por técnicos-decoradores



Acabamos de receber da **Inglaterra** novos desenhos de **Tapetes** e **Passadeiras** com flores e **TAPETES** de **PELÚCIA**

Grande sortimento de **TAPETES** e **PASSADEIRAS** franceses, tchecos, persas (legítimos), portuguêses e nacionais — diretamente das fábricas





65 — RUA DA CARIOCA — 67 — RIO DE JANEIRO



O elegantíssimo Golden Room do Copacabana Palace, com suas magníficas orquestras e shows internacionais e o ponto de reunião preferido pela alta sociedade carioca.

Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

O convívio *dela*... o ambiente agradável de uma boite elegante... e um cigarro Hollywood, são prazeres que se completam. Fumar um Hollywood é algo de repousante — um complemento perfeito das horas de lazer ou de trabalho. Hollywood é uma tradição da sociedade brasileira, por sua suavidade toda especial... e seus fumos escolhidos. Por isso V. simplesmente não pode dispensar Hollywood...



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**